

# RESENHA

ÓRGÃO DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO DO PIAUÍ ANO VIII - 17 - TERESINA, ABRIL/JULHO 1988

## MEMORIAL TERTULIANO BRANDÃO FILHO

PORTO  
DAS BARCAS

TEMAS PIAUIENSES  
NA PINTURA  
DE BALTAZAR DA  
CÂMARA

SITIOS  
ARQUEOLÓGICOS  
DO PIAUÍ

A HISTÓRIA  
DA IMPRENSA  
PIAUIENSE

REVISTA

PE. SOLON  
CORREIA DE ARAGÃO

# **ABRA SUA**

# **Bepoupar**



**A maneira nossa de fazer poupança**

# PRESENÇA

Órgão Oficial da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí

Governador do Estado do Piauí  
JOSE RAIMUNDO BONA  
MELLOIROS

Secretário de Cultura, Desportos e Turismo  
PE. SOLON CORREIA DE ARAGÃO

Presidente da Fundação Cultural do Piauí  
José Elias de Araújo Lobo

Presidente do Conselho Estadual de Cultura  
BENJAMIN DÓ REGO  
MONTLIRU NETO

Editor:  
EDUARDO LINSER M. NUNES  
KUITAS

Conselho Editorial  
Eco. Miguel do Moinho, Carlos  
Ezequiel Fulâbe, José Arthur  
Gomes e Alcílio Afonso  
Albuquerque

Secretaria  
Sonia Maria Serrinha Cunha e  
Silva

Diretora Comercial  
Isomira Petersen Alencarquer

Transcritor  
Vergílio Queiroz

## Colaboradores

Cunha e Silva, José Arthur  
Garcia, Humberto  
Guimarães, Chico Castro, Maria  
Figueiredo dos Reis, Eco.  
Rodrigues, Eco. Miguel do  
Moinho, Líder Carvalho, Eleazar  
Meira, Carlos Alberto Gomes,  
Ego. Rodrigues, Wilson Santos,  
Maria Auxiliadora P. Lima,  
Ácila Afonso Albuquerque,  
Carlos Lyandro Lulálio,  
Humberto de Campos, Luiz Pires  
de Freitas, Daspertto Carvalho  
Júnior, Adil Campeão, Sarah  
Mangão M., Paulo Nunes, Ana  
Célia Correia, Odilon Queiroz e  
Chico Castro

Fotolito e Impressão:  
COMEP

# PRESENÇA

MEMORIAL TERTULIANO  
BRANDAO FILHO



PE. SOLON  
CORREIA DE ARAGÃO

NOTÍCIAS / PIAUÍ  
PE. Solon Correia de Aragão é homenageado no  
aniversário da cidade de São Luís

A Revista Presença é, hoje, um compromisso intelectual do Piauí. Honrá-lo é tarefa dos que executam a política cultural do Estado. Dos que fazem, portanto, a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e a Fundação Cultural do Piauí.

Temos consciência disso. Como, também, da intemporalidade da revista, enquanto intérprete — veículo de formação e informação que é — de nossas manifestações culturais. O que registra esta edição é, cronologicamente, novo tempo administrativo. Tempo que marca o Governo Bona Meilleiros, o comando, a nível de Secretaria, do Padre Solon Correia de Aragão. E porque acreditamos no Piauí e em suas potencialidades intelectuais e turísticas, porque nos temos empenhado na preservação e defesa

dos mais caros bens de nossa cultura, porque se tem feito, justamente, através da "Presença" seu registro e divulgação, apostamos na revista.

Reputada terceira vicia efêmera em sua primeira fase — em fins de 1982, no pequeno-grande mandato de Manoel Paulo Nunes, a Revista Presença, transcendeu os limites da província e se inscreveu como sua realização maior. Associa-se-lhe, em seguida, os nomes do Deputado Jesualdo Cavalcanti e da Professora Lena Monteiro, de dedicação e zelo, que convém ressaltar. Agora a missão é nossa. Sob a orientação bem intencionada do Secretário Solon Aragão, temos certeza saberemos honrar este compromisso do Piauí cultural.

Ferrer Freitas

## SUMÁRIO



ENTREVISTA:  
PE. SOLON CORREIA DE  
ARAGÃO

PAG. 5



ARQUIVO PÚBLICO  
(CASA ANÍSIO BRITO)  
JOSÉ AIRTON  
GONÇALVES

PAG. 21



TEMAS PIAUENSES NA  
PINTURA DE BALTAZAR  
DA CÂMARA

PAG. 24



PORTO DAS BARCAS  
ALCILIA AFONSO  
ALBUQUERQUE

PAG. 27



A EDUCAÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO  
LUIZ PIRES DE FREITAS  
PAG. 33



LENA MONTEIRO  
UM EXEMPLO DE  
CULTURA E EDUCAÇÃO  
PAG. 48



O CARNAVAL EM  
PARNAÍBA  
HUMBERTO DE CAMPOS

PAG. 50



SITIOS ARQUEOLÓGICO  
DO PIAUÍ  
ANA CLÉLIA CORREIA

PAG. 56

DEVIA SER TUDO NOITE  
FRANCISCO MIGUEL DE  
MOURA

PAG. 71

A HISTÓRIA DA  
IMPRENSA PIAUENSE  
CUNHA E SILVA

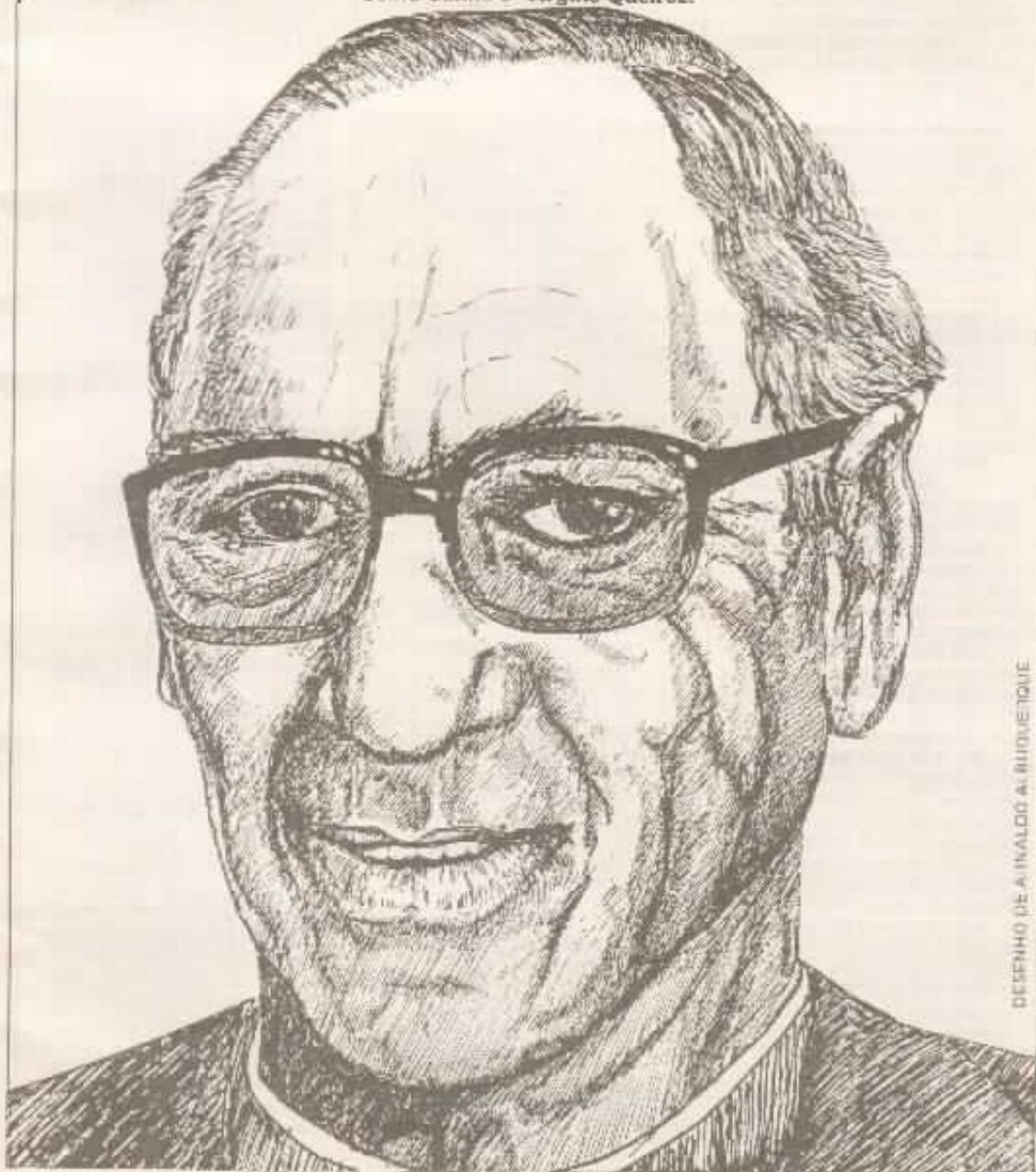
PAG. 76



*Entrevista*

# Pe. SOLON CORREIA DE ARAGÃO

Secretário de Cultura, Desportos e Turismo,  
concedida a Ferrer Freitas,  
Sônia Cunha e Virgílio Queiroz.



DESSENHO DE A. NALDO ALBUQUERQUE

**PRESença** O ex-Secretário de Cultura é um político. O senhor também não. Não ficaria melhor no cargo um intelectual?

**Pr. SOLON ARAGAO** Esta pergunta leva-me a concluir que o repórter não só no intelectual a capacidade de administrar e o privilégio da cultura. O qual não admito. O Presidente Sarney convocou Fernanda Montenegro para o MINC e depois confiou-a ao ministro. Nem esta nem aquela me constam ser intelectuais. Eu sempre invocava o próprio Ministro da Cultura. Foi mais um economista.

**PRESença** A cultura plauense vive tendo o apoio do SECTUR?

**Pr. SOLON ARAGAO** Este é o meu a impressão, direi mesmo a certeza, de que a cultura plauense encontra-se num verdadeiro estado de efervescência. Isto é um processo que não para, nem deve parar. Como não continua a dar o apoio que, ali agora, tem recebido nas outras administrações? Do contrário esta Secretaria, criada para isso, teria traçado sua desuturação.

**PRESença** Como o senhor ve a concessão de benefícios na área de Imposto de Renda, para operações de caráter cultural?

**Pr. SOLON ARAGAO** Vejo com muita esperança o com a sequência da planta que, em solo agrônomo, recebe a chama benfeizera.

**PRESença** Como o senhor vê o momento cultural plauense em relação à literatura, ao teatro, à música, ao cinema e às artes plásticas?

**Pr. SOLON ARAGAO** Como disse, fiz em num a carta de que o momento cultural do Piauí é de 80. No que tange à literatura há uma paixão de escritores com segredos outros chegando, à procura de espaço. No que diz respeito ao teatro, os autores plauenses, bem como os atores, também festejaram e premiados aqui e lá fora. A indústria plauense só se afirma, sem contestação. O cinema certainamente é um grande instrumento

Assis Brasil. As artes plásticas, bem praticadas, e exposições em profusão.

**PRESença** A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo se relaciona bem com os grupos de teatro do Piauí?

Não há falta de apoio!

**Pr. SOLON ARAGAO** Tenho horado o me hor entre a Secretaria e os grupos de teatro. Hacemos a todos com o respeito que merecem e com a urbanidade de amigos da classe. Um maior apoio não se lhes oferece,

por exceder de recursos.

**PRESença** Há barreiras ao desenvolvimento da cultura plauense?

**Pr. SOLON ARAGAO** Se barreiras existem, oriundas de nossa pobreza, elas pouco são infastadas pelo coração dos agentes da nossa cultura.

**PRESença** Quais são as prioridades da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo em sua administração?

**Pr. SOLON ARAGAO** Mai disponibiliza tempo para o prosseguimento do programa que herdei. A negativa de recursos para prioridades novas impede-me de prover algo que marque a presente administração. Se me for possível, desejo intensificar a cultura, como prioridade desta gestão que só dura de 8 meses.

**PRESença** Como o senhor encara a desvinculação de cargos. Secretário/Presidente da Fundação Cultural?

**Pr. SOLON ARAGAO** Temos a grandeza de pensamento e ação ante mim e o Presidente da Fundação Cultural, Dr. José Elias Araújo Leno, que a desvinculação não me causou medo.

**PRESença** As feiras de arte popular vão voltar a funcionar como é o desejo da comunidade?

**Pr. SOLON ARAGAO** Conseguiemos dessa volta. Eles terão, enfim, seu caráter tradicional cultural.

**PRESença** O Troféu Petrônio Portella vai dar continuidade ao plano editorial do Estado?

**Pr. SOLON ARAGAO** Esse projeto é um grande instrumento

dos objetivos da Secretaria. Não só porque soltar sua trajetória

**PRESença** O que o senhor acha da revista Presença, com organo de difusão da cultura, do esporte e do turismo plauense?

**Pr. SOLON ARAGAO** Tenho para mim que a revista Presença é nosso carro chefe. Sua apresentação gráfica é, mais que isso, seu conteúdo. Ihe tem valido prestígio nacional. Não será considerada clássica entre as melhores do País.

**PRESença** Como o senhor vê a evolução do nosso folclore tão desprestigiado pela comunidade, e, até mesmo, pelos poderes públicos?

**Pr. SOLON ARAGAO** Nossa folclore tem os seus estudiosos e pesquisadores. Tem cultores entre os literatos e gente do povo. Todos juntos garantem a sobrevivência, pela prática das expressões folclóricas e pelo prazer tanto aos poderes públicos. Durante a realização das folguedos pudemos constatar a presença do folclore plauense. Infelizmente, não há inovações o que se nota em diversas áreas da expressão do espírito humano. Vira você o que, de novo, apresenta o carnaval, em termos da música? O povo continua a cantar as mesmas marchas e sembas que empolgaram há quarenta anos passados. Os cantos de Nati, por exemplo, praticamente foram substituídos ao Adelio Fidélis e Nísio Eirí. Nada de novo apareceu que entusiasmasse os filhos. Procurem quantas Marchas Nacionais surgiram depois das duas classes que conhecemos. Não há desprazigo, ou falta de incentivo. Há deficiência de criação e de criatividade.

**PRESença** Para o senhor, a política de turismo implantada no Piauí já conta com infra-estrutura para atrair turistas a conhecer o nosso Estado?

**Pr. SOLON ARAGAO** Existe um desejo momentâneo de que o Piauí entre a participar do movimento turístico brasileiro. A PIEMTUR desenvolve o Programa "Piauí Slim" — gasto concreto daquele desejo — que será verdadeira ponta de lança para abertura do Piauí aos turistas brasileiros.

até mesmo estrangeiros  
**PRESENÇA** A cultura brasileira obedece a um planejamento e metas pré-estabelecidas de forma que atende aos setores dominantes. Qual é a sua visão sobre essa afirmativa?

**Pe. SOLON ARAGÃO** Não acredito que a cultura possa ser manipulada, a ponto de ser planejada e submetida a metas pré-estabelecidas. Ela possui forças endógenas próprias que imunizam dos avanços dos poderosos ou forças dominantes. Veja a verdade: os regimes autoritários, as ditaduras investem com tentativas de domínio cultural. Essas apenas conseguem confusões fedadas a desaparecer com elas.

**PRESENÇA** O senhor é contra ou a favor da proibição do filme "Je Vous Salut Marie", no Brasil?

**Pe. SOLON ARAGÃO** Considero este filme uma violência, um abusivo, uma idéia a toda minha estrutura de padre. Entendo que este cineasta teria uma das coisas mais nobres de que se orgulha o mundo: o cinema. Repito, com veemência, a mesmice desse profissional do cinema, a qual sob a pretensão da obra de arte, aquilo nossa fé com o atacado de sua impiedade. Para mim, é dever do homem cobrir a candura com o manto do maior mundo tecido. Sem querer cair em maneira condenatória, a proibição do filme, eu teria aderido ao estatuto do diretor, defendendo que cada um deliberasse, por si, assisti-lo ou não. Está na escritura que Deus criou o bem e o mal ilíano do homem. A ele cabe abraçar a um ou a outro. Entre o armário e o saco travelei. Faziam o primeiro.

**PRESENÇA** A Nova República, ao tomar a medida de vetar o filme e proibir a música "Merda" do Caetano Veloso, não está, de certa forma, nos levando a meditar sobre o provérbio que diz: "Quando a arte é censurada não temos muito para que sonharmos também o seu artista?"

**Pe. SOLON ARAGÃO** Longe de mim dizer tal entendimento. Não se nega a liberdade, quando se condene um homem à recusa, nem se condene o

medicamento, proibindo um médico de exercê-la. Assim, não há força humana que sublique a verdadeira arte.

**PRESENÇA** Como o senhor vê a participação da Igreja no mundo socialista?

**Pe. SOLON ARAGÃO** Alguns países do chamado mundo socialista são de maioria católica, como o caso da Polônia e a Hungria. O papel da Igreja é o de assistência espiritual a seus filhos, dentro do grande ensino do Mestre - dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus."

**PRESENÇA** A Teologia da Libertação é uma saída para a chamada "Crise Religiosa"? Ela levava a comunidade e seus problemas para um debate mais amplo com a Igreja?

**Pe. SOLON ARAGÃO** Dizia que é uma saída para a crise teológica, crise social. Ou os homens se libertam do egoísmo, do desamor, da discriminação, ou não teremos jamais convivência fraternal e paz entre os concidadãos. Constitui uma felicidade, uma justiça, dizer-se que ela se baseia em Marx. Seu verdadeiro e grande seguidor é Jesus Cristo, o grande libertador de todos os mortais. Ao dizer que quem tivesse duas túnicas dvesse dar uma que não tinha, promovia uma melhor distribuição de bens, como preitor da mais pacífica convivência entre os homens.

**PRESENÇA** O senhor é a favor do celibato?

**Pe. SOLON ARAGÃO** O celibato, desde muitos séculos, é um dos sacrifícios que os vocacionados ao estado sacerdotal... na Igreja do Ocidente davam assumir. Quando me convocaram que tinha, além de concubilidade, também vocação, resignei-me à exigência da Igreja, de sua vontade, sem deixar de a considerar ética. Lembro-me da advertência do autor de "Imitação de Cristo": "tanto maior será o seu progresso [espiritual], quanto maior for o sacrifício que te impuseres a ti mesmo".

**PRESENÇA** Como o senhor

analisa o quadro político nacional atual?

**Pe. SOLON ARAGÃO** Prefiro não dizer, mesmo porque, a meu ver, o panorama mudou de maneira estontemente. Uma coisa parece cristalizada infelizmente: "para muitos quase a totalidade dos políticos a política está sendo uma luta de interesses e uma escaramuça de ventres".

**PRESENÇA** O senhor é homem bem humorado, com senso de humor apurado. As risadas que curam o seu rispido são frutos de sua imaginação ou são verdadeiras?

**Pe. SOLON ARAGÃO** São frutos da presença de espírito e agilidade mental. Nunca me sumi para excesso de qualquer estória a mim atribuída. O estalo só dá no bico.

**PRESENÇA** Ainda sobre senso de humor, alguém já disse que o homem que não tem senso de humor é burro. O senhor concorda?

**Pe. SOLON ARAGÃO** De maneira alguma. O senso de humor existe em todos nós... em maior e menor intensidade. Isso acontece com todos os componentes do nosso conhecimento. O "Ol" de cada um difere muito. Conheço gente com muita inteligência e pouco senso de humor.

**PRESENÇA** Como o senhor recebeu o título de Monsenhor, que é honorífico?

"camarão" do Papa?

**Pe. SOLON ARAGÃO** Recebi com agrado e admiração a quem me concedeu. Hoje não se chama de "camarão", mas Capelão de Sua Santidade. É um título honorífico, mas eu preferi sentir como Camarão para quem "me honra" mais seja merecível-lhe assim se ler, do que se-las "sem as honras".

**PRESENÇA** Quantas vezes o senhor fala de Sociedade e de Educador?

**Pe. SOLON ARAGÃO** Fecho 42 anos de sacerdócio e outros tantos de educador. Sempre me considerei um ser idoso de meus particulares e concididos. Fiz disso "ago" a minha quinta maior.

**PRESENÇA** O que o Senhor diz? Peça ao Poder!

**Pe. SOLON ARAGÃO** Muito mais paciência. Quanto alcancei na vida, devo, por intermédio, à minha carreira e vocação de padre.

# *Ensaios* AS LINGUAGENS HETERONÍMICAS PESSOANAS



## CARLOS EVANDRO M. EULÁLIO

Diana de um poema de Fernando Pessoa, questionar o enigma de sua pluralidade criativa, com ênfase nos projetos literários PESSOA-IPSE, CAEIROS, REIS e CAMPOS constitui a nossa primeira dificuldade, sobretudo quando iniciamos decifrar os seus múltiplos sentidos, sem procurar nas entrelinhas de suas afirmações indícias que nos permitam formular possíveis hipóteses explicativas acerca da gênese de seus heterônimos.

Com apontamento nas poesias do autor e em particular nas suas declarações das "Páginas Intimas e de Auto-Interpretação" (PIAI),

procuremos tecer uma abordagem-síntese da obra poética de Fernando Pessoa, nela considerando como aspecto essencial e primário a sua atitude experimentalista diante do complexo arte de fazer poesia.

Procedemos nosso estudo, a partir do exame da poesia ortônima para, em seguida, percorrermos o itinerário dos heterônimos, obedecendo à seguinte ordem: ALBERTO CAEIRO, RICARDO REIS e ALVARO DE CAMPOS. Essa ordem foge à quaisquer propósitos hierárquicos, mesmo porque a linearidade criativa de seus textos sempre foi

Carlos Evandro M. Eulálio:  
Crítico Literário; Ensaísta. Membro do Conselho Editorial "Petrólio Portella".

desartada pelo próprio Pesso conforme carta dirigida a Adelino Monteiro:

"...n o fenômeno de minha despersonalização instintiva a que aludi em minha carta anterior, para explicação da existência dos heterônimos, condus naturalmente a essa definição. (...) Não evoluo, VIAJO" (O Prosa, p. 101).

II

### FERNANDO PESSOA IPSE

O Projeto Literário FERNANDO PESSOA ELE MESMO, que compreende os textos MILNSAGEM, CANCIONEIRO e INÉDITOS apresenta tendências inéditas que desvelam o caráter

incolorizado do poeta, invólucro de fórmulas e achados:

"Mas eu não tenho princípios. Hoje defendo uma causa, amanhã outra. Mas não creio no que defendo hoje, nem amanhã teré fé no que defenderei." (PIAI, p. 65)

Essa instável atitude de Pessoa, que consiste na perene busca de transcender os fronteiras do finito e do acabado, faz com que identifiquemos na sua poesia ortópima um potencial gerador de outros textos formalmente antagônicos. Daí suas incursões pelo "PAULISMO" e pelo "INTERSECCIONISMO", correntes vanguardistas da moderna poesia portuguesa do início do século, teorizada a primeira no texto programático "Impressões do Crédulo" e a segunda, em nota preliminar ao "Cancioneiro". Mas Pessoa refuta essas correntes e proclama o SENSACIONISMO como doutrina básica de seus princípios, exatamente porque se fundamenta na negação a princípios estéticos.

"O Sensacionismo difere de todas as atitudes literárias em ser aberto e não restrito. Ao passo que todas as escolas literárias partem de um certo número de princípios, assentam sobre determinadas bases, o Sensacionismo não assenta sobre base nenhuma." (PIAI, p. 159)

Nos termos de Pessoa, o Sensacionismo considera na expressão de sensações, entendidas mais precisamente como forma gama de impressões que o objeto possa transmitir ao sujeito e que podem ser captadas, tanto do ponto de vista do objeto (objetivas), quanto do ponto de vista do sujeito (subjectivas). Consequentemente, para alguns heterônimos, a sensação será um dado essencialmente subjetivo e, para outros, riutrosamente objetivo. Para uns, portanto, o real será o objeto; para outros, o objeto encontra existência mental. O modo como o signo expressa a realidade compete a cada heterônimo deles. Isto diríamos então que o texto FERNANDO PESSOA - IPSE é experimentalmente coexistente

com as tendências futuristas que então se estabeleceram em Portugal, em meio à proliferação dos temas afura como uma poesia nitidamente metalinguística, na medida em que, por meio do "Paulismo", o poeta procura esgotar o modelo Simbolista, adotando uma postura acentuadamente crítica e de rejeição ao simbolismo até então nutrido por Teixeira Pessoua. Observamos esse aspecto talvez de maneira em "Impressões do Crédulo", no qual a confusão e de construções sintéticas, evidenciando o sensacionismo sucedentista, promove a exaustão do culto do vago, do impreciso, do indefinido;

"PAULIS DE ROÇAREM ansias  
pela minh'alma em ouro.  
Dolor longínquo do Outros  
Sinos. Impalidece o louro.  
Trigo na cinta do Poento.  
Corre um frio carnal por  
minh'alma.

Tão sempre a mesma, a Hora!  
Balouçar da cintura de paixão!  
Silêncio que as folhas fitam em  
tudo. Outono delgado.  
Dum canto da Vaga ave. Azul  
inquieto em estagnado." (O Pátrico, p. 106)

São, portanto, esse embriamento e esse simbolismo de sensações indefinidas que fazem com que os elementos estruturais do texto nele se distribuam conflitivamente, instituindo assim o desvaziamento semântico e abstrato do Simbolismo. Nesse sentido, podemos encetar o "Paulismo" como narrativa do Simbolismo, se admitirmos que Pessoa opta por uma atitude de extrema radicalização, se utilizan-se de processos como o associonismo de idéias, representado sobretudo pelo tipo sintético, pela desreferencialização do código, enfim, pela montagem paratática do texto.

Passo passo e essa experiência posteriormente ratificada por Pessoa, identificamos em sua obra a presença do interseccionalismo, mediante o qual a poesia pensava assimilando efeitos cubistas, configurando na circularidade poética, privilegiando acima

de tudo o recurso metonímico. Exemplo máximo dessa nova postura vamos encontrar nos seis poemas que compõem a "Chuva obliqua".

"Iluminou-se a igreja por dentro  
da chuva desse dia.  
E cada velo que se acende é mais  
chuva a bater na vidraça.

Alegria me ouvez a chuva porque  
ela é o templo estás aceso  
Lá as vidraças da igreja vestidas  
de fogo são o som da  
chuva envolvida  
por dentro...  
O esplendor do altar mor é o es-  
tão podia quase ver os mantes  
Através da chuva que é o ouro.  
Tão ouviu em tealha do altar.  
Só o vento é o canto latido e  
vento a sacudir me e viceversa.  
E sette-se cintar a água mi fez de  
lugar cinto.

A missa é um automóvel que  
passa  
Através dos fiéis que se ajoelham  
em hoco ver um dia triste.  
Súbito vento sussurra em  
esplendor maior  
A festa da catedral e o ruído da  
chuva absorve tudo  
Até em surpresa a voz do padre  
é que perdida no longe  
Com o som de ruas de  
automóveis.

E apagam-se as luces da igreja  
Na chuva que ressoa.  
(O Pátrico, p. 114)

Precedendo a fusão dos mundos interior e exterior, potencializam, conforme Benedito Nunes, o processo que determina, na expressão poética de Fernando Pessoa, a ascendência do pensamento sobre a sensibilidade.

### III

#### ALBERTO CAJERO

No começo de surgimento  
tinha sido o primeiro heterônimo  
de Fernando Pessoa.  
Heterónimamente e o mestre de  
Ribeira de Campa. Dentro os  
demais, o mundo que em torno  
de si, mesmo se previamente o  
mítico inicio biográfico.

Em Caxias, Pessoa ressalta  
mais do que nunca o aspecto  
objetivo, nuno e totalitário das



coisas, mediante o qual declara sua crise e fina e qualquer manifestação da linguagem.

No teoria **sensacionista**, a sensação corresponde ao real, à presentificação das coisas:

"Mas se Deus é as flores e as árvores  
E os montes e sol e o luar.  
Então acredito nela."  
(O. Poética, p. 207)

A **sensação**, portanto, consiste numa visão das coisas e do mundo, de modo natural, direto, alheio à necessidade de reflexão, para poder apreender o real.

"O essencial é saber ver!  
Saber ver sem estar a pensar.  
Saber ver quando se vê.  
Nem ver quando se pensa."  
(O. Poética, p. 317)

A negação ao espírito, especulativo das coisas, aparente maravilha, exprime contradiitoriamente, o esforço perscrutar da realidade. Mediante impressões visuais, Caeiro viveira a primitividade das coisas. Igualmente pelas linguagens em seu estado original, primeiramente cristaliza essas impressões — de forma característica e prosódica de sua poesia. Assim, condensa o aspecto metafórico, entendido como elemento de distorção, por meio do qual a realidade se encende:

"Procurar encostar as palavras à vida  
É um processo dum corredor  
Do pensamento para  
as palavras."  
(O. Poética, p. 225)

Justificar-se é, por outro lado, esse sentido crítico, na forma como Caeiro recorre recuperar o caráter primitivo e original da poesia, por meio da linguagem poética. Estariam assim diante de um reducionismo que leva o poeta a propor uma poesia dum silêncio, expressão dum mundo de "poesia de grandeza", conforme nos explicita Edizardo Lourenço, e, principalmente de algumas intervenções de José Augusto Sertã sobre este assunto. Lourenço assim define o texto de Caeiro:

"... mas o que ele é, do que vive

em cada poema e da distância (infinita) que separa consciência e mundo, olhar e coisa vista. Caeiro nasce para a analisar, mas é no espaço que separa olhar e realidade, consciência e sensação que o seu verbo (a sua voz) irônico e gravemente se articula" (Pessoa revisitado, p. 36)

E é que pesa a aparente expressão poética — simples, ingênuas e propositalmente inconsequente — o complexo e paradoxal universo heteronímico da Pessoa atinge no Pro eto Caeiro as culminâncias de suas intilações acerca da relação



**SÍGNO-REAL**, pois é por isso dela que o poeta questiona, de maneira mais radical possível, a incapacidade ou impossibilidade que a linguagem tem de nomear o real para si avira. A palavra é visto e problematizada como veículo impossível de transcender o objeto e de, em sequência, nomear-lhe.

O objecto de Caeiro, segundo da expressão poética, consiste portanto em subverter a ordem linguagem/nascido que ela apresenta de falso e da realidade para encontar a distância existente entre o sígno verbal e o objecto.

#### IV

RICARDO REIS

A linguagem poética de Ricardo Reis propõe, em princípio, mimetizar o pensamento puro e elevado, embalado de razão e emoção.

Nós, imitando os deuses,  
Tão pouco livres como eles no Olimpo.  
Como quem pela areia  
Figue castelos para encher os olhos.  
Frugamos nossa vida  
E os deuses salteão  
Agradecem-nos  
O sermos tão como eles."  
(O. Poética, p. 326)

Para victimizar o projeto PESSOA/REIS, o poeta busca suas fontes clássicas, especialmente em Horácio, os exemplos ilustres de construção poética. Os principais, estoicistas e epicuristas, lhe fornecem as linhas mestras que orientam o pensamento de suas leis, como sejam "funcionalidade do tempo", "a vida como sucedimento de sucessivas mortes", "o futuro — para nós — desconhecido e vazio", "a invariabilidade do destino imprevisível", etc.

Do Epicurismo lhe advém a lógica do destemor ao desconhecido, aos deuses e à morte, do Estoicismo, o reconhecimento de superioridade do destino e a conquista da felicidade e da imperturbabilidade pelo equilíbrio e moderação na escolha dos prazeres sensíveis e espirituais.

Metece especial atenção em nossa língua questionar na *metáfisica de Reis o problema do sítio e sua relação com o real*. Segundo Blanchet, a inspiração significa a autorrealização do poema, sendo que a afirmação do ato poético ocorre após a realização do trabalho de arte. Com relação a Reis, afirmaremos que este vai mais além, ao prostradas imagina a figura do poeta como ser capaz de tornar em si mesmo mesma inspiração (se aqui a entendermos como pensamento pura abstração).

"Nossa vontade é o nosso pensamento  
São as mãos pelas quais outros nos quiamos  
Para onde elas querem  
E nós não desejamos".  
(O. Poética, p. 265 Odé 334)

Pode inscrever poeticamente o pensamento o poeta, o poeta não tem outra saída, sendo ele que é, a forma igualmente pura, capaz de iluminar o verdadeiro caminho para a arte.

Sendo o pensamento alio (verdadeiro) a fonte da poesia, o poeta estaria para Reis, assim como o filósofo estaria para Platão. A sua linguagem poética como arrabioço do pensamento nobre e elevado, fúria de mundo existente e, por consequência, o poema resultaria também nobre e elevado. Daí que a sua expressão poética apresente ritmo, rima e métrica regulares, além de possuir deliberado pendor latínizante quanto ao seu estilo:

**AS ROSAS** em dos jardins de Adôris  
Lidas voluntariamente, Lídia, mas  
Que em o dia em que nascem  
Em esse dia morrem.  
A luz para elas é eterna, porque  
Nascem nascido à o sol... e  
ocabam  
Antes que Ande deixe  
O seu curso vísivel.  
Assim façamos nossa vida um dia  
Iniciemos, Lídia,  
voluntariamente  
que há nenhuma e após  
O poiso que duramos.  
(O Poético, p. 259)

A natureza da sensação para Reis consistiria então no real convertido em pensamento ou conceito apoiado, todavia, na emoção controlada, resguardada pelo equilíbrio da expressão poética.

### V

#### ÁLVARO DE CAMPOS

No universo heterônimo de Pessoa, Campos se inscreve como o poeta das sensações. "É o filho indisciplinado da sensação". Daí a sua ansia de captar a sensação na pluralidade sem domínio ou controle da consciência:

Há lá as ruas, há lá as praças  
lá lá lá le tout!  
Tudo o que passa, tudo o que  
pinta os montes!  
Comerciantes, vadios, turcos  
exageradamente bem vestidos.  
Membres e dentes de cães  
arruinados.

Esquálidas figuras dúbias,  
cheles da famílha vagamente felizes  
E paternalis só na corrente de  
ciro que atravessa o colégio  
De algoritma a algoritmo!  
Tudo o que move, tudo o que  
passa e nunca passa.  
(O Poético, p. 307)

Trata-se do mais vivido heterônimo de Pessoa:

Álvaro de Campos nasceu em Lisboa em 13 de outubro de 1890 e viou muito pelo Oriente e pela Europa, vivendo principalmente na Escócia. (FIA), p. 411



Essa pareceria pode-se no texto de Campos mediante suas três faces:

— a primeira, decadentista, criada apenas pelo poema "Orgânia" que era amplamente dedicado como amanuense às Odes para mostrar a influência de Coimbra, manifesta a sua possibilidade e ao mesmo tempo a sua perpétuidade, em meio ao tumulto que precede a era dinâmica da nossa civilização:  
· E afinal o que quer é só  
é calmo.  
E não tem estima nem saude e confusas.  
(O Poético, p. 305)

A segunda, determinada sensacionista, compreende as Odes, além dos poemas

"Passagem das horas";  
"Saúdação a Walt Whitman"  
e "Dois excertos das Odes". Esta fase assinala o antecedente do poeta ante o porvir da moderna era macâncica e inclui-lhe aquilo que se sucederá e se entronistará no início do século:

"ADOLOROSA LUZ" das grandes lampadas elétricas da fábrica  
"Isto livre a escrever!"  
(O Poético, p. 306)

— a terceira, chamada depressiva, reúne a maior parte dos poemas de Campos, a partir de "A casa branca nau prata". São poemas que revelam tensão e expressam sensação de vazio e de solidão ante suas limitações como intérprete de um mundo convulso.

Para efeito de análise, importa, no entanto, os dois últimos momentos visto o primeiro ter sido considerado no contexto da poesia de Campos de menor importância.

#### OS POEMAS SENSACIONISTAS

Há com esse tipo de poesia profundamente transgrediam de Campos, ao tentar juntar a pluralidade das sensações na própria linguagem, embora o processo de estruturação poética se suporte uma organização lógica, por imposição da atitude de pensar a sensação.

"Por isso que? Sei lá o que é?  
Vai! Passa!  
Com um grito extremamente  
estremecido, — I — , I  
O volante dentro de mim pára."  
(O Poético, p. 306)

Se visselecermos um paralelo para melhor explicarmos este aspecto, entre Reis, Coimbra e Campos, diríamos que o primeiro tenta manifestar o EU multiplo mediante o predicho simbólico em relação ao sujeito, o segundo através da exteriorização e Campos através da tentativa de materializar este predicado. A atitude experimentalista de Campos consiste, portanto, em situar o espaço existente entre o signo e a realidade, sobretudo quando intenta materializar essa realidade por meio da própria linguagem. É nessa tensão que o signo varia, perde suas marcas

específicas, frustrando as pretensões do poeta, como veremos adiante.

Em Campos, a multiplicidade de impressões, o transbordar simultâneo de sensações configuram-se expressivamente nas enumerações cóticas, na melindrança de frases nominais, fragmentárias, entum na plasticidade textual, em função da harmonia que se sobrepõe à melindra, face à preexistência de construções analíticas.

#### POEMAS QUE EXPRESSAM O CANSACO

Aqui verificamos uma transformação radical na poesia de Álvaro de Campos. A nota principal dessa nova postura é a



sua atitude reflexiva sobre a impossibilidade de representar o real pela palavra.

O símbolo, por mais significativo que seja, é sempre importante para prediar ou não sua essência. No trecho seguinte, extraído de "Passagem das horas", visualizamos a triste conclusão a que chega PESSOA/CAMPOS, quanto à melancólica constatação da fragilidade simbólica:

Trago dentro do meu coração  
Como num cofre que se não pode  
fechar de cheio  
Todos os lugares onde estive  
Todas as portas a que cheguei  
Todas as paisagens que vi:  
alturas de jantares ou vigias,  
ou de tomhadiços, sonhando.  
E tudo isso, que é tanto, é pouco  
para o que eu quero".  
(O Poético, p. 445)

No fragmento destacamos

índices que apontam uma possível leitura da poesia sensacionista e depressiva de Álvaro de Campos. Os dois principais momentos de sua poesia se compararam: o primeiro, caracterizado por uma visão positiva do poeta de tornar palpável o seu mundo; o segundo, por sua vez deixa indícios de fraqueza. Diante dessa exigente experiência essencial, o poeta confessa sua impossibilidade de expressar o real pela palavra. Conhecer o mundo ou observá-lo não é tudo para o poeta, mas experimentá-lo pela palavra, exprimí-lo significativamente — é a sua leitura avultada.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PESSOA, Fernando — Obra Poética. Ed. Aguilar, Rio, 1972

Obras em Prosa. Ed. Aguilar, Rio, 1982

Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literária. Ática Lisboa, 1973

— Páginas Intimas e de Auto-Interpretação. Ática Lisboa, 1978

#### BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

BELKIOR, Silva — Horácio e Fernando Pessoa. CBAG, Rio, 1982

COELHO, Jacinto do Prado — Diversidade e unidade em F. Pessoa. Verbo, SP, 1977

BLANCHOT, Maurice — L'oeuvre d'art e L'imagination. Classiques Hachette, Paris, 1955, p. 200

LOURENÇO, Eduardo — Fernando Pessoa revisitado. Moraes, Lisboa, 1981, 2.ª ed

NUNES, Benedito — Os outros de F. Pessoa em O Dorso do Tigre. Perspectiva, São Paulo, 1976, p. 215

PERRONI-MORRÉS, Layla — Aquém do eu além do outro. Martins Fontes, SP, 1982

QUESADO, José Clécio Basílio — O cristalizado F. Pessoa. Imaq, Rio, 1976

SEABRA, José Augusto — Fernando Pessoa ou o poetodrama. Perspectiva, SP, 1982, p. 90

SIMÕES, João Gaspar — Heteropsicografia de F. Pessoa. Inova, Porto, 1973

**Em**

**Amarante**

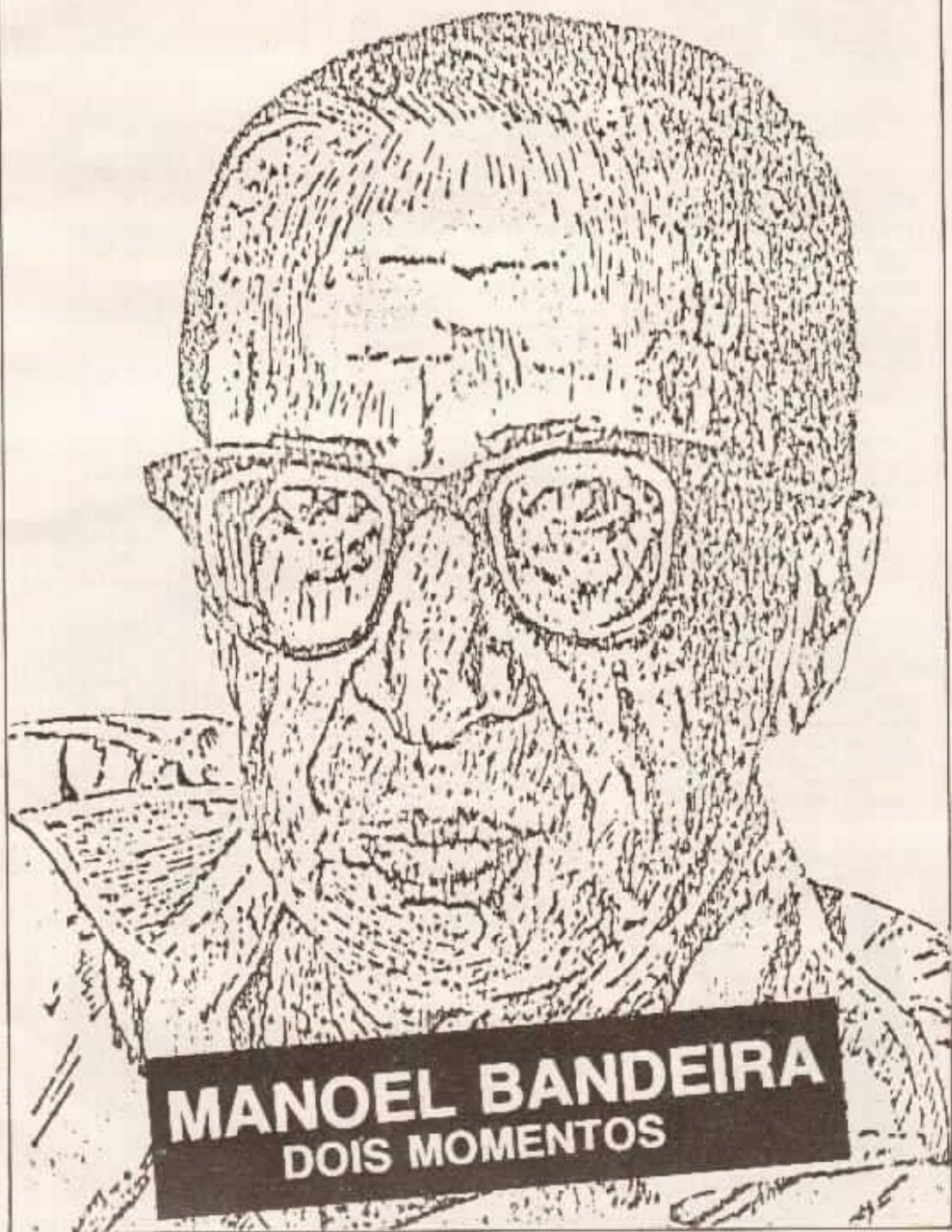
**visite o**

**Centro**

**Cultural**

**Odilon Nune**

MARIA FIGUEIREDO DOS REIS



## II. LIBERTAÇÃO E FUGA

Neste novo universo o sonho  
Bandeira estuda como a  
Segunda fase da sua obra  
poética, acerca a qual ele chama de  
Libertação e Fuga.

Não estamos mais em  
nossa humilde realidade, mas estamos  
de vez que estamos despojados  
neste assunto autor de  
Libertação e Fuga.  
Sendo assim, a poesia é  
mais nova, exatamente  
aquela poesia que considera  
os bairros das Favelas  
muito tempo ou determinações  
que antes a libertação não puderam  
encontrar tanto assim, um  
sentido completo. Sua poesia é  
de uma liberdade absoluta  
natural. Bandeira tem essa uma  
sélfie de expressão plástica  
fazendo o frase dividida, ou  
descendo mesmo em que  
nada, e assim tem feito desde  
sistematicamente plantado  
A liberdade sonhada é ilusão  
para mim que deseja fugir  
de aquela liberdade que é dominada  
por estruturas fáceis anterior  
tradição de que ele se aparta  
e expande tentando a que ele  
deseja. E é como Bandeira  
nos diz: «LIBERTAÇÃO»  
é sua doutrina.  
Frigidez, frieza  
sozinho e sozinha  
Nós Só Desperdiçamos

E é dessa liberdade se  
dos poemas que diferentes  
de como em outras versões, como  
fazer poesia. E é o seu  
sentido independente, poética  
ESTOU FAZENDO A LEI  
Conselho,  
De libertação compreendendo

Querendo a liberdade sozinha  
O Brasil com liberdade.



O verso difere  
e nascem os bábados  
O tristíssimo  
clown de Shakespeare

Não quero mais sair do  
lugar que não é libertação  
Libertinagem

Neste mundo de libertação  
Bandeira volta ao passado antigas  
formas de composição dos  
Canioneiros, as cantigas do  
tempo de D. Diogo O Rei  
Travadeiro e coetário  
em Coração Amor  
MILAS SNIOR, om' q' d'is' om'  
Atum' r'ntul' e' s'nt' om' r'ntul'  
F' p'z' D'nis' r'ntul' q' f'nt'  
Carne d'arroz e' m'nt'om' r'ntul'  
M'nt'om' r'ntul' e' meu l'nt' e' meu bon.  
Mais engraçado q' q' r'ntul' q' f'nt'  
«... das C'nt'om' Anos»

Procura libertar o soneto  
da sua forma fixa, ditada pelas  
principais poéticas e escreve  
então um Soneto em Juiz  
de Augusto Frota e Schmidt  
e o dos Capuchinhos. Augusto  
versos em prosódicos duros  
sem decassilabas, entre duas  
ou três irregulares, num  
lugar que progride q' q' f'nt'  
de novas formas e presenças de  
viver, e cada um vence bares.

Depois recorre a outras  
formas poéticas, como noutra forma  
de libertação, encrescimento  
então, em que os poemas em prosa  
sobre «Luzes Brasileiras»

No fundo do Rio de Janeiro  
Libertadíssima, ou Tragédia  
das artes. Canto Brasil  
O Desmembramento de Vargas  
Corro. (Escola de M'nt'ha)

Outra tentativa de fugir surge  
com os versos escritos em  
frances. Miguel Bandeira  
procura a libertação através de  
um idioma que não é o seu em  
poemas como «Cronaca dos  
Pedro Lezâwe». «L'Estrela da  
Manhã», ou ainda «Charm'e  
Vale» e de

PETIT CHAT... et gris  
Reste encore dans le charme  
La nuit est à nous deux  
Et le soleil passe

(Libertinagem)

Oé,inda, em "Botticelli  
Lampião" Libertinagem  
quando fala de sua condição  
de deserto, uma felicidade dava-  
se por encantada pelo  
sua própria coraçao

Agno Maria! Bandeira res-  
ponde ao soneto «... suas orações  
que me deseja afirmar se mere-  
ce tristes entregar o suplicado  
alegria de tua Oração a  
Teresinha do Menino Jesus»

PERDI O JEITO de sair  
Quando

Nosso São Miguel apressa  
quanto cabalismo e misericórdia  
Quero alegria! Me da alegria  
Santa Teresinha!

O libertinagem:

Preciso não fui o dia do meu  
casamento, e a querida  
Teresa, em que quis dar alegria  
em troca voltou-se para mim  
sorrindo, e, com alegria, disse  
«Quero à Nossa Senhora  
do Rosário» — sussurrou

«... — Alegra do meu...  
O que no vila penso, e sempre  
— Meu, meu...»

Santa Rita  
Domingo é um dia...  
não é verdade?

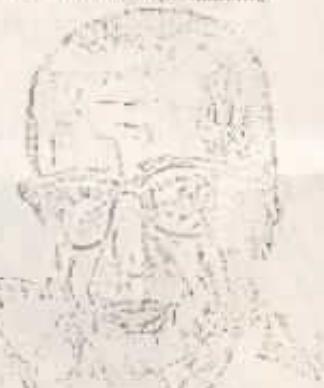
Nossa Senhora da Boa Morte  
Estrela da Manhã

O poeta de sobrenome milos, em  
versos, «A Maria Absoluta»  
é sua forma perfeita  
de fuga, de libertação

Morreu sem fazer escravo

andou um tempo, uma sombra,  
A sombra de um sonhador  
Em gênuas catorze.  
em perdido perseguido  
Em solidão apavorado.

Morreu não completamente



Que um dia an leson  
o seu nome num papel  
Perguntem: "Quem foi?"

Morreu mais  
completamente ainda.  
Sem deixar  
sequer esse nome  
(Lira dos Cinquent' Anos)

Mas... como morrer não está  
no nosso querer, ela resolve  
fugir, procurar um lugar onde  
possa encontrar o  
felicíssimo e decisivo:

Vou-me embora pra Pasárgada  
Aqui eu não sou feliz.

Em Pasárgada tem tudo  
E outras civilizações

E quando eu estiver mais triste  
Mais triste de não ter jeito  
Quando de noite me der  
Vontade de me matar  
— Lá sou amigo do rei —  
Terrei a mulher que eu queria  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada

(Libertinagem)

Novamente lhe volta a idéia  
do suicídio; talvez um meio de  
fuga de si mesmo. Esta idéia  
que o persegue de quando em  
vez, é cantada  
no seu "O Último Poema"  
"ASSIM EU QUERERIA"  
o meu último poema  
Que fosse terro dixendo as  
coisas mais simples  
e menos intencionais  
Que fosse ardente  
como um soloco sem lágrimas  
Que tivesse a beleza das  
flores quase nem perfume  
A punha da chama em que se  
consumem os diamantes límpidos  
A paixão dos suicidas que  
se matam sem explicação  
(Libertinagem)

L., no seu "Testamento",  
finalmente a descoberta  
do suicídio heróico:

"Não faço versos de guerra.  
Não faço porque não sei.  
Mas num torpedo-suicida  
Darei de bom grado a vida  
Na luta em que não lutei"  
(Lira dos Cinquent' Anos)

Não seria também uma  
espécie de fuga o evocativo, tão  
presente agora na poesia de  
Manuel Bandeira? Em  
"Evocação do Recife", o poeta  
lembraria seu território natal de  
outrora, lamentando este Recife  
de então, o poeta finge do  
presente, em busca do passado:  
"Rua da União"

Como eram lindos os nomes  
das ruas da minha infância  
Rua do Sol  
(Tinha medo que hoje se  
chame do Dr. Fulano de Tal)

RECIFE  
Não a Veneza Americana

Nem mesmo o Recife que  
aprendi a amar depois —  
Recife das revoluções libertárias  
Mas o Recife sem  
história nem literatura  
Recife sem mais nada  
Recife da minha infância

(Libertinagem)

O mesmo sentimento se vai  
repetir no poema "Minha Terra",  
de onde Bandeira saíra menino e,  
voltando após trinta anos, nos diz  
"Revi afinal o meu Recife  
Lá de foto  
completamente mudado.  
Têm aventuras, arranha-céus.  
E hoje uma bonita cidade  
Diabo leve quem pôs  
bonita a minha terra!"

(Beijo Belo)

Ainda o evocativo, agora na  
"infância", poema em que se  
misturam, se embrulham, se

confundem as lembranças:  
ora do Rio, São Paulo, Santos,  
Petrópolis, Recife, do Recife  
que ele afirma ser o centro  
de inspiração da sua poesia

— A casa da Rua da União  
O pájaro — núcleo de poesia  
O banheiro — núcleo de poesia  
O camburão — núcleo de poesia

E estas recordações lhe são  
tão caras, quanto nos diz  
o poeta em apenas um verso:  
"Ai mundo dos papagaios  
de papel, das  
pines, da amarelinha!"

(Belo Belo)

No diálogo contido no poema  
"Cotovia", Manuel Bandeira faz  
uso de uma nova técnica, a  
montagem ou intertextualidade,  
intercalando no seu texto versos  
de outros poetas: versos de  
Camões, de Ascenso Ferreira,  
de Casimiro de Abreu. Outra vez  
o poeta lamenta a infância que  
se foi, quando, interrogando  
a Cotovia sobre por onde ele  
voou, esta lhe diz:

— Liberdade, Círia Iria,  
Europa, França, Bahia...

— E esqueceste Pernambuco,  
Distraída?

— Voiei ao Recife, no Cais  
Pousei na Rua da Aurora

Aurora da minha vida  
Qua os anos não trazem mal..."

(Opus 10)

Novamente a intertextualidade,  
aqui com versos de Sá da  
Miranda, da sua "Elegia de  
Verão": Aqui um pedido, uma  
súplica, uma vontade de voltar  
a ouvir as cigarras  
do seu tempo de menino.

"O SOL É GRANDE. O coisas  
Todas vão, todos mudavam!  
(Como esse "mudavam"  
que hoje é "mudáveis")



E já nascim com "aves"! |  
O sol é grande  
Mas, o cigarros que zinis.  
Não sou es meus  
que eu sou! meus  
Sóis outras, não me interessais.

Dilem-me as cigarros  
que eu sou! meus

(Opus 10)

Porém, a afirmação da fuga do presente é mais clara, mais precisa, em "Versos de Natal" escritos quando Bandeira, agora cinquentenário, confessava num monólogo com um espelho:  
Mas se fosses máqui.  
Penetravas até ao fundo  
desse homem triste.  
Descolavas o véu que  
sustenta esse homem.  
O homem que não quer morrer  
Que não querer morrer comigo  
O mesmo que todos os anos na  
espera de Natal.  
Pois a vida em puras sombras  
Comunicações da porta  
Ilha dos Cinquenta Anos

O tom popular manifesta-se freqüentemente no atual momento poético de Manoel  
Ribeiro. Seus versos ganham  
o ritmo e o ritmo usados  
no poeta aquela "luta simples"  
de "Cantiga" ao gesto das  
trovaduras — edificadas, o romance,  
ou passado, parece-nos uma fuga  
do presente, uma fuga para a  
feidez, para a morte no mar  
à maneira de Durval Caymmi.  
Nas ordens da justiça  
Nas ordens do mal

Quero ser filha  
Quero me atogar  
Estrela da Manhã  
O medo em secundilha  
repete-se em mitas  
composições de Bandeira, como  
no seu "Canto de Natal":

O novo mundo  
Nascem em Beira  
Nascem tão súbito  
Para querer bem  
(Belém) |  
I, volta a apontar, agita um  
homem trovadoresco ainda,  
em "Canção"

MANDASTE, e saíste de um  
deus  
Na brancura de um papel:  
Fui de saudade e cão  
deve chorar no papel.  
Ilha dos Cinquenta Anos

Fui nascido num trovador  
Máqui. Batalha, vânia e Céu  
que é como a vela da estrela  
"Não se tem a ciência"  
Que o céu é ilusão,  
Céu que o amor alcança.  
Quando o tem na mão  
(Belém)

Este tom popular rege-se nas composições de temas  
folclóricos, ouprimindo de  
estudo a obra do poeta  
pernambucano.

Um sentido de  
flexibilidade avultou-se  
constantemente na obra do autor

da LIBERTINAGEM. O Brasil  
e tantas outras terras de suas  
embraçadas de Belém do  
Pará.

Belém do Pará onde as  
aventuras se contam Estradas  
Estrada de São Domingos  
Estrada de Nazaré

Bumba-meu-  
Viva Belém  
Nascem gestos  
Eu te amei bêbado  
Ilha das sagradas

Ora confirmado o seu gosto  
 pelo antigo, o tradicional, como  
vítima em favor da conservação  
do costume patrimonial hereditário,  
como se pudesse suscitar "Minha  
Gente" Salvo nos Outros Poetas

Me, e amigos, meus amigos.  
Se vemos Outro Poeta  
Homenagem do Brasil  
Que deus que houve contou por  
um puro sangue de corredor.  
Está certo  
Mas de Samba, dançaço para  
Outro Poeta

(Opus 10)



Quito Preto," foi também  
junto da sociedade com este alvoro  
sua LIRA DOS  
CINQUENT'ANOS. O abandono  
em que se encontrava, então,  
a antiga capital — mentia o  
cantado, aqui, em tom de  
lamentação:

— Que resta de esplendor e  
de luxo? Quase nada.  
Pedras, tempos que são  
estradas ao sol, posto  
Esto agônico postal era a Casa  
de Fazenda.

Este escombro fez um solor.

Cinza e desbotado!

Taí os versos das peças visão  
de Quito Preto, cheijam as pueras  
as fragrâncias de Gonzaga e  
Marília. Bandeira, reconhecido  
no estilo japonês, escreve um  
Haiku. Tirado de Uma  
Falsa Lira de Gonzaga". Volta a  
voz e interfazula-se com  
versos do Poeta Irlandês:  
"QUIS GRAVAR 'Amar'"

No trunfo de um velho freixo.

Marília "escreve"

Sob o título e gesto de  
"Despedida de Amor", o lírico  
pernambucano canta o Brasil.  
Minas Gerais. Juiz de Fora na  
ESTREIA DA MANHÃ

Juiz de Fora! Juiz de Fora!

T. tão de dentre destes Brasil!  
Tão docemente premeira  
Primeiro sorriso de Minas  
Gerais!

Um brasileiro mais  
verene aparece no poema "Anjo  
da Guarda":  
[Quando minha irmã morreu,  
Deve ter sido assim]  
Um anjo moreno, violento e bom,  
desassossegado.

Vou Dizer ao pé de mina  
O meu amor da guarda sorrir.  
E voltar para junto do Senhor.

(Libertinagem)

Manuel Bandeira é também o  
poeta de tristeza, do dia a dia, que  
sabe cantar em versos aquilo que  
aos olhos de outros parece  
não ter poesia, poesia que ele  
encontra nos "Camelos".

O que vende os bebezinhos de cera

E daos aos homens que passam  
preocupados ou tristes  
uma ação de infância.

(Libertinagem)

Poesia que ele descolore mesmo  
onde há opaixas: A Realidade  
e a Imaginação.

O arrebatado que voa no ar pura  
música pri e chuvá  
E desce refletindo na poça  
de lava do patim.  
Entre a realidade e a imaginação  
não só o que as separa  
mas tanto príncipes passaram.

(Belo Rio)

Concordo, o treinado, mais  
puro, a arte maior  
Bandeirismo vamos encontrar  
na linguagem familiar. Da



simplicidade de versos como estes de "Irene no Céu"

#### "IRINI PRETA"

Irene, bone  
Irene sempre de bom humor  
Imagino Irene entrando no céu  
Tirinha meu branco  
E São Pedro bonachão:  
Entrá, Irene. Você não precisa  
pedir licença.  
(Libertinagem)  
O, ainda nestes versos de  
Jacqueline:  
Jacqueline morte, menina  
Jacqueline morta era mais bonita  
que os amores  
(Estrela da Manhã)

E é exatamente no efeito  
rítmico e sonoro da repetição ou  
do jogo de palavras que  
M. B. vai buscar o encantamento  
ou, mais simplesmente,  
o humor para, invenção comum às  
descobertas das crianças  
curiosas. Este recurso só repele  
em inúmeros poemas da sua  
LIRA DOS CINQUENT' ANOS,  
como em "A Estrela":

VI UMA ESTRELA TÃO ALTA.  
Vi uma estrela tão fria!  
Vi uma estrela fazendo  
Na minha vida caia.

Era uma estrela tão alta!  
Era uma estrela tão fria!  
Era uma estrela sozinha  
Lazendo no fim do dia.

Ou naquela "Canção do  
Vento da Minha Vida":  
O vento varria os lares  
O vento varria as matas  
O vento varria os animais  
E a melaleuca ficava  
Crista vez mais cheia  
De átomos, de estrelas, de  
centímetros.

Outro verso em LIRA DOS  
CINQUENT' ANOS: Bandeira  
busca, na repetição, o agorismo  
também, no uso da endondila, a  
sensação de ironia, rítmica e  
sonora que se desloca na sua  
poética desde segunda fase:  
"ESTAS EM TUDO que penso  
Estas em quanto imagino  
Estas no horizonte imenso  
Estas no grilo pequenino

Estas na noite que nasce  
Estas nesse quanto ro  
Estas em tudo que nasce  
Estas em tudo que morre

#### (Obliquidade)

Esta simplicidade no estilo  
de Manuel Bandeira se  
apresenta, ainda, pelo uso da  
construção sintática de gosto  
popular, ditada, às vezes, pela  
linguagem infantil  
como é o caso de "Porquinho  
da-Índia":  
"Que dor de coração me dava  
Porque o bichinho só queria  
estar debaixo do fogão!  
Levava s' e pro sala:  
Pra os lugares mais bonitos mais  
lindinhos  
Ele não saía;  
Queria só estar debaixo do  
fogão".  
(Libertinagem)

Manuel Bandeira liberta-se  
dos preceitos gramaticais e  
chega a furçar com a  
sintaxe pronominal, em versos  
onde o efeito de palavras tem um  
efeito destacado, como  
ocorre em "Comitê":  
"QUEBÔ BANHAR-ME nas  
água limpidas  
Quero banhar-me nas águas  
puras  
Sou a mais baixa das criaturas  
Mas sou sôrdido  
(Estrela da Manhã)

Acorda a simileza popular, o  
sítio, realmente brasileiro em  
"Poema Para Santa Rosa":  
"Pousa na minha a tua  
mao, profetista  
Gostei de profetaria  
Me lembra meu pai"  
(Belo Rio)

No poema "Brasa", mas uma  
vez a simileza popular, no  
emprego do verbo ter em lugar  
do certificado:

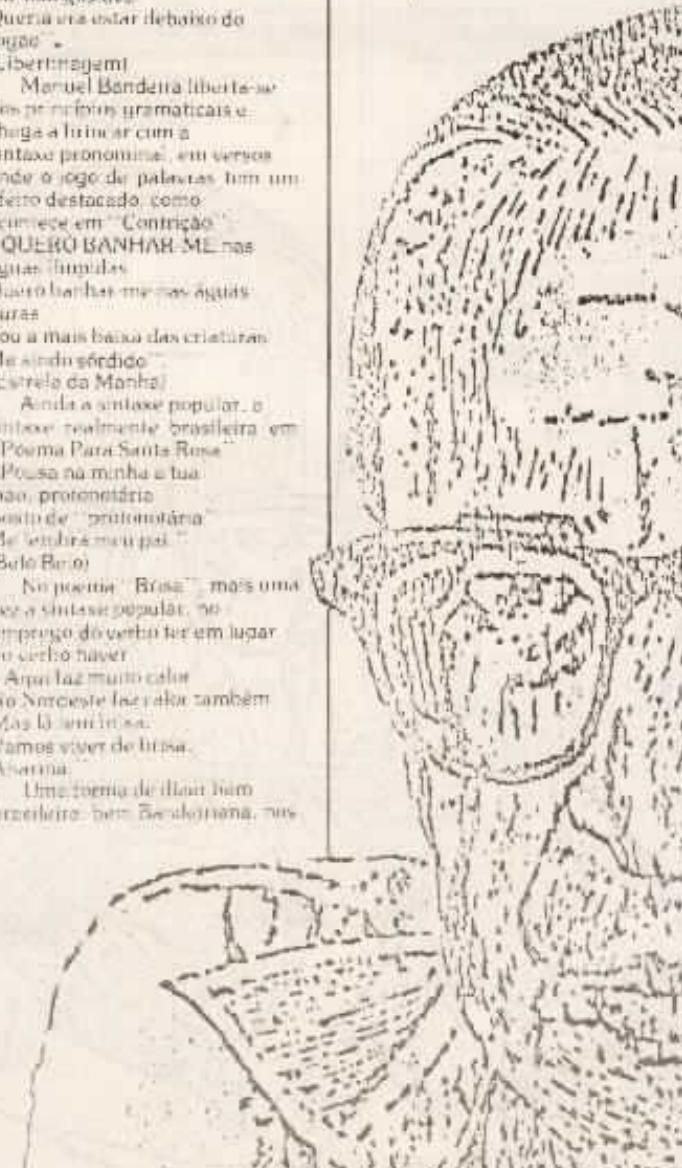
Aqui faz muito calor  
No Nordeste faz e não também  
Mas lá em casa  
Vamos viver de brasa.  
Amanhã

Uma poesia de duas línguas  
brasileira, bem, de domínio, nos

#### versos de Sextilhas Românticas"

Sou assim por vício inato  
Ainda hoje gosto de Divo.  
Nem não posso renegar  
Perdi tan pouco indio, é fato.  
Mas tão brasileiro! Viva  
Viva José de Alencar!"  
(Beto Belot)

Sob o título sugestivo de  
**ESTRELA DA TARDE**  
Bandeira reuniu suas últimas  
composições, seus últimos  
versos, fazendo um inventário  
completo da sua vida, da



mais tarde. Aqui estão:  
LOUVACOES - MAFUA DO  
MALLUNGO", entre outras obras,  
microcodas de um  
outro exílio, que esperamos  
realizar posteriormente.

E na "Larida da Terra" que  
Bandeira confessou:  
definitivamente sua  
intenção ao suicídio.

NAOMI MATAREI, meus  
amigos.  
Nao o farei, penso veemente.  
Mas com tanta vontade, nem  
Tenho mais a curiosidade

Com um tiro. Um invento velho,  
Vingança contra a condição  
Humana, a de nós.  
selos humanos  
De ser dotado de razão  
(Canção do Suicídio)

Que Manuel Bandeira fiz  
um atentado fatal na  
sua obra. Isso é sua despeito  
de tudo, do mundo, da vida,  
dos amigos, de poesia.  
Escreveu então o seu "Poema da  
Morte Triste". Mais  
MEUS AMIGOS, meus  
amigos.  
Sabem todos que o velho bardo  
Está agora entre mil perigos  
Correndo, entre os rios,  
meio

As sociedades não me consolam.  
Aulas fizeram-me como dardos.  
As companhias me desfazem.  
E os vícios que me vêm, vêm  
tarde.

E não escuece, também, de  
se suicidar.  
Despedida da Recife.  
Há que tempo que não te vejo!  
Não foi por querer, não pude.  
Nesse período a vida me foi  
madrasta.  
Recife.

Quero, na hora da morte  
estar lucido.  
Para te mandar a ti o meu  
último pensamento.  
Recife.

Então a ESTRELADA  
TARDE, que é grande feijo  
permanescendo, o grande poeta  
que o Recife deu ao  
Brasil finalmente trabalha,  
planeja e o PELPAPACAO  
PARA A MORTE  
não, é que  
A vida é um milagre.

Bendita a morte, que é o fim.

de todos os milagres.

No seu PIRE PARALAO PARA  
A MORTE, Bandeira  
escreve: "A CANÇAO PARA A  
MINHA MORTE", confessando:

"Se quer grande moçada

Morir mas morrer

- Quando fizes serido -

Sem morrer nem morrer

Desta maldita vida.

Que, todos os, eram

Escrive: "qualmente a súmula  
VONTADE DE MORRER em  
tudo o que é preciso,  
em todo o que é simples, deu  
equilíbrio:

"Nada deixa nem querer -  
entre mim, — o di

Que, em grande virtude de  
morrer

Manuel Bandeira prepara,  
inclusive, o PROGRAMA PARA  
DEPOIS DE MINHA MORTE,  
planejando como  
quartel que faze sua chegada  
ao outro mundo,  
afirmando que ficará

Esquecido pelo sempre de  
todas as de suas deses,  
perplexidades.  
Desta maldita vida da  
espaço-tâmbore,

E o poeta pôde finalmente  
no soneto O CRUCIFIXO  
embranque que os deuses  
vão a encantaram na hora  
da morte, que o deixaram  
Morrer apagando com ele  
Talvez me salve. Como  
espero  
Minha mãe, minha irmã  
meu pai

E, os deus encantados no  
país de Manuel Bandeira  
uma nota da frustezza e  
— a li-tediva de libertação  
e fogar.

Maria Figueiredo dos Reis.  
Prof. da PUCP de Literatura  
Brasileira; Ensaísta; Membro do  
Conselho Editorial "Petrônio"  
Portela.



O Projeto "Caminhos do Piauí", visa melhorar e desenvolver o sistema receptivo nos municípios do roteiro Norte (Campo Maior, Piripiri, Pedro II, Piracuruca, Esperantina, Parnaíba e Luiz Correia), proporcionando maiores condições aos turistas com informações.

Com o objetivo de facilitar a informação turística, serão implantados "out-doors" e sinalização nas estradas, postos de informações turísticas, além da confecção de material promocional.

Numa etapa posterior, será realizado um "FAM-TUR" (viagem de familiarização), dirigida a operadores de turismo dos principais mercados emissores de turistas ao Piauí, transportadores, agentes de viagens, hoteleiros, editores de revistas e jornais especializados, diretores de televisão, artistas, etc... O objetivo principal é mostrar as potencialidades turísticas do Estado, proporcionando uma viagem pelos "CAMINHOS DO PIAUÍ".

**EMBARQUE VOCÊ TAMBÉM NESTA VIAGEM MARAVILHOSA**

Setor de Turismo do Piauí  
**PIEMTUR**





Casa Anísio Britto (Arquivo Públíco)

# ARQUIVO PÚBLICO DO PIAUÍ

1.909/1.986

JOSÉ AIRTON

## AS ORIGENS

O Arquivo Público do Piauí foi criado pelo esforço e pioneirismo de outras figuras da vida intelectual piauiense.

Anísio de Abreu, intelectual jurista, parlamentar e Governador do Estado que sancionou a Lei nº 533 de 08.07.1909, criando o Arquivo Público Piauiense com a função de reunir e preservar a memória escrita do Estado e editar uma revista para divulgar acontecimentos, homens e coisas notáveis do Piauí. Morreu o Governador Anísio de Abreu, ainda em 1.909, não sendo consumado a implantação do Arquivo Público.

Vem o ano de 1.925 e o então Governador Matheus Olympio de Melo, jurista, parlamentar, conferencista, literato e ex-secretário do Governo Anísio de Abreu, sanciona e executa a Lei nº 1.151 de 03.07.1925, que organizou o Arquivo Públíco Piauiense dotando-lhe de prédio e quadro de pessoal. Diz o Matheus Olympio que "não precisava encarregar a necessidade de criação de uma repartição encarregada de reunir, organizar e catalogar os

**José Airton Gonçalves Gomes**  
Diretor do Arquivo Públíco do Piauí e Membro do Conselho Estadual de Cultura

documentos relativos ao noioso passado, pois é verdade sabido que a veneração pelo passado é uma das mais belas manifestações da amizade patria".

Convidou o Governador Matheus Olympio para dirigir vitalmente a organização do Arquivo o Dr. Anísio Britto. Cirurgião-Dentista, mas Professor, Historiador, Numismata e intelectual, sua vocação que realizou a grande obra cultural de instalar em um só prédio a Biblioteca e Arquivo Públíco e Museu do Estado posteriormente denominado Casa Anísio Britto em homenagem ao seu estímulo pelo desenvolvimento cultural do Piauí.

Foi o trabalho do Dr. Antônio Britto um permanente ato de empenho, dedicação e consciência da necessidade de reunir, organizar, preservar documentos e bens de valor.

Assim, o cultural insensível é, também de levar ao conhecimento das gerações presentes e futuras as lendárias testemunhas da evolução do Estado do Piauí.

O atual prédio do Arquivo, situado à rua Coelho Rodrigues, 1.016 no centro de Teresina, teve sua fachada arquitetônica atual definida em 1941, pelo Interventor Federal no Piauí Dr. Leônidas de Castro Melo que, no mesmo ano através de decreto nº 355 de 20 de março, denominou o Biblioteca, Arquivo Público e Museu Histórico do Estado, que na plenitude do Estado Novo no Brasil, período político em que predominou a centralização política administrativa.

São passados 77 anos desde a criação do Arquivo Público, cujo acervo documental foi crescendo às vezes lenta, outras vezes aceleradamente pela ação de seus diretores, dos Governadores e Secretários de Estado de Educação e Cultura, que se mostraram sensíveis a preservação da memória escrita piauiense.

#### OS DIRETORES

Ao longo desses 77 anos de existência o Arquivo Público do Piauí foi dirigido por figuras ilustres oriundas do meio político, educacional e cultural, que muito contribuíram para a preservação do patrimônio documental piauiense.

Foi o seguinte a sucessão de Diretores do Arquivo Público do Piauí: Antônio Britto (1926-40), Bruno Teodônio de Carvalho (1940-42), Dr. Lindolfo Monteiro (1943-44), Prof. Cunha e Silva (1945-58); Prof. Itamar Britto (1962-63); Des. Simólio Mendes (1968-70); A. Tito Filho (1971); Noé Mendes de Oliveira (1972); Liliinha Castelo Branco (1975-79); Dr. Alípio Santana Ribeiro (1979-82); Justas Clarence Correia (1979); Alda Caddah (1982-83); Maria Escocer Loureiro (1983).

#### EVOLUÇÃO INSTITUCIONAL

Subordinado atualmente ao Departamento de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural, da Fundação Cultural do Piauí, órgão vinculado à Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, ao longo de sua existência passou o Arquivo por várias mudanças de nome, estruturação institucional e estrutura administrativa e funcional.

1909 — Criado com a denominação de Arquivo Público Piauiense e vinculado à Secretaria de Governo do Estado (Lei nº 533, de 08.07.1909).

1941 — Passa a denominar-se Biblioteca, Arquivo Público e Museu Histórico do Estado (Decreto nº 355, de 25.03.1941).

1947 — Denominado Casa Antônio Britto (Lei nº 51, de 24.12.1947).

1954 — Passa a integrar o Departamento de Educação da Secretaria de Educação (Lei nº 1.099).

1964 — Subordina-se ao Serviço Estadual de Cultura da Secretaria de Educação (Lei-delegada nº 17, de 28.03.1964).

1975 — Tem sua estrutura alterada pelo Instituto da Fundação Cultural do Piauí (Decreto nº 2.029, de 07.05.1975).

1982 — Novamente reestruturado através da Coordenação do Sistema Estadual de Arquivos pelo Decreto nº 4.805, de 12.02.1982. Dessa modo sua estrutura organizacional passou a compor-se de: Direção, Coordenação do Sistema Estadual de Arquivos, Seção Administrativa, Seção de Imagem e Som, Seção de Documentação Escrita e Seção de Consultas e Publicações.

Atualmente propõe-se outra estrutura organizacional modernizada e em acordo com a recomendação do Arquivo Nacional.

#### SITUAÇÃO ATUAL

O Arquivo Público do Piauí, a partir de 1980, passou por um processo de modernização administrativa e organizacional a fim de atingir maior padrão de eficiência na área de preservação documental.

#### Instalações Físicas

O prédio foi pintado e suas instalações hidráulicas e sanitárias reparadas, além de terem sido adquiridos 182 estantes de aço 1864.50m de prateleiras, 8 aparelhos de ar condicionado e 2 mapasetas móveis.

#### Treinamento de Pessoal

Participou o Arquivo Públiso Piauiense do Congresso de Métodos Técnicos em Arquivos Públicos promovido pelo Arquivo Nacional e Arquivo Estadual de Pernambuco (Recife, 1984). Curso de Técnicas de Arquivo, Microfilmagem e Restauração Papéis e Documentos ministrado por Técnicos do Instituto Joaquim Nabuco (Teresina, 1980). II Seminário Nacional de Arquivos Estaduais promovido pelo Arquivo Nacional (Rio de Janeiro, 1985). I Encontro Nacional de Arquivos realizado pelo Arquivo Nacional (Rio de Janeiro, 1985). Foram também realizados dois treinamentos internos para os funcionários do Arquivo Públiso.

#### Acervo Documental

O Acervo Documental do Arquivo organizado e em condições de consulta encontra-se distribuída da seguinte forma:

**Documentos do Poder Executivo** — Armazenado em três salas, contém-se de códicos e manuscritos que abrangem o período administrativo de 1761-1930. Esta documentação reúne os documentos dos órgãos da administração pública do Piauí durante as capitâncias provinciais e primeira República.

**Documentos do Poder Legislativo** — Armazenados em uma sala especial, inclui documentos da Assembleia Legislativa do Piauí no intervalo dos anos de 1935 a 1960, compreendendo os períodos históricos da província, primeira e segunda Repúblicas. Este documento foi recolhido ao Arquivo mediante convênio (1983) firmado entre a Secretaria de Cultura e a Assembleia

Legislativa do Piauí nas gestões de Jesualdo Covilcani e Valdemar Macedo, respectivamente.

**Documentos do Poder Judiciário** — Ocupa duas salas do Arquivo, e reúne a documentação cartorária de 12 comarcas do Estado, além de documentos da Justiça Federal, Justiça Eleitoral e outros órgãos do Judiciário. Estes documentos foram transferidos para o Arquivo através de convênio (1983) feito entre a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e Tribunal de Justiça do Piauí. Esta documentação abrange o período histórico de 1862 a 1930.

**Documentação humorográfica** — Composta de jornais e revistas piauienses da segunda metade do século XIX até hoje, somando 200 títulos de periódicos. Encontra-se devidamente organizado e parte desses jornais está microfilmado brevemente pelo Programa Nacional de Microfilmagem e Periodicals coordenado pela Biblioteca Nacional.

#### Documentação Fotográfica —

Existe um tomo de 2.000 fotografias abordando os mais variados assuntos, tais como: ruas, praças, paisagens, fatos históricos, inventos culturais, personalidades ilustres e outras. Este acervo encontra-se identificado e à disposição do público para consultas.

#### Documentação Bibliográfica —

O acervo de livros e folhetos do Arquivo é formado por obras de assuntos diversos além de três bibliotecas particulares de Félix Pacheco, Deodilco Couto e Matias Olímpio figuras do mundo político, cultural e científico piauiense com projeção nacional e internacional. A Biblioteca do Arquivo é formada de obras em grande parte raras, somando um total de aproximadamente 10.000 volumes.

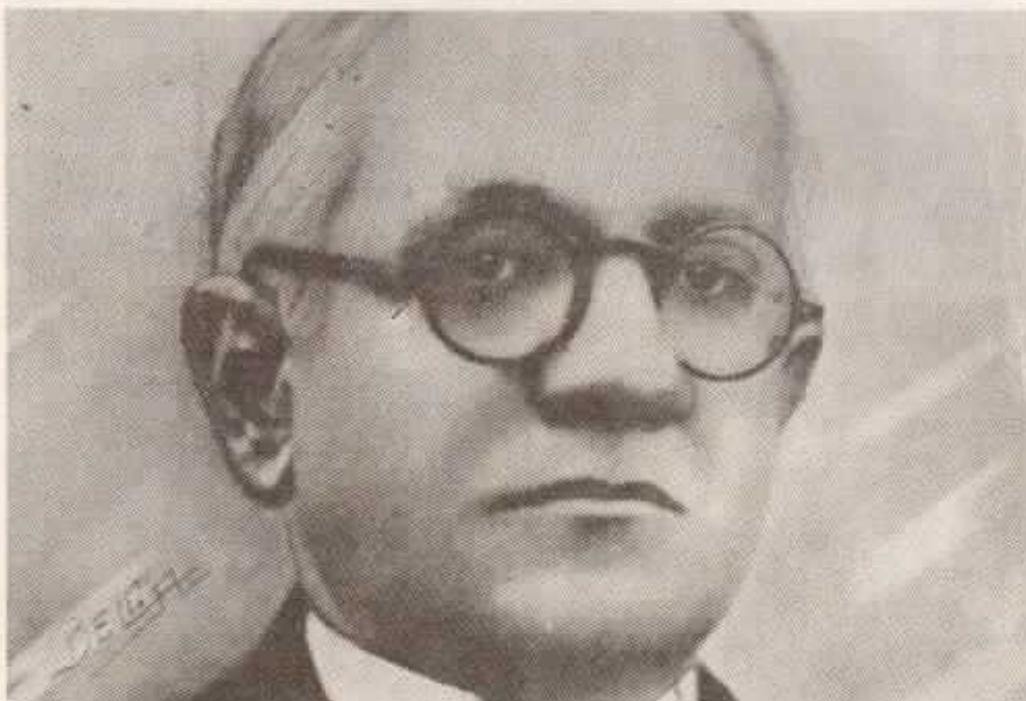
#### PERSPECTIVA

Voltado para o futuro, tem como objetivo fazer

aprovuar o nível da Assembléia Legislativa do Piauí, Lei de proteção e organização sistemática dos arquivos públicos e privados do Estado, de modo a transformar em imperativo legal a preservação da documentação pública conservada prioritariamente e para uso da sociedade moderna e criteriosa das políticas arquivísticas.

Pretende por outro lado fomentar a implantação e organização de arquivos setoriais nos órgãos da administração pública estadual, assim como viabilizar a instalação do arquivo intermediário para armazenar os documentos da segunda idade.

Na área de conservação preve o desenvolvimento de atividades ligadas à restauração e microfilmagem de documentos, negociando projetos nesses temas como forma de garantir a preservação do patrimônio documental que é o mais autêntico testemunho da evolução administrativa, histórica e cultural do Piauí.



Anísio Brito Melo

# TEMAS PIAUENSES NA PINTURA DE BALTAZAR DA CÂMARA



Igreja de N. S. do Rosário.  
Oeiras.

## DAGOBERTO CARVALHO JR.

**F**undado no Instituto Histórico de Oeiras em setembro de 1972, neveras perspectivas abriram-se para a "interpretar piauiense... Para o interior, para a cultura de um modo geral. Coincidencialmente a Presidência da República é exercida, no Ministério do Planejamento, cultura e turismo... a executar o Programa de Cidades Históricas e Coloniais do Nordeste, através projeto de restauração de monumentos com complementar ação turística e mais, cada crença

encorajou os recursos, pouco abrangente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que no SPHAN do senador Lombroso Rodrigo Malo Franco, Oeiras, através intensamente de esforços levados ao Instituto reivindicada e conquistou sua inclusão no programa. Assim é que em 1º de julho de 1973 resolvemos do-

Médico, Pesquisador, historiador, Membro da Academia Piauiense de Letras.

Ministro Jerônimo Passerinho, da Educação, se expressa extratendendo-nos a cooperação e comunicando haver encaminhado ao mesmo, ao Dr. Renato Soárez, Diretor do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério. Paralelamente, desenvolve-se no Recife toda uma campanha de angariação de pessoas representativas de áres. Desde já sócio podemos contar com autoridades da 1ª Década do SPHAN como Arthur da Costa Carvalho e José Ferreira Castilho Branco. Com os



Des. Santana de Carvalho

arquitetos José Luís da Mira Meneses, Getúlio Gomes da Silveira e Dulcino França, estes participantes, inclusive, da primeira fase do projeto. Todos: verdadeiros amigos de Oeiras.

Mas, foi também no Recife



O autor e Baltazar da Câmara, 12/75

que o Instituto teve seu amigo maior e mais entusiasta Baltazar José Estevam Dornelas Câmara, Recifeiro da Rua Imperial, nascido em 2 de agosto de 1890. Professor de desenho de vários e conceituados colégios da capital, teve sua atividade magistral coroada com a fundação da Escola de Belas Artes do Recife, da qual foi Diretor. Ao seu lado, no ideal e consecução da escola, tiveram pintores Mário Nápoli e Alvaro Amerim, Henrique Maia Filho e o escultor Bibiano S. V. De formação acadêmica encontrou em Carlos Chateaubriand, amigo e mestre de quem recebeu o maior em Recife e a quem agradecem de volta, ao Rio de Janeiro, logo, antes de 1920. Dessa vez é sua primeira menção honrosa com o retrato da poeta Ana Amélia de Queiroz Meneses Arte, a do retrato que o immortalizaria. Mais menções honrosas: medalhas de bronze e prata e, em 1954 a medalha de

ouro da Associação Nacional de Belas Artes. Dedicou-se ainda a temas históricos como a Proclamação de Bernardo Vieira de Melo (República de Olinda) e Revolução dos Holandeses no Recife. Ainda uns de inspiração bíblica e a cenas da vida diária da cidade, como as feiras livres. Magnífica é a de sua autoria fixa da manobra extraordinária e deslumbrante Capela Dourada da Ordem Terceira de São Francisco de Recife.

Dissemo-lo retratista por excelência. E, ele o foi na acepção do termo. Foi retratista que o conhecemos e é como retratista que o ligamos — resgatando a vida até de quicilão — também à história do Piauí. O Instituto ensinava um novo momento cultural sem precedentes na vida da nossa antiga capital. Descobrindo para mim sede um quadro n óleo do Brigadeiro Manoel de Souza Martins, proclamador da Independência do Brasil. Visitando, no Recife, o antigo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, conhecemos-lhe a Galeria de Arte, obra exclusiva, sobrenome de Baltazar da Câmara. Talvez uma certeira de excelentes retratos em ambiente resquício da Joaquim Nabuco o patrono, de como mestre, no hall, onde se divide o voo da escada. Outros retratos seus, em diversas idades, dentro a galeria propriamente dita, sua coleção perdendo ao gosto e aos valores do mestrador criador e presidente da casa, Gilberto Freyre. Retratos de Facíldio de Carvalho, Nísia Floresta, Estácio Coimbra, Dom Vital. Em todos a mesma assinatura, a mesma arte de Baltazar da Câmara. Temos-lhe o endereço do atelier, em edifício da Praça Machado de Assis, no centro da cidade. Da seguinte, um primeiro encontro: tempo ótimo de dura dureza amizade que o prenderia por toda a vida, selvagamente. À nossa Oeiras. Para além o retrato do Brigadeiro com base em cópia já feita da dada. Um retrato antigo recuperava o Instituto de História de Oeiras, pelo pintor de um esboço da arte, a imagem de seu patrono, Baltazar, a cidade com um amigo seu mais precioso: quadro a óleo. Alm-

Baltazar da Câmara (não vêrias em Pernambuco) e que era, era autor de quase toda a coleção de ex-presidentes da Academia Pernambucana de Letras, de muitos dos livros pertencentes ao acervo de 25 assinaturas do Pernambuco, no Parnábio. Compre das Pernambucas. Ano que de Oeiras, "a dureza da sua moça é exagerada, pecaminosa, humilhante, de má vontade de cidadão. Só o diabo é que acha que é humilhante possuir uma moça com tanta personalidade, com tanta beleza, no Rio de Janeiro, e, naturalmente, São Paulo e desse tipo é o autor da Ame. Cria".

Do outono de 1970 a fevereiro de 1981, residí em Teresina. Lembrei-me das primeiras cartas e correspondências. São certas foram-me.

"Amarrei-me a essas lettras de vida tua exalta, enriquece,

enriquece. Em carta de 26 de fevereiro de 1977, fala de sua volta à Espanha. Permaneceu em viagem de negócios. De Madrid — escreveu — direi alguma coisa a respeito. Esmeralda — um pouco a incutimento — carreira de duas décadas do século XVII. Fazia parte da corte do rei de Madrid e Lisboa. Compõe-se, em suma, de vinte e nove versos. Ele mesmo explica:

"colocamento diz bem o maravilhamento de 1978 que me encantou. Pôs a caligrafia e o seu apreço".

Quando fizêz em todo um monumento de Oeiras, mais precisamente uma igreja como das que tinhamos de Recife, pedi-me uma fotografia. Mandei-lhe a do Rosário. Em junho de 1978 disse-lhe: "Saiu com a fotografia de cima a quem deixa lazer da tua clínica essa...". E critica ensinando: "a foto foi espanhola muito de frente. Não se vê o corpo da coruja. É preciso ir entrar o local para ver modo". E assim, ovez lembrando e faltando o diretor — em pouco de lado — mostrando todo o volume da "igreja". Queria ele, também, que eu — fizesse "mais perto a frente de instantes a mortida, a



Visconde da Parnaíba

"muito cerca esquente". Mandou-me e disse, um tanto impaciente: "da igreja que só quer resultado de Nossa Senhora do Rosário. Mais um bom documento artístico da nossa arquitetura religiosa do Recife".

Nunca celecice o Natal. Os cartões faziam-se em reproduções de seus quadros, desenhos ou estudos. Assim, o de 1976, reproduzi a Capela Dourada. O seguinte, rebolo e estudo "A Coroação da Nossa Senhora do Rosário".

De volta ao Recife, fiz-me residir à sua casa da Madalena. Deixei o próprio ateliê se transferiu para a Rua Barão novo de Guaporé e lá Direci meu que para isso fizera construir, tornara essa intelecto,

Três salões, esculturas, instalando-se lá suas muitas memórias. Para surpresa minha, a bandeira de Oeiras Aldeano — no atípico à sua saída — em outubro de 1980 exibiu-me sua descoloração. Pouco antes o havia comprado em um antiquário comum, o professor e crítico de arte, Marcellino Reis Vilela, pelo rei e pelas memórias de seu protégé que via muitas facetas de sabado dia no leste. Foi o último retrato pintado por Baltazar Camisa. Pois, anos depois fez o maior retratista contemporâneo da segunda metade do século um amigo dedicado, de um Pauzinho que não conhecia, de Oeiras que adorava e sua memória, também, analisa a preservar através da arte o fato inverídico.

# *Patrimônio* PORTODAS BARCAS



Porto das Barcas

## ALCILIA ALBUQUERQUE

**N**esse objeto de estudo é o Conjunto Arquitetônico do Porto das Barcas, localizado no norte daquele que é o distrito de Pernambuco.

O objetivo dessa matéria é formar o resumo desse estudo. Com um Arquitetônico que tem sido autor de projetos para futuras intervenções e três estaduais federais, faltava conhecido de maior parte da população.

A cidade de Pernambuco está localizada no extremo-norte paulista (fig. 01), funcionando como polo econômico político e cultural da região. É também importante foco turístico do Estado, atraiendo milhares de turistas e aquele grande fluxo de pessoas.

O Conjunto Arquitetônico do Porto das Barcas situa-se às margens do Rio Igarapé, à direita da ponte que liga a cidade de Pernambuco à Ilha Grande de Santa Isabel (fig. 02). A área de interesse é composta por três

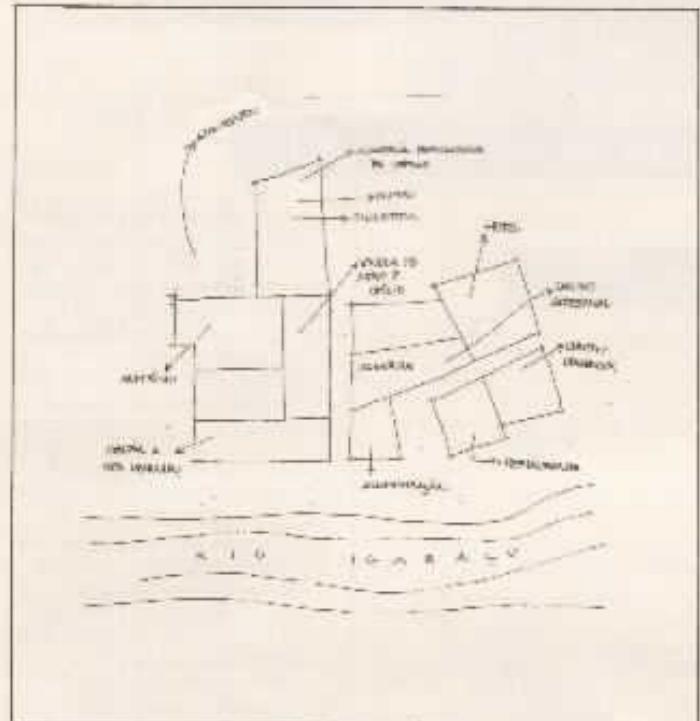
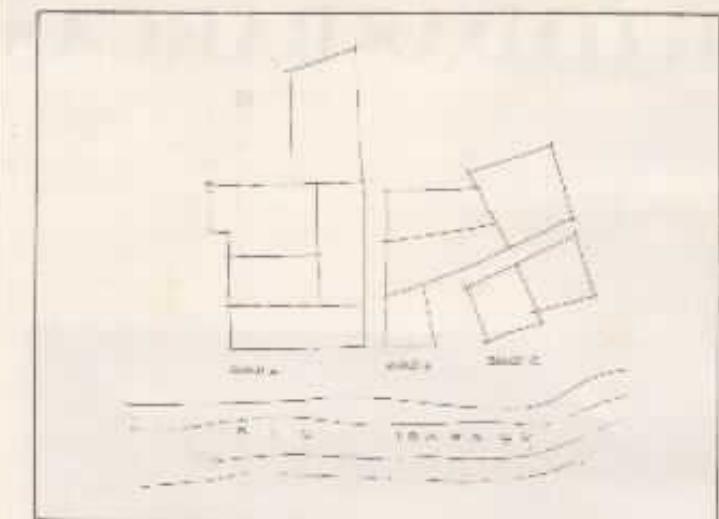


■ Alcilia Afonso Albuquerque:  
Arquiteta, Diretora do Patrimônio Histórico e Artístico da Sestec.

grandes blocos que abrigavam originalmente 300 casas ricas, a vila de Altândea, a casa de Simplicio Dias da Silva, o Cais do Porto das Barcas, grandes armazéns etc., separados entre si por becos e vielas que eram toco ou lima.

A cidade de Pernambuco teve sua origem desembocando no território de Pernambuco em 1761, sendo assim, é o período da Testa Beira como se diz da ilha recém criada, que por não possuir uma boa localização não conseguiu se firmar como tal.

Por essa época chegou ao Piauí o português Domingos Dias da Silva, que estabeleceu-se à margem esquerda do Rio Igarapé, onde fundou seu chalé quando, neste local denominado Porto das Barcas, começou a desenvolver-se a indústria de charcos cujos produtos eram exportados através de 5 navios, para Pernambuco, Rio de Janeiro, Bahia e Paraíba, permanecendo até mesmo para a Europa, sem



o trânsito abrigado e protegido pelas portas da coluna que se elevavam à altura de alga.

O Porto das Barcas, desfrutando pouca atenção da parte da Festa Branca, oferecia mais condições para o desenvolvimento de novas e novas Companhias, nascendo assim um novo Porto das Barcas e novos provedores que aumentavam-se a cada dia. Em 1770 foi transferida a sede da vila para o Porto das Barcas. Com a transferência da sede, a vila de São José da Barra adquiriu projeção, chegando a comarca em 1833 e cidadela em 1844.

Fazia-se necessária a re-distribuição das suas estruturas, com o que por via de operações acidentais levou a contrabandos e às charqueadas contínuas. Em 1817, por um ato do Rei de Portugal, D. João VI, foi criada a Alfândega desta cidade, obviamente visando ao embarque de grande volume dos exportações locais. Esse fato em muito impulsionou o desenvolvimento comercial e a navegação, aumentando frequentemente surtos de golpes, roubos, e extorsões, pressionando as autoridades navais, formando um organismo corrupto e pecunioso.

No entanto, é no século XX com o advento da era industrial que se iniciou uma época que acarretou uma diversificação dos produtos exportados, e o grande impulsionamento ao transporte industrial, em detrimento do transporte do Fluvial. O Porto das Barcas, e com ele o processo de estagnação, ficando ociosa toda sua estrutura fixa.

A intervenção necessária é um processo que vem se desenrolando desde há aproximadamente dez anos, quando uma equipe da UFSCPR desenhou a um levantamento do espaço anfiteatônico. Em 1995 a Secretaria de Cultura do Estado reformou tal proposta, dando continuidade ao cadastramento, realizando propostas de restauração, a ser desenvolvida em etapas, sendo tentado o seu financiamento junto ao Ministério da Cultura.

A proposta visa restaurar e ressaltar a área que tem sido reivindicada por aquela comunidade, para o desenvolvimento de atividades



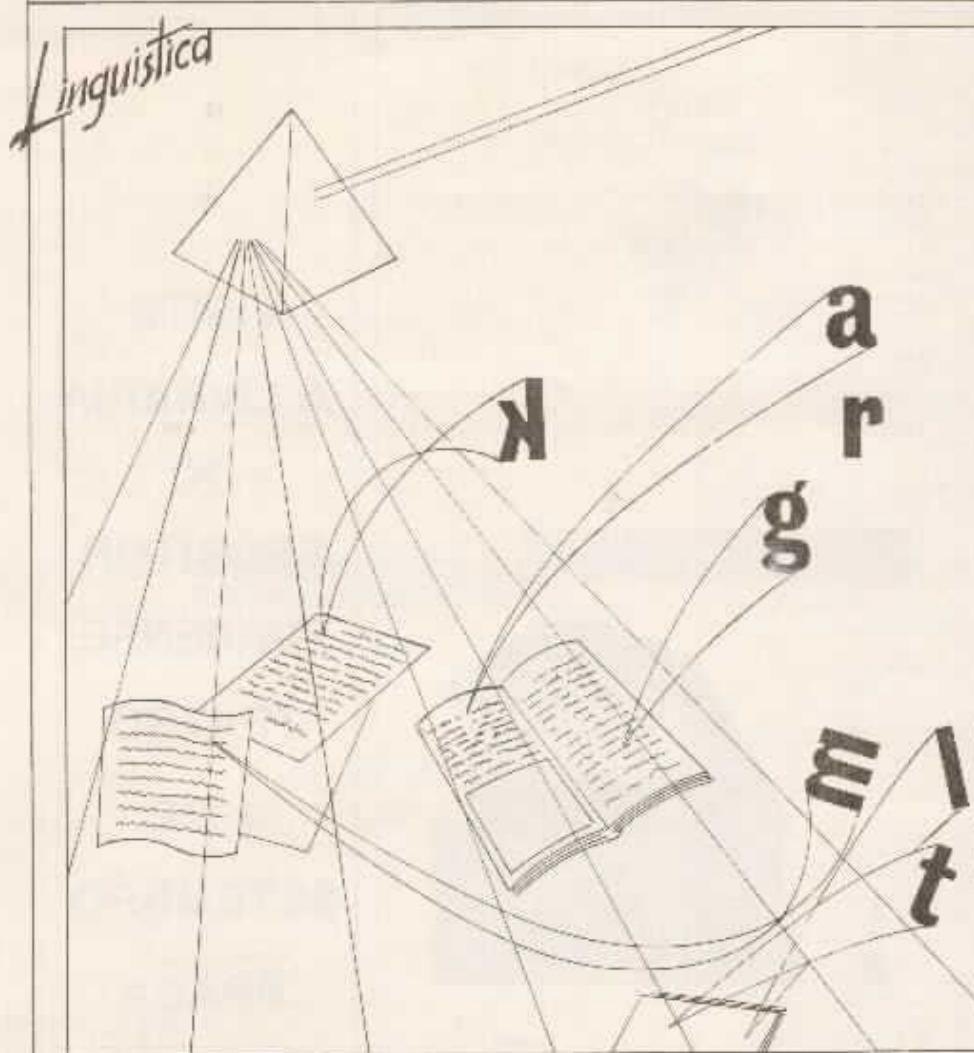
artífices da fazenda  
e apesar da fundação

Para outras espécies foram  
propostas a criação de museus  
e de mega-albergues, num  
residencial, escola de artes e  
ofícios. Academia Pernambucana  
de Letras, art-theatre, auditório,  
etc. Vale salientar que a  
proposta visa preservar ao  
máximo as características  
originais, ilustres e enriquecendo-as  
com outras existentes.

Acreditamos que somente  
levando em consideração  
cultural e econômica, é que  
podemos preservar um  
patrimônio de memória plena e sa-

Só o enganante e  
conservador da estrutura física.  
No final de Nossa Pernambuco  
dos Santos... Se alguém quiser  
saber a diferença, deixa uma  
casa nova em folha visão, sem  
uso nenhum por uns tempos  
poco. Vai ser uma ruína.

**VISITE  
A LIVRARIA  
DO  
ESCRITOR  
PIAUIENSE,  
TEATRO  
4 DE  
SETEMBRO  
PRAÇA  
PEDRO II**



# REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA GRAMÁTICA NORMATIVA

Ma. AUXILIADORA F. LIMA

**E** comum ouvirmos alguém comentar, quer seja professor ou não, que os nossos alunos de 1º, 2º e 3º graus falam "errado", "escrevem errado", estão "assassimando" a língua. Percebemos nesse tipo de declaração uma preocupação com o "mais" uso da gramática normativa. Saber "falar e escrever bem" significa saber gramática? Essa visão está tão arraigada na mente das pessoas que não é difícil para um professor de língua portuguesa ouvir qual o comentário que vai ouvir quando revela a sua profissão: "Português é muito difícil", "eu nunca sei nada de gramática".

A incidência dessas colocações mencionadas requer um posicionamento linguístico reflexivo acerca do papel da gramática como prescritora de regras na elaboração de sentenças para o uso da língua oral ou escrita. É uma reflexão que já vem sendo feita por diversos estudiosos de língua.

Esse posicionamento questiona a atuação da gramática normativa como detentora absoluta de um conjunto de regras que determinam o "certo" e "errado" da língua e aponta-a como errada quando quer outra forma de uso que não seja aquela dentro das suas normas. A gramática normativa embora conheça, não levava em consideração a heterogeneidade dialética, ou seja, as diferentes manifestações de uso da língua e a sua modalidade. Esses dois aspectos negligenciados

a) Ningém fala de uma mesma maneira em diversas situações. Existe o uso de uma "fala cuidada" e de uma "fala espontânea". Na primeira observa-se a preocupação com o emprego da norma padrão, enquanto se acordam com as regras da gramática normativa. E o português que procuramos, por exemplo, no nosso local de trabalho e em situações sociais formais. Na segunda, devemos falar uma língua em menos cuidado, sem preocupações com as regras gramaticais. Fazemos mais espontaneamente que usamos no nosso convívio familiar e em situações bem informais.

b) A língua muija. Ela passa

por um processo gradual de mudança ao decorrer do tempo. Se fizermos um estudo comparativo do português falado "não curto" o falado em uma determinada época, encontraremos diferenças que irão marcar uma mudança linguística.

A variedade linguística não é levada em consideração pela gramática normal, ou por ela defender uma norma padrão eleita por uma classe dominante que detém o poder e representa o ponto mais alto de uma hierarquia na escala de ascensão social.

Não queremos dizer que a defesa de uma norma padrão tire o mérito da gramática normativa. No entanto, devemos questionar como a escola, através dos professores de português, está desempenhando o seu papel de transmissora da norma culta para os alunos. Será que ela está conseguindo os seus objetivos? Será que os nossos alunos de 1º e 2º anos que são expostos ao português padrão estão conseguindo usar esse registro?

Não precisamos a muito longe para respondermos. Basta olharmos o desempenho de nossos alunos de 1º e 2º anos e nos universidades para encontrarmos um melancólico "m-

"Linguisticamente, não é raro nos vermos engajados no português que usamos, mas não o sistema da língua. O passo maior recai sobre a língua portuguesa por ser ela o instrumento da comunicação verbal. Deixar a tristeza de achar que a deficiência de português é melhor do aprimoramento do seu uso. A língua, o aluno já sabe, não pode esquecer de que ela é um falar de real uso. O que não pode é achar que o uso dentro de um contexto de comunicação, quer seja em um registro oral ou escrito.

É em razão dessa deficiência no desempenho escolar que se faz necessária a adoção de uma nova postura gramatical. Não em detrimento da gramática normativa, mas dentro de uma visão global do sistema linguístico que abrange os níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico da língua. Tais posturas devem ter em vista a versatilidade do sistema, manifestada através dos diversos sujeitos da fala.

Há a necessidade dos professores de língua portuguesa de 1º e 2º graus e estudantes de letres de familiarizarem-se com a heterogeneidade dialética do português, desprendendo-se do preconceito de que existe o "uso do português correto" e o uso do português "errado". O que existe são diferentes usos de registro e entre eles se encontra o uso do registro padrão.

A variação em qualquer nível linguístico não é anormal. É sistemática. Nossas regras que descrevem o seu comportamento exemplificando, existem regras que

explicam a variação de número na concordância nominal e verbal. I - quanto à verbal, não existe uma variedade de valores para o uso dos diversos registros do português. As variações não são boas, nem são más.

Simplesmente elas ocorrem. Não constituem erros, mas diferenças dialéticas. O que ocorre são empregos inadequados do português. Tais empregos inadequados iludem respeito ao emprego de um registro em vez de outro em determinadas situações. Por exemplo, parodiando a ilustração de Possenti (Gramática e Política), fala-se deve ter consciência de que em uma reunião de trabalho é tão desapropriado ele dizer ao chefe: "Nós tivemos um af para reclamação" quanto em uma conversa de mesa de bar falar ao colega: "O senhor quer falar-me a gentileza de me passar a cervaça para que eu possa saboreá-la."

É preciso que ascendamos a respeitar a variedade que o aluno tem de seu ambiente familiar, não reprimindo-o e nem inculcando-lhe discretamente a ideia de que não sabe falar e escrever. Muitas vezes, a posição preconciliadora que o professor assume perante o dialeto do aluno, provoca o seu emudecimento em classe e uma consequente rejeição do aluno. No entanto, respeitar o dialeto do aluno não quer dizer que devemos abolir a gramática normativa, ou seja, o uso do registro padrão na escola. Seria negar o fato: a língua é um instrumento de ascensão social em razão da sua utilização por um grupo de pessoas influentes e por elas a escolha das Gramáticas (Possenti). Não é rai-

usar o registro padrão em determinadas situações resulta em uma marginalização do falante por seu grupo socialmente privilegiado.

O registro padrão deve ser utilizado pela escola assim. Mas de uma maneira funcional, dentro de contexto de comunicação e não através de frases soltas, mere ilustrações de uma série de regras. A prática desse registro deve ser feita na perspectiva da variedade linguística do clérigo para que ele possa ter consciência ce que o seu dialeto também é válido, entretanto, existem outras, além do seu, entre elas, o que representa as normas.

É essa a Missão Técnica em relação ao objetivo de ensino da língua por si mesma. "O professor a seu propósito deve apresentar norma clara em vez da português que você fala, assim aprende a norma clara, além do português que você fala e utilize um ou outros se quiser".

A missão do professor é transformar o aluno num poliglota dentro de sua própria língua, conforme Bertrand.

Para a execução dessa difícil tarefa é preciso um novo posicionamento linguístico. Precisamos trabalhar com a gramática normativa, mas é imprescindível uma análise crítica do seu postulado, extratendo o que pode ser colocado de uma forma lógica, útil no ato de comunicação. As normas de português seriam bem mais claras, mais e menos desequilibrantes, se explorássemos o uso de linguagem nas suas modalidades orais escrita dentro de um processo de comunicação e não através de estratos sótios ou de simples curiosidades linguísticas.

#### OPERAÇÃO

- M. HONRIO, Encadado, Encyclopédie Générale Universelle, Encyclopédie Almeida, 1967.
- LIMA, Mário. F. Teologia da identidade: um anel de pesquisas em teologia. In: Revista da Faculdade de Teologia Mariana, 21: 23.
- PIMENTEL, Silviano. Crítica ao politico. Rio de Janeiro, Saída de Arca, 1968. 10. ed. Rio de Janeiro, 1970.
- —. O Brasil. Rio de Janeiro, 1968.

# HUMBERTO DE CAMPOS



• Biblioteca da Cidade, Instituto e Jardim • Fundação Adãoastur  
• Passagem Cultural do Brasil • Academia Fluminense de Letras  
• Academia Fluminense de Letras • Prefeitura Municipal da Parada  
• HOMENAGEM DO RIAU PELO CERTIFICADO DE HUMBERTO DE CAMPOS



*Educação*

# A EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO



LUIZ PIRES DE FREITAS

A Educação é a forma de formar o homem. E forma-lo livremente, deixando que a sua personalidade se expanda de dentro para fora, auxiliando-o a libertar-se das influências que vultariam os seus movimentos. O homem formado, o homem educado, constituirá uma célula livre e fecunda do corpo social, um elemento habilitado a produzir frutos que redundarão em desenvolvimento.

Desenvolvido é o país em que o povo é educado, em que não há analfabetos e onde a escola, não só a primária, está aberta a todos e de todos é exigida.

Desenvolvimento não é a finalidade da educação, condição indispensável para que se efetive, mas não será apre-

endendo estímulos e usinas que se chegará ao desenvolvimento de um povo. Só há um caminho real capaz de condizê-lo a esse objetivo: educar o povo. Educar, simplesmente, isto é, educar sem se perturbar com a preocupação de preparar mão-de-obra para a técnica. Educar, sem objetivos; pois será o homem educado que irá, por força de consequência, produzir o exigir desenvolvimento. A contribuição fundamental da educação para o desenvolvimento não consistirá formalmente na fornecimento de um homem habilitado para os meios, mas em produzir um ambiente cultural que force a capacidade criativa e a solidariedade entre

que queram o desenvolvimento.

Um planejamento da educação com vista ao desenvolvimento deve ter em mira dois objetivos: o atendimento dos direitos do homem e a sua valorização como fonte de produção. Importante é que a preocupação excessiva com o segundo não perturbe a visão clara do primeiro, mais importante. A preocupação exagerada de tornar o homem forte de produção não é o melhor caminho para chegar a esse resultado e acaba formando criaturas

"...oladas, sem base para o trabalho criador. É indiscutível que a falta de técnicos, de elementos habilitados para as novas tarefas criadas pelo progresso, constitui uma das deficiências sociais de um país em desenvolvimento, mas nos parece de que não nos devemos fixar apenas neste aspecto.

Do ponto de vista social, um aspecto que precisa mais atentamente ser ponderado pelos planejadores é o da interligação da escola com outros setores da vida humana. Quando se afirma o direito de todos à educação, não se pode imaginar atender à sua exigência com simples operação matemática de dividir verbas a distribuir escolas. A realidade é muito mais complexa. O benefício da escola está em estreita conexão com a conjuntura social do ambiente. Cabe, pois ao planejador considerar esse problema no conjunto, alentando para que o dinheiro público atinja efetivamente o seu objetivo, que é educar a criança.

Por outro lado, há que considerar que as demais chagas sociais não serão remediadas sem que se resolva o problema educacional. A educação é um caminho indispensável para a

solução dos demais problemas: pauperismo, saúde, vícios sociais, alimentação, moralidade, trabalho, improdutividade nas dificuldades sociais que não serão superadas sem se elevar o homem pela educação.

Desta maneira, sem prejuízo do relevo a ser dado aos problemas educacionais, num plano de planejamento poderá ter êxito sem que seja integrado, isto é, sem que os diversos aspectos: econômica, social e político, sejam pensados em conjunto.

Assim a valorização do homem é caminho seguro para aumentar a produção. Podemos dizer sem querer reduzir o homem a simples elemento no esquema da produção, mas que o homem capacitado é o patrimônio material mais fecundo que um povo pode ter.

Diz Charles Duhamel:  
"Temo-nos preocupado muito pouco em aperfeiçoar o próprio trabalhador. No entanto, ainda que ele fosse considerado apenas como um instrumento, um utensílio, um motor, deveria ser colocado na primeira linha, entre todos os instrumentos, entre todos os agentes mecânicos, porque tem vantagens inapreciáveis de ser um

instrumento que se observa e se corrige a si mesmo, com motor que se aperfeiçoa pelo pensamento e não menos pelo trabalho".

Não seria, pois, sem propósito usar fórmula mais radical: a educação é o desenvolvimento. Pois o verdadeiro desenvolvimento é a situação em que a pessoa humana se realize em sua plenitude, dando perfeita expansão às virtudes inferiores. O desenvolvimento que não se exprime em educação, em aprimorar tanto espiritual, seria desumano e deformante. A ampliação do progresso material, o tão falada industrialização, a prosperidade do corpo social, tudo isso é muito bom, mas seria muito maior se não se acompanhasse de um crescimento da liberdade das pessoas, da participação de todos na vida pública, do acesso aos bens da inteligência, da cultura e da civilização. Uma prosperidade material do estado ou corpo social que não redundasse em bem-estar de todos os membros da sociedade e de cada um deles, uma prosperidade material conseguida a custo de sujeição da pessoa, não seria um autêntico desenvolvimento.

## PRESTIGIE A ESCOLA DE DANÇA DO THEATRO 4 DE SETEMBRO

# PROJETO NORDESTE



O Projeto Nordeste foi concebido, no âmbito do Governo Federal como uma política de desenvolvimento rural visando reduzir a pobreza e melhorar a estruturação institucional do Nordeste do Brasil.

O Programa de Apoio ao Pequeno Produtor Rural — PAPP — é um dos programas incorporados à estratégia do desenvolvimento rural para os pequenos produtores rurais da região.

A área de atuação do programa abrangerá a zona rural do Estado, onde foram eleitas as áreas de concentração das ações do programa, dentro das microrregiões definidas (Vale do Parnaíba, Fazendas Estaduais, Vale do Gurupi, Vale do Itaueira, Vale do Fidalgo, Vale do Longá, Ibiapaba Piauiense, Vale do Sambito, Vale do Gueribas e Vale do Piau).

As áreas prioritárias onde o programa de desenvolvimento rural do Estado terá lugar

incluem 70 dos 116 municípios piauienses. O PAPP visa atender com as atividades do programa grupos específicos de pequenos produtores, aproximadamente 65.000 famílias, no primeiro octaéride (1987/1994), de baixa renda, operando em propriedades rurais de até 100ha, nos 70 municípios do Estado, beneficiando-as diretamente com as seguintes atividades: ação fundiária, recursos hídricos, extensão agrícola, crédito rural, comercialização, apoio às pequenas comunidades rurais, administração e capacitação. Além destes, um grande número de famílias também serão beneficiadas (indiretamente) pelas atividades de abastecimento d'água, desenvolvimento comunitário, pesca e comercialização.

Os recursos financeiros do PAPP são oriundos de três fontes: Banco Mundial.

**PROTERRA e FINSOCIAL.** Para o primeiro octaéride estes recursos serão na ordem de US\$ 160,5 milhões, sendo que US\$ 78 milhões serão financiados pelo Banco Mundial. Vale ressaltar que este valor não inclui o componente fundiário, uma vez que o mesmo é financiado por este órgão em contrato à parte.

Para o Plano Operativo referente ao primeiro período de execução do PAPP 1986/87, já foram negociados recursos financeiros da ordem de Cr\$ 596 milhões, distribuídos na seguinte forma: o Banco Mundial financiará 51%, o PROTERRA 15% e o FINSOCIAL 34%.

O PAPP é coordenado pela Secretaria de Planejamento, através da Fundação Cepro. E conta com os seguintes órgãos executores: INTERPI, EMATER, EMBRAPA, SIMA/CEASA, CODEPI, DER PI, EMOPPI, CIDAPI, SUDEPE, COPELCO, Cooperativas Agrícolas, OCEPI e Secretaria de Agricultura.

# DA COSTA E SILVA A POESIA DE UM GRANDE



M. PAULO NUNES

Na capital amazonense, Da Costa e Silva, poeta experimental por excelência, publica os primeiros poemas de folga modernista, de que resultaram "Carnaval", "Refrão do Trem Noturno", que lembra poema sobre o mesmo tema de Ascenso Ferreira, e "O Carrossel Fantasma".

Em Manaus se casa, em 1928, com Creusa Fontenelle de Vasconcellos. No ano seguinte nasce-lhe uma filha a quem dá o nome da primeira mulher, Alice.

Em setembro de 1929, parte para Porto Alegre a fim de assumir o cargo de Delegado Fiscal do Tesouro no Rio Grande do Sul, função em que o surpreende a Revolução de 30.

No Rio Grande se une a um grupo de intelectuais como Albertin de Andrade Queret, com quem dirige o suplemento

literário do *Diário de Notícias* — a Mansuetu Bernardes e a escritores mais jovens como Augusto Meyer, de quem commenta com muita propriedade os *Poemas de Blau*, Athos Damasceno Ferreira, Theodônio Testes, Vasco Neto e Viana Moog.

Convidado a aderir ao movimento revolucionário, excusa-se, por questão de princípio, em razão de achar que os servidores públicos deviam manter-se afastados da ação política.

Em sua passagem por São Paulo, na qualidade de Delegado Fiscal do Tesouro Nacional, sofre violenta campanha de insultos pelas seções pagas dos jornais, em virtude de haver empreendido uma tarefa de moralização dos serviços e de reforma e modernização da

administração pública.

Em São Paulo, à 12 de dezembro de 1931, nascê-lhe o quinto filho, Alberto.

Pedindo abertura de maneira repartição, afasta-se voluntariamente do cargo, qual não mais retornará, não obstante a insistência do Presidente Getúlio Vargas, que permanece no posto, o ficiaria fortalecido. Também aceitou outro cargo em que lhe forne oferecido, retornando à sua mesa de Escriturário do Tesouro, desencantado com os rumos da revolução em que chegara a depositar esperanças.

O episódio deixa-o abalado. Temperamento afetuoso e sensível, o poeta deixa São

— M. Paulo Nunes:  
Escritor, Ensaísta, Membro da Academia Piauiense de Letras.

em 1932 imerso na maior tristeza e desilusão. Começa então o mergulho do poeta no seu círculo de sombra. Desde o final de 1931 não mais escreverá versos e a edição de sua *Antologia*, da qual cuidaria a bondade de Clodomiro Campos, já encontrou o poeta, em 1934, tomado pela doença.

Em fins de 1932, após o nascimento de sua filha Elisabeth, o poeta submete-se a uma intervenção cirúrgica, pensando a revelar, após obter alta, os sinais da doença nervosa de que não mais se libertará até a morte, em 29 de junho de 1960. Fora vencido pela vingança dos deuses como dirá o poeta contemporâneo Martins Napoléon, em comovido poema:

"Criei de novo o mundo,  
à fagulha do teu sonho,  
enquanto os deuses o  
marcam uma só vez,  
e por isso talvez,  
o castigo medonho,  
como o raio que cai  
no carvalho mortíssimo"

"Teu cérebro amantece,  
em sombras... E a esperança  
diz ainda ao coração  
os últimos adeus...  
— a demência é de certo  
muito a melhor vingança  
dos deuses, contra quem  
rei maior do que os deuses..."

Em Alhambra, finalmente que constitui um projeto não realizado do poeta, estão reunidas algumas produções esparsas, inclusive os poemas da fase modernista já referidos e incluídos nas *Poemas Completas*, cuja 3ª edição comemorativa do Centenário ainda de ser publicada.

Terá sido esta apenas toda a obra do poeta? Pesquisas mais recentes têm evidenciado que não. De sua obra em prosa muita coisa esparsa foi há pouco tempo encontrada por Alberto Da Costa e Silva em pesquisa realizada na Biblioteca Nacional, na coleção do *Correio da Manhã*, levando-o a pensar no projeto de edição de suas crônicas com o título de um dos livros idealizados pelo poeta: *Passeio Público*.

Da obra em verso muita coisa nova vem surgindo através da pesquisa que vem sendo

empreendida pelo Departamento de Letras da Universidade Federal do Piauí, de que temos a mostra em "Ansia do Nirvana", publicado em *A Vida Mineira*, de 26/09/1916 e dedicado a Alphonsus de Guimaraens e no qual poema "Salomé", publicado na revista *Vita* e a seguir transcrito.

*Volta o escravo trazendo, enfim, na áurea bandeja,  
A cabeça de João. Ergue-a, fitando-a e beija-a.  
Com ardor, Salomé, cheia de comoção  
Ante a posse do bem que ambicionara em vão...  
E hoje tem, afinal, como único conforto  
De vida ao seu amor... E a cabeça do morto,  
De novo erguendo, beija, olha-a outra vez, a ver  
Se ele ainda pode amar, se ainda pode viver;  
E parece que vê na pupila incendiada  
Um reflexo de amor, num lampejo de vida...  
Nessa doce ilusão, que engana o seu olhar,  
Voluptuosa, a sorrir, não cansa de beijar,  
Num transporte feliz de jubilo e de pena.  
Entre rubis de sangue, a cabeça morena  
Do profeta cristão, indefeso e revel,  
Cujo grito de dor eram favos de mel.  
Ergue-a beijando a dança e, em delírio dançado,  
Em coleios sensuais volteia, ondeando... voando...  
Voador qual se tivesse uma asa em cada pé...  
F uma serpente humana a linda Salomé,  
Em ágeis contorções, em lubrícios meneios,  
Agitando os quadris e os pâssaros dos seios  
Seminua, a ostentar o corpo virginal  
Que vibra de emoção na lascivia carnal  
De amor, com que ela vai, numa febre imprevista,  
Beijando a fronte, a face a boca a João Batista;  
Trágica e bela assim, num ritmo embalador  
Dança, à cadência ideal dos osculos de amor,  
A música febril dos beijos repetidos  
Que confundem num só todos os seus sentidos;  
Num gozo emocional de amorosa embriaguez  
Não distingue, nem vê os que a aplaudem, talvez...  
Vive só para João... L a cabeça do Santo,  
O olhar boiando em luar, inundado de pranto,  
Pelo poder que o amor, mesmo na morte, tem  
De repente se anima, a fita-la também;  
F o fabio trio e agora insaciado e fiamto  
A beijar e a morder de volúpia do instinto;  
Virgem durante a vida, agora morto, quer  
Nesta boa aromada e ardente de mulher  
Beber de um trago só de um sorvão, de um só hausto  
A alma de Salomé, em sublime holocausto.  
Na vitória da morte, à vitória do amor,  
Enquanto em convulsões de alegria e de horror,  
A luz daquele olhar, a ansia daquela boca,  
Voa, no ar, Salomé, rindo e cantando, louca,  
A erguer, como um troféu, a cabeça de João,  
Lamentando não ser o próprio coração!*

(Inclusão do número anterior)

#### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CASTELLO BRANCO, Christino — Letras piauienses (Clodoaldo Freitas e Da Costa e Silva) in *Homens que Iluminam*, Editora Aurora, Rio, 1946, p. 87/94.
2. COSTA E SILVA, Alberto Da — "Notícias sobre Da Costa e Silva" in *Poemas Completas*, Edição do Centenário, Editora Nova Fronteira/Pré-Memória /Instituto Nacional do Livro, Rio, 1985, p. 17/39.
3. Op. cit.
4. Op. cit.
5. Op. cit.
6. SALLES, Antônio — Folha do Povo, 06/09/1919
7. COSTA E SILVA, Alberto Da in op. cit.
8. Op. cit.

## BATEIANDO DIAMANTES

Lembrai a alma ao ritmo da  
música não é estremecer-se  
propulsado pelo toque dos  
metais nem pulsar  
espasmaticamente a delicada  
essência de ser às sugestões  
cacoíticas dos impares  
treliçoados de diamantes  
explosões que vibraram na  
órgia da ociosidade militares.

Exhalar a alma enolta no  
tanger metálico não é galgar  
as ondas levianas de um  
psicodelismo ultratípico que  
transcende as exacerbações  
biológicas intempestivas e  
ruthabule continentais de  
estranha delicadeza espiritual,  
violento-a e violentando-a  
com o vanguardismo  
stilino dos ironistas.

A música, verdadeira música  
não obedece a — é o culto de  
comunicação nem parasse  
metendo silencio o espaço-timbre  
existencial. É bem verdade que  
não, como estúdio e gênero,  
sustenta os anelios aquilins da  
digna e do amouido em que  
nascem, mas permanece na  
elevação das horas e dos  
momentos psicológicos,  
transpôs o eterno arco e  
flutuando sobre as vagas  
ocultas dos séculos — que vêm  
da pentógenese sanguinante sem  
idades e universalidade eterna  
de um expressivo canto de  
amor, esse raio mesmo do  
sentido de viver, esse fôrme de  
acanhamento que encobre e  
alimenta, alimenta e enriquece a  
harmonia de saúde, esse  
la sante da um ser que se quer  
completo e satisfeito na plenitude  
do seu existir-morando.

A música — é um artifício  
para o intelecto calculado no  
gênero, só o começo no  
arranjo arquitetônico de sete  
múltiplos círculos versatilizados  
pela orientação das crenças  
mysticas, a flerte-aflética na sua  
esfera de sonhos, capaz de  
estar seu efeito nobílico até a  
intimidade das fôrmas para  
despertá-las em balão de estrela e  
explosão de perfume à vida, esa  
que iluminam que faz suspirar  
as reisias da natureza deslizada o  
nôos sozinhos da criação  
divina nas bolas preciosas.

A música no meu sentir  
poético, no meu romântico



HUMBERTO GUIMARÃES

sente; jamais bombardou ou provocou convulsões; ela protesta, lamentando mas nunca insulta vícios escatológicos ou cíndulas agressivas, ressentindo-se de acentuar tanto a sugestão turbulenta dos coxões ou das espadas, porque ela é, antes de tudo, uma lira primitiva das ilusões para os eleitos da harmonia, como condição para a vida carnal, instrumento desalinhado de ruídos para auxiliar a dissociação atípica das paixões que se danam em desequilíbrios surrealistas de misticismos extravagantes.

Dencalpe-me se puder o senhor Wolfgang Wagner, suas trombetas apocalípticas em escaus de fogo, suas tentas de morte festejantes para desafiar, incomodam timpanos e transmitem mensagens de desagregações paroxísticas de influência de um terrível deus solitário, um almejamento deusas caras e o ridículo de outros deuses: suas expressões de tempestade de cruz jazidas guerreiros, de ódio e raiva, destruem susseguem e arrastam suas vidas limitadas. Gosto irritantemente, senhor Wagner, das versões contínuas de amor para Triâns e Inês, mas só quanto a mim porque, a resto, se houveram de desgostos de ódio e traição, mal vezas meiro as explosões catástroficas do passionário. Fim! E levando em príncipios e poemas, sítomos, coisas vozes exortações à sensibilidade conflitiva de Tannhäuser.

No meu ponto de vista, Laco entendeu a música com um mito a aperfeiçoar: se anáclise a esudina para de poesia, descendendo ao popular como social-esteticizado; penso que, para isto, houve uma paulatina suavização, desde Tchaikovsky com Lago dos Cisnes, Quebec-Nous e as não muitas famosas sintonias, bem como, por outro lado, de Berlioz e Massenet, como, em parte, o próprio Wagner, imitando influências para a Música Nova de Richard Strauss, cujo pai, o conservador Franz, teve o bom-senso de dar-lhe intura liberdade para a expansão do gênio que por certo aplaudiu as vanguardas da sua parente de Viena, mas, não tendo coragem de descer a tanto, preferiu o meio-termo de Dom Juan. As Aves Travesias de Till

Eulenspiegel, A Dança dos Sete Vênus e Salomé, posto que Johann Strauss Jr. trouxe demais na expressão jungista, reduzindo os canones herméticos a Polka e Walzer como Sobre o Danúbio Azul. Se Lhe Agrada, Contos dos Bosques de Viena, Canção Alegra, Rosas do Sul, Passeio de Tram, Sangue, Alegre e Sangue, Vienenez, Informando que quer arco-oxo e torcendo as sensibilidades mais alavancas formidáveis de qualquer natureza que são o espelhador e a graça dos grandes balestas, foram os Meninos Cantores da Viena, com sua educação de capela que testemunha o edificaram com o canto de coral estilizado, perante seus pares — que o haviam marginalizado. Viva Johann Strauss Júnior!

Nessa demarcação não se pode deixar de mencionar outras importantes personalidades tais como Claudio Boettcher e, sobretudo, dois que se seguem: — Hebe, sintetizada no seu individual Brasil, e essentia Johann Sebastian Bach, com a louva saliente de Jesus Cristo Alegria dos Homens, a que o nosso poeta Vítorino de Moraes adaptou a letra de Bacchus das Flores, coisa mais Linda.

Fim! As praias, com que a natureza nega, este mundo onde há tanto tristeza e melancolia das flores, marja em primeiro lugar. Fim! Milagre de aroma florido, mais ando que codas as graciosa do céu e em mim mesmo do mar. Olhem bem para a rosa, não há mais formosa é a flor dos amores, é a rosa mulher que em perfume e nobreza vem antes do cravo, a do lirio e da hortênsia e da dália e do bom cristianismo, e ali mesmo do jardim gentil mal-me-quero. E reparem no cravo, o escravo da rosa que flor mata chitona que enfeite sut. E no lirio que causa o delírio da rosa o matifló, o almo da rosa que é a flor mais valiosa e mais grossa entre as flores do nogueira Brasileiro.

Abram alas pra dália garbozo de cor mais vistosa, no grande jardim da existência das flores, tão cheio de cores quentes. E também para a hortênsia inocente a flor mais contente do arco do seu corpo macio e feita Santista da vida, vem a margarida que é a flor preferida dos que têm paixão. E agora é vez da papoula vermelha que del tanto mel das abelhas e alegra este mundo tão triste com a cor que não do meu coração. E aquela aqui temos o nome cristântimo seu nome cantemos em verso em prosa, primor que não tem a beleza da rosa que... Me rosa não é só uma flor, uma rosa é uma rosa é... uma rosa é a mulher ressendendo de amor.

Esto moraillha de empáfia bucólica, este certo anjelo de essa inciso an amor no seu mais delicado sentido, se é que há um amor que não tenha sentido tão nobre, elaborado ao ritmo da tocaria do sonhador João Sebastião, só o comparto mesmo aquela crônica maior que Machado de Assis, num dos seus grandes momentos, profuzou o título de "O Jardim do" e a crescer em Mumbucas da Casa Velha, na mesofobia mais longe da civilização poética, expressando a heterovalorização afetiva da comunidade humana e um dos seus maiores em destaque por merecimento cognitivo, merecimento de graça merecimento de afeto.

José Guillermo de Araújo chega a certa altura dos seus versos exceder num arranjo cabrônico, que "arrisca me unvergosharei de falar de amor". Isto é bonito. Se cada homem tivesse essa coragem de assumir o sentimento-gua da condição humana desse, certamente o mundo não viveria esfriado em tanta miséria de vencimentos corruptos tripudiando sobre vencidos humilhados e traídos, e não se veriam ampliadas em lutas distorcidas as dores do mundo schopenhaueriano, nem os personagens de Kafka viver-

clararam mortes de perplexidade em processos subliminares de *bircus-plurularis* expostos aos turmentos da assertivo de Lívio — de que é preciso sacrificiar um grego como vítima.

Só o amor constrói quem desejou talhar pela boca do céu a verdadeira mais cristalina. Carta falsa, participando de um seminário de docentes universitários sobre a sistemática do costume e o índice de aproveitamento do alunado, percebe o quanto o amor — assim mesmo com malícia — é incomprendível e desprezado. Empenham-se muitas figuras a apontar e exemplificar mil e um problemas dos desacertos acadêmicos quando um participante, conhecido cidadão de vila pautado pela filosofia kantiana, exclama com timidez que a causa de tudo é o desamor. Vi nesse instante os doutores do templo se calarem por um fôlego de estupor, para seguir a espontânea em flâncantes gargalhadas e sarcásicos reproches, pois haviam admitido que, em tão nobre assembleia em tão solene dia, fosse alguma com "almanhar ingenuidade, fazer uma possilização com laços doutrinários de tal vez. Nocautearam o colega com acuchumes de mãos e o deixaram no esarcismo das portas.

Não entendezam dizes, reagiu um, que o colega falava na sua constelação amor, a veracidade mais claração em mundo, pois que o Amor é eterno e sólido, mas ainda, como o fizer que fluí e se expande por toda parte e penetra todas as fenestracões por maiores dimensões, onde quer que haja espaço atômico ou molecular; e só, o Amor, que não tem atomo nem moléculas, vai mais além ainda, segue pelo espaço-universo, pelas dimensões além-eudicidianas e per longas curvas do infinito e o envolve na visão que na pose do mais mínimo detalhe da existência, fazendo-se presente quando invoca como harmonizável em qualquer esfera da constituição humana multizetada, estendendo elástico, versátil, é ele o pilar da construção, da disciplina, da paz, da felicidade, o condutor da esperança e da fé, o antônimo da negação, o tóxico

do vópole cotidiano de rotina e encanado, o chocalhar das amarras e dos alicerces do lar, o luto das amantes ao aperto de mão das nações amigas.

Em se tratando de amantes que vivem um hard-rock possessivo, o amor é sólido, por isso perigoso; ele não brilha jamais e se revela contumaz, quase convencional, mas que o vinhão contraria. Agarrando-se nas almas perfeitas e preservadas, num momento transformador da vida pessoal e acentuado se medonho igual o



Felino Pacabu em metamorfose de Gato Gian rei, quando Hé-Man invoca os poderes de Gian ou para comandar as potestades do mal. Nessa situação, o gato avança, provocando-se, olha-se para uma saudação ou perdição — dois aspectos dos extremos de tudo o que está que Camilo Castelo Branco, o prolífico escritor de Portugal, expôs na sua trâmatica literatura.

Não possuem caber o amor sem poesia nem a poesia sem amor, a cristalização afetiva de Sthendel a mim me parece algo estável e conformista com a mesmice insossa de coisa que se não temida; protão aquela saudade de si-só que busca sempre e para mim, a plenitude expressiva desse grande mal, mal que Emílio

Miranda Lopez elega como o primeiro dos quatro gigantes da alma, só é possível traduzir pelo recurso musical, essa música que relaxa, que arranca suspirios singulares e ações a imitação para representações elípticas. Por isso mesmo minhas me quedo a procurar estratos das mais recônditas recantos mímicos truhos de tiro limoso que só as rancões de outono contêm: expressões vividas do autor, ora sentido, ora realizado, mas sofrendo principalmente, pois o sujeito, esculpido, sente melhor que se exprime com todas as vibrações oníricas da alma num apelo à sua razão mesma de existir no mundo, que é a esperança, quando se diz em desencantos.

E por tal razão que vim sempre, quer ferir um leproso das letas de melotas, doente que se sente, deseja, encantado nunca, posto que divinas, perla, soterra. Convém o autor, por mais tripa que seja, a acompanhar-me no agradável exercício certamente comigo que nos for possível cantar, amando o de rebolado em rebolado, que tal fascinação, esta feia amiga que Elisa Begl fascinada sei a mais suave interpretação para a triste sonata de *...a novela da Ribeira de Giros de Televisão*, intitulada *Casarão*. (Naturalmente depois da Carla Galhardo).

"Os mais lindos sonhos ganhei De quinze mil — castelo ergo. E no seu olhar, tanto de amiga Com sorriso das mi venturas proclamou O seu corpo é az, sedução Poema disto cheio de splendor. Teu sorriso prende Me embrija, entremece Es fascinação, assiste."

Os compositores de anos não muito passados, tribam, assistam de inspiração, o dom artístico das regras gramaticais que molhavam conforme o gosto escultural, zelando pela perfecção do idioma sem prejuízo algum para o ritmo da cosa, vejam por exemplo, de José Barre-

v Alcyr Pires Vermelho, esta Lauta interpretada por Juracy Guastaf.

O vale em flor  
A fonte, o rio cantando  
O sol, balançando a estrada  
Frances de autor  
Luiza, um sonho da criança  
Luiza, sua cabeleira é a flor.  
Ó Laura,  
Como é Linda a vida.  
Ó Laura,  
Como é grande o amor!  
De poesia acesa, um lenço  
A estrada, a distância  
O asfalto, a parte, o bar.  
As taças de dor  
Laura,  
Que é de a rosa dos cabelos.  
Laura,  
Que é do vale sempre em flor  
Ó Laura  
Que é de o seu sorriso.  
Ó Laura  
Que é de o nosso amor.

De 1º picado (tudóque) ainda faço questão de ressaltar duas famosas composições, a primeira interpretada por Quinteninha Serradilheira e, a segunda, por Linda Batista, Verjamus.

#### FELICIDADE

Felicidade fui, se embora  
E a saudade no meu peito  
Ainda mora.  
Lá por isso que eu gosto lá de fora  
porque é... sei que a falsidade  
não é gente  
A minha casa lá lá  
de trás do mundo  
Once eu sou eu, um segundo  
Quando começo a cantar  
O sensimento  
Parece uma coisa à tua  
Mas como é que a gente vira  
Quando começa a cantar.

A outra é a popo-selassina Vingança: "Eu queria tanto tanto quando me contaram que lhe encontraram chorando e depresso na mesa de um bar/E que quando se encontrei com ele, por mim, pergunto-lhe, um soluço cortou sua voz, não lhe deixou falar... Até mais ouviu gente tentar  
quando me contaram que lhe mesmo que fazia infiltração pra ninguém nada. O remorso talvez seja a causa de seu desespero: você deve

estar bem consciente do que pratica... Me fazer passar nessa vergonha com um comparsa-horro. E a vergonha é a barbaço maior que meu peito daí dalem. Mas enquanto houver força em meu peito eu não queria mais nadar e vingança... vingança vingança... meus Santos clamam Vocô não de roer como as pedras que ruim na estrada sem fôr nunca um caminho de volta para poder direcionar.

Apesar de, leitores, a letra dessa valsa ouvir-se chama "Avento, Acalma", quem a compôs? Ninguém sabe Talvez uma pessoa importante apagou-ação que não quis aparecer. Os pelesidos do autor, Geraldo Alves, a interpreta: "Viu que preciosos versos em cinco alfabetas com rimas quais e rimos sem desonra".

A cerca, Adalocas  
Pois que a noite é feia.  
Vem ver o luar!  
Vem ouvir os cantos  
Tão cheios de encantos  
Que vêm lá do mar  
São os pescadores  
Quer cantando amores  
Se vão bateria forte  
Remando a fuma  
Ao brilhar de luar  
Na propriedade  
Acorda, Adá piso.  
Pois que a noite é bela:  
Tem de de min  
Que no dormir te enquires  
Quem por ti padecer  
Tornemos sem fum  
A voz que te chama  
E de quem te ama  
É de um trovador  
Que nem é suspira  
Nas cordas do ura  
Pedindo te amor  
Acorda, Adá piso.  
Pois que a noite é bela  
Sob um céu de anil  
Possa a brisa mansa  
Qual gentil criança  
Sô pompano em si;  
Vem ouvir os cantos  
Que são os cantos  
Desse seu cantor  
Que vivo assim  
Que vivi assim  
Em seu doce amor."

L. Vinícius de Moraes, o eterno e temido Vinícius, não pode deixar de ser lembrado:

ainda, ao lado de Chico Buarque e de Angela Maria, com esta Gente Humilde: "Têm certas dizes em que penso em minha gente, e sinto todo o meu peito se apertar, porque pareço que acostumei-me a sentir como um desejo de querer sem me notar. Igual a como quando eu passo no subúrbio, eu me sinto bem vindinho de tanta de alguma lugar, e aí me dá como uma moça desse gênero que vai em frente sem nem ter com que contar. São casas simples com calhas na caçamba e na fachada escrito em cores que elas só pelo contrário ficam mais bonitas, e alegria que não temendo encantos. E aí me dá uma fraternidade no meu peito, fui um despeito de eu não ter corra lata, e aí que não creio pego a Deus por minha gente, é gente humilde que vonta de chover!"

Para não se fechar especialista de Guitarras de Ipanema, e continuando na forma de degustadores de salsicha, embriou aquela a serenata do Adá que ele, em sua hora, confiou à voz de Eliseth Cardoso, a divina morta. Ah, a lata que no céu surgiu. Não é o mesmo que te vir. Nascer das braços meus. Cai, a noite só tua e nossos amores. E agora só testes do amor. Um paletó adeus. Manhãs de uva e amêndoas. Ah, que amar é ser, morrendo. Pela vida afora.

Outroas Duras reflete a força romântica de "na época, às vezes, a mesma interpretação outras vezes Roberto Lame, Lúcio Alves ou Dom Madi Vianino devia e com elas, esta A Noite do Meu Bem: "Hoje, eu quero a rosa mais linda que houver. E a primeira estrela que vier. Para entregar a noite do meu bem. Hoje eu quero paz deitar a alma dormindo. E abanando de fome e abrindo. Para entregar a noite do meu bem. Quero a alegria de um harco cantando. Queijo tartufo de mimo se encontrando. Para entregar a noite do meu bem. Ah! aí quanto é amar. O amor mais profundo. Eu querer todo a beleza do mundo. Para entregar a noite do meu bem".

Aí! como esse bicho  
dormiu aí agora! Lá a nem se  
temer no olhar. Toda a gente  
que viu isto fala!

E Gostes Barbosa com  
dele e seu Chão de Laranjas que  
em resto a Boa Cidade?

Minha vida é um naco  
d'água seca  
Fui eu a confundir o meu reino  
Palácio das pendências falsoas  
Chendo os países fofos do  
deserto  
Ainda a confundir a humanidade  
Entre as primeiras húmus dos  
corações.

Meu barcozinho me manda  
Saígez-nos  
Tinha de ser um navio  
de uma vez  
Então a serenidade que acalmo  
E here, quando dissei as acalmo  
Força nova narrarão  
sinto saudade  
De mulher pompa rola em  
voos

Nossos corpos comuns  
cavam, rachavam  
Na corda que bandeiras agitavam  
Pareciam um estranho festival  
Dentro das nossas tristes  
cavacas  
A morte que nos morre  
mal vos idas  
E sempre ferida racial

A porta do barracão era bem feita  
Mas a neuração o nosso círculo  
Salpicava de escuelas novas  
vazio.  
Te pisavam de chão desse trânsito  
Sem saber que a ventura  
desse vazio  
E valrocha... n'her e o vazio...

E agora desfilam na minha  
escassa lembrança  
vibracões de cozes antigas que  
não consigo identificar  
elas comem rafinhos  
criptomônimos como este bolinho  
Doce deles que me deixa... Eu  
quero mais saber qual  
que me fizeste procura esquecer  
mas lá só não engajo...  
Se Deus quisesse um dia  
devolver-me o passado, vendoe  
me pecaria, mas não importaria  
viver mais ou não viver.  
não quero nem saber se um dia  
é futuro está tudo acabado pra  
que ressuscitado uma  
vez que matou.

Sere Angelo Mar a que o  
rei te Confessa que não  
sei, como também não sei sobre  
este que conta a separação  
da amada com a amiga  
de ressentido... mas lembra a si  
muito esquecer, mas se  
faltou algo a alma  
de saudades entre duas casas  
que usa e impõe para  
determinar o sentimento  
de consolador. E entre  
muitas saudades entre as  
pontas, separando que tudo  
não seja exceder separar  
desta que eu seguirá  
a meu na estrada da vida, seja  
feliz, marido. Parte  
Nunca tempe, esquece tudo, não  
viscereis um sonho... sonho  
de insônia. Encerrando aquela  
esperança de voo, eu não sou  
mais enlouquecido, meu coração me  
diz... Parte para sempre

Quem compõe quem cantou  
esta tua saudade?  
Saudade? De não tentar os  
centros dos teus beijos, vivendo  
passeio mundo sem dor  
nem é hora com certezas  
mistas e sonha das carícias que  
estão cheias de calor  
Se é pecado querer tanto  
nasturcia, ou amola de solteiro,  
menos pindão, gosto  
de um tanto, tanto, que a saudade  
não cabe em meu peito  
coração. Virgem sente  
agresso seu perdoe, se  
contundo esta canção em pato  
em... Só espero que tu  
vibras e não vides, mas as  
gostas que me malam  
não tem fim... Cantando a te de  
e corcovava vauim, porque me  
pegue chorar em canto a  
mão da dor, cantando e contendo  
cantando perdoe, porque me  
faz sofrer, contendo hei de  
morte.

Não importa o salto  
do verbo ou fui para a terraço  
singu... até me hora o  
ritmo na sua continuidade de  
melancolia. Aliás não garante-se  
a letra está toda certinha, mas al  
faz tal como agota me cheguei.

O amor não corresponde  
nos seus anelos formosos  
masoquista, é é masoquista,  
mesmo quando, um revolta o  
pôr a vergonha e  
desprisco, destila aparente  
saudade, pois que não  
passa mais de mera formação  
realiza ao contrário. Mais belo

porém é ouvir-se no  
gorgulho do amor que ensanta  
como n'esta querência do  
migalha amarosa sentia: "Eu  
contigo, o amor de te encanta  
o verdadeiro amor que eu  
esperava, assim eluso de alma  
de carinho e affligção, a mim  
que eu sempre desejei.  
E, contacta o amor ao se  
encontrar, quando a tua escula  
em t'eu não  
permova, des a t'eu de meu  
querer, senão... e'nt' t'eu  
ver, tu és o meu que eu  
saudo". Domine, se paro an  
t'eu, ou mais... las flores,  
t'eu muitas es, flores em  
botão, eu fizzez-te  
amor a t'eu e meus desejos  
ardentes. Eu de minhas orações

Lindas glorias suas  
foram interpretadas por Antônio  
Silva, o cantor de cui mais  
sauda que a cura. Quem não  
se lembra por exemplo de  
Quero Beijar-te na Mão?  
Um sambista, menos conhecido  
é este: "Perdão... a quem tenha  
perdido pelo que onde acorde  
houve em dia passado e  
sofrimento, preste...  
e o sentimento de quando eu  
vou... Quando em minha vi  
lo surgiu, tudo era furtura i  
doso, velho e despedida dole  
cão e moe tristeza, separação,  
me trazia um tristemente dia  
e respondi amargamente  
não mais existe dentro  
peito do meu...  
que possa chamar-se coração  
Lembraças da Cabecinha  
Ó-lá... Encosta tua  
cabeça cheia no meu umbigo e  
chora... a da testa... As  
mágicas que eu sentia eu já  
se cansei. Se quando em meu  
ombrão eu chore... Só peço  
que levez pra longe esta saudade  
e deixe entre os a felicidade  
e felicidade porque  
chorar de saudade

Orixá o rádio nos meus  
de ginástico, nos programas d  
entendeez... Gosta de más  
romântica sim, embora não  
cantar, nunca tenha feito  
seresta. Quem canta esta ca  
que dia de chagada do amor  
ao ambiente de algriás do  
pato recordar se os dias de  
ventura em meio à solidão,  
tristeza do vazio que restou  
então, num arranjo de tem  
mal contado, invoca e amad  
para a reconstrução do pa

"Revendo agora o meu jardim,  
não que trateza entim. As flores  
que colavam de alegria inspiram  
não nostalgia da abundância cruel,  
é tão grande a miséria dor, o mal  
que tanto é de amor... E as rosas  
tristes e amarelas ficas pelo  
abandono da vida, sem perfume  
sem vida, morrem marchando em  
bitzes, despedaçados pelo o bão...  
Volta, sem rever nosso ardor,  
vem amar a nunca mais  
te elásticas das minhas".

De certa feita, nos meus  
anos de Recife, por meio  
de testemunha, fui fazer  
uma viagem, entre os Oito Triunos  
e Rio. Esta é a crônica:  
Proibida, estrelada por Natalie  
Wood. Bom enredo com intriga,  
drama e desfecho aguaceiro;  
sobre a história mágica do mundo  
e a história do amor.  
História de um amor que se  
passa numa cidadezinha das  
fronteiras do México com os  
Estados Unidos. O casal faz  
pedra quando o título do filme  
e a sua trama são feias e estrela  
— aliás, das melhores — nem  
o diretor nem, nem a música  
que servia de trilha sonora.  
Muitos anos se passaram, até  
que vim a saber que nítida  
daquela minhoca Fronteira  
do México, difícil me foi  
encontrar o disco que a contém  
nas terras de defrontando-me  
com um "Mundo Café" de Pele.

é seu escondido, que, além das  
muitas tantas memórias, contêm  
tantas outras que nos trazem  
ao presente os dias de gôndola no  
Teatro A de Setembro e da  
Praça Pedro II de inauguração  
dos ingressos circulares, quando os bilhetes  
davam a sensação de puríssimos  
capazes de cabeceira lustrosa de  
brilhantina. Vim a conseguirmos  
igualmente um treco da letra  
em versão portuguesa, trecho  
que alvejou conforto à memória  
de quem me passava:

"Fui, na fronteira  
do México, no sul,  
que de surpresa irriundo no olho  
— ouvir eu essa  
Fui tudo me olhar  
sobre seu olhar  
que hoje é saudade  
que vêm á do az  
Ao voltar ela disse  
"eu te espero"  
entrevisei na maré triste ilusão  
de voltar dia desses" — ou te quero  
pôr a tu da "meu coração".

Ah, México de Agostinho  
Lara, México de los Mariquitas,  
esses sonoríssimos gritadores, de  
sonoríssimas vozes, cheios de  
sensibilidade, grita! México  
de María Bonita, de Jalisco, da  
La Paloma, de Cielito Lindo!

E assim curvado os jovens  
das milícias i sonetas de homenagens  
mártires que vieram da  
vanguarda espírito  
solitário exótico do belo jazz do  
Hercules, que adotou um  
comportamento musical mais

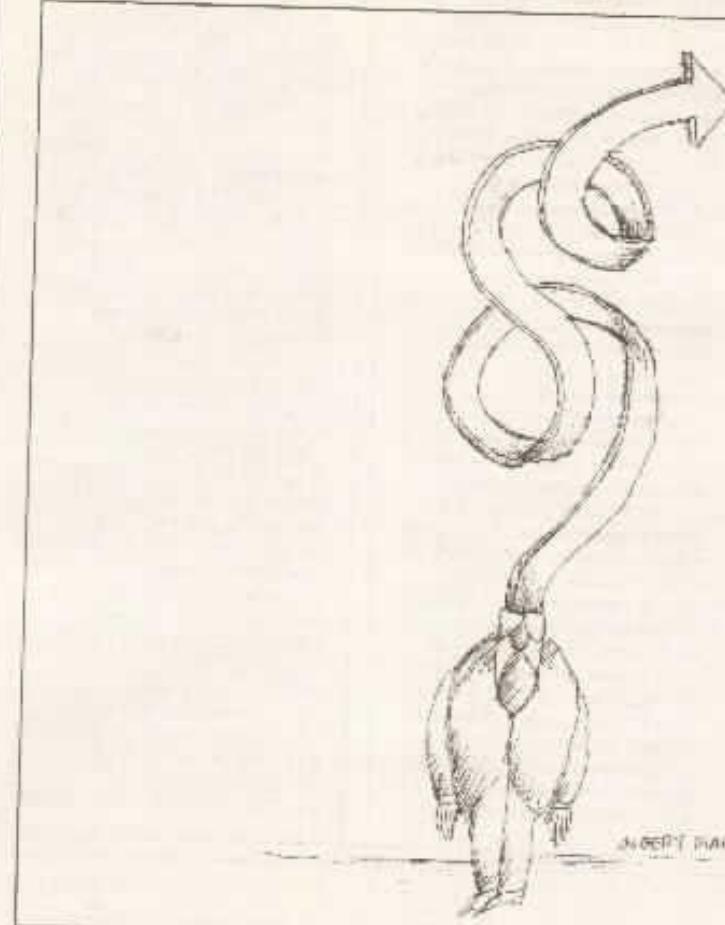
estúdio veriam se querer,  
por instante, sem essa  
proximidade priscocultuosa,  
fruto da exploração psicomotora  
que lhes trazem os "metais  
puras" do Rock in Rio, e  
considerem aqueles bons  
aqueles letitias errancadas do  
fundo das gôndolas transpiradas  
pelo grande sentimento da  
humanidade de todos os tempos  
de todas as épocas: o amor  
— sobretudo, frustado, perdido,  
esperançoso, desaparecido...

Só que fomos mal festivados.  
Sim, meus jovens quando  
estiverem com qualquer uma  
dessas "vólticas" e eternas  
vibrações, experimentem: ao em  
vir da droga que alucina  
memórias e sonhos a  
afetividade desestruturando o  
ego, experimentem essas  
vibrações da vozinha  
vibrando-as no círdulo de  
umas e em permutar  
experiências o limite da  
comunicação de notícias bem  
exemplificadas em instrumentos  
harmónicos, ou de uma melodia  
interpretada para a suavidade de  
uma voz feminina e cantar no  
solte os ós almas quando  
estiverem abacados pelo "fossa",  
ou nas tentações no  
lado de vocês "gosta".

...E o paraíso que um dia  
nascas no embalo estufante das  
psicodélicas dexteritas  
abrir-se-á para os fan  
excentricos apertos, como sempre

## Visite, em Campo Maior - PI o Museu do Couro e o Monumento do Jenipapo

## COMPOSIÇÃO CRIADORA E PRÁTICA



### M<sup>a</sup> DOLORES TELES

As experiências vividas pelo aluno, o hábito da leitura e os recursos utilizados pelo professor em sala de aula são fatores que permitem o nascimento do escritor e, consequentemente, levam a criança a uma maior facilidade de organizar uma mensagem, desde a mais simples à mais complexa.

A leitura está intimamente ligada ao ato de criar: apesar de não ser sua única condição. Conhecemos pessoas criativas, talentosas, "que, de vez em quando, saem de ler". É o caso dos teófilos, por exemplo.

No entanto, quem tem uma visão do mundo, através da experiência pessoal e da cultura, concretiza mais e mais o estabelecimento de suas ideias, e concebe-las de maneira criativa e revelá-las de modo coerente e expressivo.

Uma das mais importantes tarefas do professor de Comunicação e Expressão é a de proporcionar ao aluno a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e sua habilidade de expressar-se por escrito.

Quando se cobra "escritor"

não significa apenas o gênero da obra, mas o aspecto criatividade, seleção, organização, de maneira que expressem pensamentos, emoções ou amplexividades, formem.

Isto, porém, não é trabalho fácil, porque se lida com uma série de vícios que quebram a criatividade. A principal delas é a falta de hábito de ler. As crianças, os jovens e, mesmo os adultos, pouco leem. Os professores, pouco leem. Acomodamo-nos aos livros, textos já preparados e não recorremos a outros.

mechanismos que possibilitem a dinâmica criadora. Algumas vezes, entretanto, já se tem feito no âmbito da sala de aula. Alguns professores já procuram melhorar sua atuação quanto a este aspecto. O governo, também, procura ampliar os horizontes das crianças. Citem-se, como exemplo, o INE, destinado às escolas de Jucá e à que a empresa provê — HOECHST — está fazendo com a sua "Câmara do Fármaco".

Demonstramos com alguns exemplos como a leitura e a escrita merecem um estreito relacionamento com o aspecto ideativo. A partir do texto, pode-se pedir ao aluno que escreva composições sugeridas por ele; ouvir e reler estórias sobre o mesmo tema; faça uma parâlipse do texto; de continuidade a sua mente criadora; pessoas, realiza pesquisas sobre o tema e outros atividades similares.

## 2 — A COMPOSIÇÃO

É na escrita fundamental que a criança adquire os automatismos e as habilidades necessárias à expressão escrita. Escrever não é um dom nem privilégio de ninguém. É um aprendizado longo, contínuo, dos bons autores e da prática constante de exprimir-se. Aprender a redigir é capacitar-se a superar as limitações da comunicação oral, segundo Inácio Barroso. E escrevendo que se aprende a redigir. Ninguém aprende a receber apenas usando as técnicas e os princípios existentes. Mas decorre do automatismo adquirido pelo hábito de escrever. Se trássemos todos os dias, pelo menos: 10 a 15 minutos para escrevermos o que pensamos, adquirirímos o hábito de redigir. E surgiu que antes não parecia turvo, em face ao bloqueio da nossa mente diante de uma folha de papel em branco, tornar-se-lhe algo fácil e natural. "Saber escrever é adquirir possibilidades amplas de participação social." (CAMARA Jr., Mattovej)

Para o professor conseguir (e ele precisa ter o hábito de ler e escrever) que seus alunos expressem bem suas idéias numa

situação que envolve criatividade, não deve apenas sugerir tópicos e esperar que elas desenvolvam sobre o assunto. Há nela uma gama de recursos necessários ao ato criador, que vão desde o ambiente próprio até o uso de técnicas específicas para tal. Por isso, ele deve possibilitar à classe: Exempluia: quando as pessoas enxergam com maior facilidade desde que seja preparado para isso. Ver, ouvir, sentir, ler o assunto, possibilitam o surgimento das idéias e seu desenvolvimento a mente. Assim os motivos sugeridos pelos textos, livros e estórias, pelas observações feitas, pelas vivências em sala de aula, em casa, ajudam na evolução do processo criador. A teoria de idéias é um recurso importante, assim como desenvolvimento, por quanto facilita o agravamento de idéias novas a respeito do assunto. Destarte, novo título para a estória, descrição ou introdução de personagens, novo ambiente, novo humor, novo final são estratégias que devem ser usadas sempre.

Comumente se usam dois tipos de composição: a criativa e a prática.

A primeira caracteriza-se pela imponibilidade e originalidade. Seu objetivo imediato não é o intercâmbio, mas a manifestação das emoções e sentimentos, enfim da emoção expressiva. Como exemplo tem-se as narrativas de estórias, descrições, poesias, impressões, inspirações e outras.

Para desenvolver a composição, o aluno passa por alguns estágios. Inicialmente, ele dirá a para o professor partindo das frases soltas que não se estruturando até formar o todo. Em seguida, o é uno copiar o texto direto, se é adquirir a habilidade de escrever. Quando já conseguem independentemente estruturar suas idéias, ele deve ser ajudado pelo professor que poderá lhe contar estória ou colocar fatos para o aluno desenhar-se. Num esforço mais elevado, ele fará sua composição independentemente e sem auxílio do professor. Neste caso, já adquiriu as habilidades

necessárias para desenvolver suas próprias, independentes, preferências utilizadas outras modalidades que dinamizam a composição do aluno.

Consideram-se como habilidades específicas da composição: clareza, oportunidade, originalidade de idéias, adequação do título ao texto, clareza e correção, pensamento lógico e seqüencial, vocabulário adequado.

Redigir só compõe um texto ou significa apenas citar os fatos ou descrever pessoas, coisas e fatores; mas, qualquer ocasião em que o aluno exresse idéias, pensamentos e emoções, ou seja, qualquer atitude ou comportamento que denote criatividade através da escrita, deve ser considerado redação.

A composição prática é usada para obter a um motivo determinado, tem objetivos claros e definidos e obedece a padrões convencionais de linguagem e apresentação. O professor deve aproveitar todas as opções e lidar com a escola como reunião de grêmio, entrevista, discussões, enunciados, cartões, rótulos para levar o aluno a redigir, rotulando, cartões, cartas, bilhetes, avisos, telegramas, anúncios, propaganda, fóca da sala de aula, aproveitar as propagandas de rádio e televisão e trazê-las para a escola e vice-versa, a leitura de jornais para elaborar reportagens, artigos e a poder desenhar da comunicação para a redação de notícias e outras endoções.

A redação informativa leva o aluno a encarar a preencher impressos de uso prático como formulários, fichas, cheques, etc. Nesse tipo de redação, o professor deverá fazer uma preparação muito cuidadosa, criar situações, mesmo sendo auxiliado pela convencionalização das formas redacionais.

## 3 — COMO DESENVOLVER A REDAÇÃO CRIADORA

É importante o professor conhecer as características da idade das crianças com as quais trabalha, pois assim, melhor as conhecê-las e fazê-lhes condições para estabelecer uma comunicação.

mais forte com elas.

Via de regra, as crianças de 4 a 7 anos estão na faixa etária de 09 a 13 anos, salvo exceções. Como o professor trabalha com o nível — classe hímenosca, classes diferentes, níveis sociais diversificados — tenta-se dizer para ele, conjugar estes critérios com o ensino eficiente da realidade. Mas será prioritário, para ele, recorrer a meios mais diversificados para que realize, de forma satisfatória, seu ensino. Deverá saber lidar com os interesses, por vezes criteriosamente desviados. Então, deve procurar identificar os gostos, aptidões e interesses e atendê-los na medida do possível.

Facilitando, da maior liberdade de expressão, incluindo-as quanto à liberdade e reflexões das suas comportamentos expressivos. É neste período (4º ao 7º) que elas estão mais maduros. Sintem a necessidade de explorar suas preferências e demonstrar a capacidade de perceber detalhes. Gostam de aventuras, posses reais, heróis, viagens, explorações e sua imaginação criadora intensifica-se. É o momento da fome de leitura e é aqui que o professor deve descartar sua maior atenção, procurando recuperar esse gosto, que algumas já adotaram e despertar outras esse desejo. Para isso, ele poderá valer-se de técnicas que proporcionem os desejos de gosto, pela própria configuração ambiental.

Até de cultivar lhes o gosto pelas boas leituras iniciais, o professor deve atentar-se ao quadro de:

- histórias, sem observar ilustrações, para responder a perguntas que levam a formar idéias mentais: gravuras
- músicas, poesias, canções feitas dramatizações;
- programas de rádio e televisão para discussões posteriores
- enunciados, entrevistas, recados, anúncios, propagandas;
- infusão de textos;
- leitura de parágrafos para seleção de melhores conclusões;
- informações para os pais, avisos para os colegas, notícias de jornal, jornal falado;

- sons da natureza, identificando-os para, posteriormente, reproduzi-los com o objetivo de expressar emoções e sentimentos, através de imagens e analogias, sugerir informações, sugerir situações, tomar notas, identificar idéias, relatar fatos e enriquecer seu vocabulário e ainda distinguir fato de ficção e comparar o material apresentado com o que ele conhece sobre o assunto. Estas atividades lhe darão a liberdade necessária para explorar-se livremente, obedecendo a uma sequência lógica das idéias.

Leritura em livros e jornais para:

- anular numa linha de tempo os fatos ocorridos dentro de determinado período;
- registrar em sequência fases de uma experiência vivida;
- relacionar solenças ou expressões que nos fazem ver movimento e ação, expandindo-as suavemente na mente, sentindo cheirar um ramo de rosas, acordar de manhã sentir o gosto suave de torrada entre formas, texturas, o prazer de um gozinho, sensações de que se testem em prosa e verso sua preocupação;

- distinguir entre fato, ficção e opinião;
- buscar informações e tirar conclusões;

• exercitar implicações e questões como:

“Você gosta... dos personagens ou não? Por quê?”

E outras:

- estabelecer comparações entre comportamentos diversos da pessoa, querer para concluir que é mais o... menos aceitado.

A leitura de histórias, fábulas, lendas, de vários históricos, de ficção científica e de quadrinhos é um rico catálogo que vale a pena explorar.

Para levar seus alunos a inventariar estórias, o professor poderá explorar recursos tais como:

- gravuras, com sequência simples, apresentando uma estória completa, com dois ou três fatos;

- gravuras apresentando estórias mudas, mais complexas;

- gravuras que contêm dois ou três enunciados, deixando o último para a criação do aluno;

- novidades de sentido incompleto, exigindo que o aluno complete o estôico;
- duas ou três palavras interessantes que demandam criatividade a imaginar uma história;

• o encantamento de leitura é a leitura exibida, com o banco de estôicos;

- organização, em grupo, uma história, dividida em fichas;

• jogos de leitura, por exemplo: escutar a estória;

- dando o início da estória para ser desenvolvida no final.

Ex: Quatro crianças vão, banho de carnaval, usam máscaras, pintura no rosto, queiram apelar brincadeira;

- folhas sugestivas (Vozes confundidas) para caracterizar personagens;

• colar em fichas ou que os alunos ou experientes os alunos compõem a estória final;

- Adalinha quem sou?

O professor irá caracterizando o animal, através de flor para os alunos terminarem a descrição. Em seguida, cada grupo leva sua composição e os outros procedem com elas o seu desenho e classificação.

Este trabalho pode, também ser feito com o professor encorajando as características de ser em questão, um envelhecido, estrela ou grama e os alunos renomá-las em forma de composição. Como se fosse um quebra-cabeça.

- criar situações em que o professor possa exteriorizar suas idéias fazendo um bilhete, dando um aviso ou outra

informação. Um menino apadrinhou-se para viver. Com não podera levar o seu cachorro uma idéia, deixou-o em casa do vizinho. Mas este ainda não havia chegado lá e por isso não deixou o bilhete.

- criar situações de problemas para o aluno ilustrar soluções.

Ex: Dois alunos querem atravessar um riacho, cuja leia está cheia de espinhos. Um é descalço, o outro possui um par de tamanhos (ou chinelos). No meio do riacho o que está descalço para aflição, porque está com o pé

teria. Que fazer? pensa o seu estúdio. Alí pode-se deixar a solução por conta do "mundo".

O professor, se quiser e achar conveniente, pode sugerir algumas soluções. Por exemplo: O que está escrito pode ser compreendido para esperar e pegar-lhe os fatos que depois que chegar a outra página, ou ao final para o colega e amizade puxar, estabelecer o quadro e mostrar que podem ou ainda não importar-nos o colega à sequência.

- colocar em envelopes e distinguir em grupos modicinhos desordenados para servir organizados seqüencialmente e resenho de rato;

- recortes de revistas ou livros para servir de "códigos" para diferentes tipos de leitura. Pode-se também usar fitas. (A raposa e o coelho; A formiga e a cibeta, etc.)

- composição esquematizada para explorar o vocabulário de uso corrente do aluno. Esta composta parte da sugestão de palavras — temas ditas pelas crianças. Apesar de se achar com a ajuda das crianças, uma pessoa deve ter motivação a redigir e, para isso, seu título. Depois procede-se ao levantamento de palavras do mesmo campo semântico.

Por último, os alunos montam sua composição utilizando o maior número possível de palavras.

- redação por imitação;
- redação a partir de poemas e textos;

- autobiografia;
- composição de estórias em quadrinhos;
- confecção de um resumo cronológico de uma atividade interessante que será realizada em sua classe e considerando integração das culturas e áreas para torná-la prática. Ilustrar o assunto;

- transformação de uma estória em notícias de jornal ou vice-versa. Colocar a manchete;

- transformação do trecho mais extenso da estória em manchete/jornalista;

- transformação de uma estória em redação biográfica;

- jardimzinho. A professora pode ter feito com a mudança de todos os frases (sentençação de nomes), invertido por parágrafo, de frase; reestruturação;

- o vestido (título);

Para concretizar, digo-lhes que, embora as crianças apresentem diferenças entre si, quanto à sua criatividade, todas elas podem ser originais se o professor lhes oferecer condições para desenvolverem seu sentido criativo. E para isso ele precisa saber que a liberdade de expressão se não pode combinar com o autoritarismo e a "ordenação". O professor deve crer na capacidade criadora de seus alunos, acolher com entusiasmo suas manifestações criativas, aceitar, sem censura,

e sua imaginação e também suas limitações, não encherão as suas cahierinhos de pavor quanto às possibilidades futuras de que se trate. Não encher os seus cahierinhos de vermelho, mas circular as ideias, ensiná-las e agitá-las. Lembrar-se o professor de que não é só a cultura ou não de ensinar no futuro, dependendo do estímulo e, ainda que lhe for dada no "grau".

#### Técnicas de Criatividade:

- Levantamento de ideias, mesmo que sejam absurdas;
- Regras;

- 1 - A pergunta deve favorecer o pensamento criativo;
- 2 - Não valem censuras;
- 3 - Interessa o número de ideias;
- 4 - É só devolver anotações;

#### • Instruções:

Letras devem ser escritas antes de ir pra:

- a escrivaninha?
- Que faria você com lampiãozinhos de garratas já secadas?
- Para que serve um trinquel? Uma colmeia tem muitas utilidades. Quais?
- Se você estivesse nascendo no mundo, que faria?



Centrais  
Elétricas  
do Piauí S.A.

**CEPISA**

Trabalhando  
com  
energia

*Gerais*

# LENA MONTEIRO

## UM EXEMPLO DE CULTURA E DEDICAÇÃO



CHICO CASTRO

Mantivemos um contato com a atual Presidente da PIEMTUR. Foram poucos minutos de uma conversa agradável onde sentimos a força, a beleza e a cultura de uma mulher que soube manter o seu nome de uma forma inconfundível nos meios culturais piauienses. Lena Monteiro de Carvalho, ou simplesmente Lene, nos recebeu com aquele sorriso que lhe é característico, com aquela jeito amável de quem sempre está disponível a falar e a ouvir e com a dedicação e ternura de quem espera um retorno. O seu trabalho como Subsecretária da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, foi um dos mais fecondos e inquestionáveis. Ela recebia a todos discutia, analisava, resolvia. Mú-

sicos, poetas, pintores, jornalistas... enfim, todos tinham em Lena Monteiro, um apoio e uma garantia de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido em prol da nossa cultura. Fomos direto ao assunto. Perguntamos pelos seus planos, seus projetos e suas idéias de como incentivar o Turismo no Piauí. Levantando um pouco a cabeça e nos encarando, Lena respondeu: "Nós temos que levar em consideração que o Turismo repousa em três elementos básicos: o cultural, o social e o econômico. Nesses três fatores é que nós temos que desenvolver uma programação da PIEMTUR. Até então, me parece, que a PIEMTUR é vista como um Órgão que promove eventos ou seja, ela está muito ligada a parte de animação turística. V

nés devemos ver a PIEMTUR com uma finalidade muito mais ampla. Trata-se de uma empresa pública, uma empresa estatal vinculada à Secretaria de Esportes e Turismo, com uma autonomia administrativa e financeira. Sendo assim, temos que contar com o apoio do Governo, porque o Governo é essencialmente intérprete plínio - ela precisa de apoio de todos os setores da sociedade. Ela precisa do apoio da Secretaria de Cultura, apoio da Indústria e Comércio, da SEPI, do apoio da Secretaria de Obras, um sumo, ela precisa do apoio do Governo como em todo. Só assim ela pode desempenhar um papel dentro da comunidade. A própria comunidade terá que repensar e pensar na sua participação en-

desenvolvimento do seu Estado. O que está muito ligado ao turismo é a preservação do patrimônio natural. Fiquei muito feliz, porque o dia de hoje posso falar o Dia da Ecologia, a Semana do Meio Ambiente. E falando nisso, nós lemos que preservar a nossa meio ambiente é uma das preservar as nossas potencialidades naturais e fazer das cidades turísticas. Não só um interesse turístico, mas para preservar a nossa identidade. A preservação do patrimônio arquitetônico é importante também. Tudo mundo que se desloca por mais de 24 horas, embora com finalidade de lazer ou trabalho, percebe que os momentos de lazer entre o trabalho ou o estudo para conhecer a região é um encontro. Então, não interessaria não ter um Brasil unido, todo mundo igual cultura igual. Nós temos que preservar a nossa cultura para que essa diferença se accentue, embora não molhando do restante do Brasil, mas trazendo as nossas particularidades. Então, a uma pessoa que vinda do Rio de Janeiro interesse conhecer uma comida típica. Ela vai querer comer aqui no

Piauí. Maria Isabel, paçoça. Então interessa a PIEMTUR, que a cultura seja um bem de consumo na atividade turística.

Finalmente, Leda falou sobre a forma de aumentar o fluxo de turistas e pediu como aumento de nossa cultura, que o nosso povo procure se conscientizar e respeitar as nossas potencialidades naturais. "Nós temos dois caminhos. Um tecnista acredita de que só pode haver turismo nos lugares onde há uma infra-estrutura adequada à necessidade do visitante. Então nossas cidades de fronteira no Piauí a iniciativa privada no sentido de que houvesse mais hotéis, mais serviços básicos, agentes de viagem, transportadoras, enfim uma infra-estrutura que pudesse servir ao visitante. Por outro lado, se nós fôssemos esperar só essa realidade, pode ser que ele se demore bastante no Piauí com suas necessidades. Nós temos potencialidades enormes aqui no Piauí. Nós temos Soco Cidadas que é fenomenal. Um encanto para qualquer pessoa que se interesse por arqueologia. Nós temos na zona Nordeste uma das faixas mais belas desse Nordeste

Nós temos a nosso favor o sol, 280 dias de sol paranaense. Isso é fato no sul, com esforços definidos de turismo e turismos, e algumas cidades do Nordeste, mesmo nesse período que nós temos o sol brilhante em chuva e muito vento. Temos a região Sul do Estado deserta! Com poucos turistas com uma vegetação esplêndida! Estamos tentos que desperte o interesse do turista para essa beleza. E, ali, um forte para o outro. Com a chegada de pessoas para ver isso, a rede hotelaria se ampliará com mais intensidade. Temos que tentar esses dois pontos. Se um não der certo, vamos tentar o outro. E precisam que o paulistano se conscientize de que sua cultura é única e que merece o maior respeito. Exerce seu presidente e diretorado, para que as pessoas aqui chegarão sintam esse respeito pela cultura, pela preservação e pela manutenção".

Acreditamos, que o trabalho de Leda Monteiro de Carvalho à frente da PIEMTUR será mais um marco, mais uma passagem digna do qual credencia na força da beleza e na cultura, do povo piauiense.

## COLABORAÇÃO PARA A PRESENÇA

As colaborações destinadas a publicação na REVISTA PRESENÇA deverão chegar a sua redação até o dia 30 de novembro de 1986

Praça Deodoro nº. 816 - Centro 64.000 — Teresina — PI — Brasil).

Temos o maior interesse em contar com as mais diversas colaborações culturais.

**A EDITORIA**

*Gerais*

## O CARNAVAL EM PARNAÍBA

Humberto de Campos, escritor brasileiro que percorreu todos os gêneros literários, com esmero e dedicação, foi eleito em concurso público, o "Príncipe dos Prosaadores" Brasileiros. No dia 25 de outubro completará cem anos de nascimento, maranhense de Miritiba, passou parte da sua infância e adolescência na cidade piauiense de Parnaíba, mudando em seguida para São Luis, Belém e Rio de Janeiro, onde se tornou um dos mais importantes e respeitados escritores brasileiros. Pertence à Academia Brasileira de Letras e foi Deputado Federal.



### HUMBERTO DE CAMPOS

Carnaval! Carnaval! Porque novas coisas para por elas está indiferença insensível? Por que me faço de estar indiferente com um desprazer maior e superior? Procuro em mim mesmas origens dessa em que a reciprocidade é a distante, e vou encontrar-las na minha infância de menino solitário, órfão e pobre, jamais conviado para tomar parte nas lindas alheias.

O Carnaval da meu tempo, na terra em que nasci a parte metade interior-serrana da minha infância, não reservava aliás lugar para as crianças. Era banido e sem graça, e não se realizava sem a pena violência do entrudo. O mais antigo dia que

me revo a lembrança é o de 1891, em Parnaíba. Grupos de rapazes intratamente moltudos, percorriam as ruas, berlulando lado uma escola de anilina.

Dirigiam-se de preferência às casas em que há moças. Às suas aproximações, as portas se fechavam, e são reforçadas, por dentro, com as trancas das madeiras e com os ferrolhos mais seguros. Eles forcaram, porém, as grades, ou pularam as varandas e os murais, e caem de assalto sobre a família toda. Velhas e moças, paisões e criados, são arrastados para junto das poças ou das beira d'água, e o banho é imediato, com o sacramento de rigidos surtidos de arroz ou de anilina. Velhas e moças são biquinadas nesse dia. Amarras de um ano intelecto são cumpridas

nessa hora. E melhor só compreende essa turba, refletindo que é esse o único dia em que são permitidos certos contatos, sentidos na luta como o corpo entre rapazes e moças, e o acoitado íntimo em todo o ano, que os idílios devoradões em milhares adoravam, certas possibilidades através dos vestidos, que a árca apurou nos corpos. Para exceção à formidável disciplina atacante, os mais espertos se escondem na cama embrulhados, simulando enfermidade grave. Mas são os que fazem assim mesmo, de gorro e camisola, para canto de poço no quintal ou para juntar o barril no barbeiro, e os batizados, debaixo de gritaria. A anilha, a semente despende-se baratinamente com a tissa das

pandias. Se as moças são muitas, o avô vai se reunir para isso, sacarram um dia, juntaram, juntaram no pata a cozinha, e de tal modo saiu ele de lá que parecia ter descolado pela chaminé. Tantinha é a amizade da folgada que traz na cara e na roupa molhada. Refugiadas em um canto da casa, as crianças gritam, choram, sapateiam, apavoradas com a presença das grandes demônios negros que têm querido destruir os nascituras.

Em 1895 o avô saiu sozinho uma excursão considerável, recorrendo à sua memória dos costumes. Para evitar os riscos, as suas costuras que tanto preocupavam os pais e os maridos. Imobilizou-se o chuverro. O chuverro era um camisole lata, medindo um metro, às vezes mais, de comprimento, e havia a forma de uma serpente de moeça. A sua propriedade consistia em manter o homem à distância. Com ele o folião aninhava o ato d'água por cima das meninas morenas. Incidendo as salas e pernadas a pressa, levigando-lhe a carne do buço, aplicando-lhe, assim, um banho, sem o recurso da atração. Mas o reino do chuverro durou pouco, porque em 1896, o limão de cheiro, ou cobertura, dominava iniciavam-se o carnaval parnabano.

O limão de cheiro representava uma conquista considerável no entrudo carnavalesco, em todo o Norte. A imigração para a Amazônia, de onde os rapazes mandavam às famílias rígidas blocos de barra, facilitava grandemente o surto da indústria. Não havia casa, então, em que não se trabalhasse nervosamente no preparo desse amável engenho de guerra. Sentados em torno à mesa de jantar, ou, no chão, sobre uma esteira de carvalha, moças e senhoras entretevam-se alegremente à confecção dos limões. No centro da mesa ou da esteira, grandes hachas com lâmina colorida, vermelha, verde, marfim, estavam... aquela toxo ou amarrão, o que se adicionava um pouco de perfume. Com um canivete afiado, cortavam-se as lâminas de barra. As moças de bons dentes mordiscavam então a orla dessas lâminas.



prendiam-as, fabricando desse maquinaria pequeninas bolsas. Com uma serreta, muitas vezes iam encherem de água multitudinosa e frouxa. Com os lumes fechava-se o ofício. E estava pronto o limão de cheiro, o qual, posto à venda, encarava precisamente um vintém!

A produção era enorme; mas as encomendas ainda eram maiores. Por isso, formavam-se grupos de rapazes, que dividiam os limites de cheiro desde altura d'auante, e os conservavam em hachas com lâme. Certo vez, mesmo, um dos grupos mais fortes acumulou alguns milhares de delas, que ficaram guardadas em um quarto do hotel Borges, no largo da matriz. As moças das vizinhanças subiram, no entanto, desse proviso e penetrando nesse quarto, furtaram todos os limões com ellibetas. E quando os foliões chegaram para provar-se, não encontraram senão algumas barbas de água colorida! Pôr esse tempo, havia sido inaugurado o entrudo a cavalo. Ciclone arenoso, e estava bem calcamento, Parnaíba oferecia uma resistência ferro a quem pretendia percorrê-la a pé. Os rapazes, os mais elegantes, transformaram-se, assim, da infantaria para a cavalaria, levando a direção vastas sarolas com limões de cheiro, com os quais travavam combates com as moças, que respondiam com

os mesmos projéteis, debrucados nas janelas. Com as casas da cidade eram como todas caídas, e de imaginar como ficavam os frontões brancos, após uma lavagem de urina. Em 1900 ou 1901 apareceu, finalmente, o confeite, que ali chegou pelo correio, em um pacote de dois quilos, mas teve, de pronto, imitação, em outro, de forma triangular, feito a tesoura, com papel de ouro e corado. Referiam os rapazes aspiradores da cidade que a primeira parte da confete que foi feita a Parnaíba, era da cor amarela e teve um destino inesperado. A família que o recebeu surgiu muito interessada de estrelinhas para soprar, e tomou-a toda no jantar.

Quanto ao Carnaval, propriamente dito, só me recordo de ter visto, nas ruas, indivíduos fantasiados de almas e de morteiros. Certo vez formou-se um cortejo de caixões fantasiosos. O tumulto foi perfeito, tamanho, que a cavalhada não saiu da sua Grande. O Zé Pereira, porém, nunca faltou, com toca a fúria de seu bonito e de seus metale.

Quanto a mim, sempre fantasiado, em toda a minha vida uma vez, sem contar os que, depois, me apresentei em juiz de metido no fardão da Academia. Foi em 1898, se bem embora tinha feito onze anos, e arranjado para vestir-me, uma caixa velha de um dos meus pais cujas barbas dobravam como pude. Um paletó velho, que me viria quase nos rós, umas bollitas de turim, e um chapéu de cornalha, completavam minha elegância. Na rosto, uma feia máscara, de quatrocentos réis. À mão um chiqueirador. Sólos eu e uns seis ou sete molecotes da casa de minha avadaria à rua do Ipirapó. Assim, porém, que cheguei à rua senti uma vergonha tão grande do meu ridículo, assaltou-me de tal maneira a consciência da minha falta de aspiração, ameaçando todo mundo com o meu chiqueirador, que ao chegar na esquina voltei na carreira, retomando o meu vestuário comum. E nunca mais me presenciei outra aventura que me desfizesse a individualidade, exceção feita dos três anos e tanto que andei faravaliado de debutado.

Apesar de não morar no Piauí, e portanto, não estar autorizado com o que se escreve sobre História do Piauí, creio que esse campo da pesquisa, exploração e investigação ainda apresenta grandes lacunas e escassez material de consulta. Até os escritos e livros do Professor e historiador Odilon Nunes, geralmente referentes à História do Piauí anterior à República, e a outros estudos esparsos referentes à História, Sociologia

**Antropologia e Arqueologia:** pouco se tem escrito. Principalmente sobre a história deste século. A no período republicano, até os dias atuais.

É necessário que os especialistas e pesquisadores em assuntos históricos produzam e publicarem trabalho sobre a História Moderna (melhor dizendo, Contemporânea) do Piauí, fazendo ocorrências no nosso século XX, em décadas passadas, mas que merecem resguardo e reflexão. Será fazer a crônica histórica.

Na minha opinião, muitos assuntos merecem estar mais oportunizados e maior divulgação nos meios universitários e no meio intelectual do Estado.

A baseação da Coluna Preves pelo Piauí, as batalhas de Uruquai e Teresina e permanência desses revolucionários, durante muitos dias, em Litorânea, donde foi instalado o Q.G. revolucionário com a presença dos principais líderes desse movimento: Luís Carlos Prestes, Miguel Costa, Juarez Távora, José Alberto, Siqueira Campos, Dulcina Dutra, Cândido Farias, Lourenço Moniz Lima — secretário, historiador, cronista e escritor da Coluna — e muitos outros, o que a evacuação da cidade, os conflitos e publicação do jornal nessa cidade. A preceção por Amarante e grande parte do interior do Estado. Em Amarante permaneceram por vários dias, fazendo saídas, evacuação e tumultos e também a permanência dos principais líderes revolucionários. As lutas, batalhas e entrel起来了, em

## LACUNAS NA HISTÓRIA MODERNA DO PIAUÍ

ELIAZAR MOURA



Termino. Esses episódios foram requisitos no importante cerimonial histórico de Lourenço Moniz Lima, em seu livro "A Coluna Prestes, Marchas e Combates", da Editora Afa Omega, de São Paulo, 1979.

Os movimentos social-estudantis ocorridos no Piauí, comunista, municipaliza, anarquista, democrática e outras, também merecem estudo aprofundado. Houve um episódio histórico particular, em que um círculo do exército fez "Corte do Governo", por alguns dias. As lutas políticas, as campanhas memoráveis, o lindão e comentado período da administração do Interventor Fausto Sales. O governo do Interventor Leonidas de Castro Meireles, período do Estado Novo, muito criticado pela oposição de esquerda que foi de muito propositivo para o Piauí.

Também o ambiente cultural e intelectual do Piauí, em décadas passadas, principalmente entre os últimos de quarenta e sessenta, merecem referência e estudo histórico, notadamente em Teresina e Parnaíba.

Martins Napoléão, considerado o maior intelectual do Piauí, em sua época e cuja obra literária é pouco conhecida, suavemente desenhada de sobrino indireto. A revista "Voz do Estudante" publicou belos artigos de sua autoria. Da escrita Celso Prudente e Moura Rego merecem destaque o destaque. O Poeta José Luis Barroso Costa possuidor de vasta cultura geral, professor e intelectual. Clement Ferreira homem culto, inteligente, intelectual, literato,

professor. Era professor de Filosofia, Literatura Brasileira e Portuguesa e foi membro da Academia Piauiense de Letras. Faz uns das melhores cultas do Piauí na sua época. O professor Antônio de Castro (Tributário) destaca-se numa faculdade conhecimento profundo de língua portuguesa, gramática histórica, língua inglesa, dialetos africanos e histórias gerais. O professor José Soárez um dos melhores professores de português e gramática histórica que o Piauí teve. O professor Cláudio Ferreira distingue-se como estudioso de latim, por aqueles franceses, espanhol e outras línguas, etc. Humanista e filósofo. Amândio Nunes: intelectual, culto, devotado político, orador, educador brilhante, professor, o velho se cura com os intelectuais de sua geração. Luis Mendes Roberto Góesceles: engenheiro, político, avô, homem de letras e professor de vez e cultura geral.

Na matrícula publicada na década de quarenta, destacaram-se os nomes de Arimatéia, Tomé (Paulo Simplício Mendes, Manoel Campos Vieira de Parnaíba), Leonidas Meireles, Joaquim Lustosa, Valdemar Leal, Luis Mendes Ribeiro Gonçalves e muitos outros.

A revista "Voz do Estudante" do Ateneu Pinheiros, depois Grêmio Leon XIII, Grêmio Literário Da Cruz e Silva — e a revista "Zodiaco", do Colégio Demóstenes Andrade, devem ser lembrados como órgãos de estimulo e incentivo à cultura piauiense.



*Gerdilis*

## FELINTO MOREIRA DEDICAÇÃO E AMOR AO TRABALHO

A 15 km da Amaretto existe um povoado que tem o nome TUCANO onde a Árvia, em cuja total extensão pertence ao Sr. Felinto Moreira. Faz e, com a Sônia Cunha e Silva sobrepõe-se à possibilidade de fazermos uma reportagem enfocando a vida dos trabalhadores da cana que residem na propriedade. O que se faz é pensar: essa comunidade tem a perseverança, a resistência e dedicação do Sr. Felinto Moreira, um dos poucos na região que ainda acredita no resultado de um trabalho de destilaria (fábrica de aguardente). Felinto Moreira Ramos, casado com Celestina de Carvalho Ramos, tem 78 anos e é pai de nove filhos, sendo dois homens e sete mulheres. São três moradores no Estaco, Luís Moreira Ramos que é gerente de um Banco na cidade de Ingá (Pará), Maria Zélia Moreira, enfermeira residente em Belo Horizonte e Edílio Moreira (gelo) que reside em Natal-RN. O último mencionado foi uma homenagem ao Brigadeiro Eduardo Gomes por quem sempre nutriu uma grande admiração. Disse sorrindo o Sr. Felinto: O início das atividades foi em 1930, quando a firma era Moreira L.T.C. Irmãos. Hoje a firma é TUCANO AGROINDUSTRIAL LTDA.

"Antigamente nós fabricávamos mais rapidamente a cachaça vez que para aprovar o resto da moagem. Naquela época, na década de 30 e 40, praticamente não existia açúcar em Amaretto e muito menos café moído.

As pessoas compravam a rapadura, torrava o café, pizava no prato. O café era forte! A saída da capacidade era usada para formular. Aqui só existiam vários ônibus que foram à fábrica quando apareceu o açúcar. Eu, aliás, F-11, eu agradeço a Deus a cessar dessa produção, passando para a cachaça. Todos os meus filhos fizeram educação com a menor opção das atividades do dia. Nunca precisei vender uma cana para pagar os estudos deles. Os meus filhos eram ótimos alunos! Não estudavam para passar e sim para tirar o primeiro lugar. Um exemplo é o Dr. Dâmaso Moreira, hoje em dia médico em seu trabalho como pediatra. Certo verão recebi, ao mesmo tempo, três cartas de filhos pedindo dinheiro. Eu já tinha pago os trinta juros e liquidado outros débitos, de forma que eu me encontrava sem dinheiro algum. Minha mulher era muito preocupada: "Felinto o que?" Eu disse que Deus deu um jeito. Era preciso me dispor de algum animal, vender qualquer coisa. Eu não queria, mas era o jeito. Quando eu estava imaginando, viu que longe um chocalho. Mulher, o dinheiro vem vindos! Tratava-se de Amaro Paçoca, comprador de cachaça. Naquele tempo se transportava cachaça em enceradas, nos lombos dos animais. O meu maior comprador de aguardente, atualmente, é um filho do Amaro Paçoca. Era um homem decente, comprou, pagou, eu enviei o dinheiro para os meninos e ainda

sobrou. Com uma produção diária de 400 a 480 litros, o sr. Felinto deseja chegar a 1.000. Para isso ele está investindo em novos equipamentos. Ainda é uma coisa meio artesanal, mas já se sente o progresso, principalmente em se subindo que a gente tem feito tempo o trabalho de moagem realizado pela força animal. Engenho de Madeira moeado que batal. Além dos 50 hectares de cana-de-açúcar temos em 1000 hectares de extração vegetal ou seja agricultura. Seu custo de dívida é a arroz que atinge os 1000 kg anualmente. O balanço contou com seu Felinto é mais aproveitado pelos agricultores. Eles cultivam e também com um alinhamento de 20%. As vezes, alguns nem isso fazem. Pegam o coce, quebram e vendem em Amaretto ou Regenlândia. Tendo vindo a dois agregados trabalhando juntamente, sem pagar renda de forma alguma. Às vezes, por isso a maior a desejaria trabalhar na base da diária. Eu só tenho dois trabalhadores ganhando por mês e utilize quase na destilaria. Tem gente que compra mantém e hoje está aposentado. Certe vez um morador saiu depois de trabalhar muito tempo. Ele me perguntou quanto me devia, que queria pagar e viajar imediatamente para Pernambuco. Eu disse que ele não devia nada a ninguém. Eu dei 200.000 reais. Depois de uns quatro anos, eu ia chegar lá no dia e vi aquela pessoa sentada. Como vai, rapaz? O que deseja?

Era o morador que tinha saído:  
 "Seu Felinto, eu vim saber se o  
 senhor ainda me quer?" Eu lhe  
 respondi com a essa época estava  
 do jeito que ele  
 devia. Eu sabia que ele virava  
 tru-sa. Eu achava que um  
 morador é como um filho, ele  
 não deve ter medo da  
 patrícia. Sempre fui contra o  
 regime de opressão.  
 Antigamente aqui na vizinhança,  
 os imigrantes eram tidos como  
 escravos ou bicho bruto. Os  
 proprietários maltratavam  
 bastante por qualquer coisa.  
 Certa vez, um morador que vivia  
 sozinho esquecido pelo Benedito  
 Graciano e era meu  
 afilhado, consegui fugir e me  
 pediu ajuda. Ele não  
 queria me envolver, mas, depois  
 de ver os maus-tratos, resolvi ficar  
 do lado do pobre moço. Pouco  
 depois chegou o Benedito  
 com dois homens. "Felinto,  
 eu vim buscar o homem!"  
 Ele disse que o homem não  
 estava com vontade de ir e que  
 também não iria à força.  
 "Então você me paga o que ele:  
 me deve? Pago desde que a  
 conta seja certa. Agora você vai  
 ter que pagar tudo esse  
 tempo que ele trabalhou na sua  
 terra. Se esse homem não  
 tem nada é porque não você deu  
 pra ele. Então vamos fazer as  
 contas, saber quem está  
 devendo! Ele virou o cavalo e  
 foi embora. Eu tratei bem  
 a todos. Arranjei até trator para  
 transportar a mandioca no tempo  
 da batata, isso sem receber  
 nenhuma recompensa.  
 Dinheiro, eu empresto sempre. F  
 tem uma coisa. Eu não guardo  
 conta de um amo para outro. Se o  
 meu agregado não conseguisse  
 liquidar o seu débito naquele  
 dia, eu perdiço a dívida.

Perguntamos aos moradores  
 do povoado Tucuruí sobre o  
 depoimento do Sr.  
 Felinto, eles confirmaram tudo  
 Jóaquim, agregado antigo, disse  
 que Felinto Moreira é  
 "uma espécie de pai". "Tudo que  
 precisávamos ele dava.  
 Não pensa em sair daqui tão  
 cedo." Outro, Felinto, em sua  
 fala, tem uma comportamento forte  
 — Jecília Moreira, agricultora,  
 filha caçula, que mora  
 no sítio e é responsável em  
 grande parte pelo sucesso do  
 impreendimento.

Depoimento a Odílio Queiroz  
 Amarante - PI

## TEATRO PIAUENSE: A HORA DA GRANDE CENA.



Cena da peça Auto do Corisco  
 de Aci Campelo

Aci Campelo

Foram muitos anos na  
 batalha. Uma luta lenta, gradual,  
 firme e persistente, em busca  
 de uma freche de luz  
 que iluminasse a grande cena.  
 Tempo também de  
 porra-louquice, burros n'água,  
 muitos erros e muitas  
 desistências, mas, também,  
 tempo de construir curtindo a  
 argamassa e sedimentando  
 tijolo a tijolo, tendo plena  
 convicção, uma certeza absoluta,  
 de que o pano a qualquer  
 momento abriria e cada artista  
 estaria com sua cabeça,

seu personagem e seu tesão  
 pronto para enfrentar a distinta  
 platéia de qualquer teatro ou  
 espaço cênico do nosso imenso  
 país. Tanto otimismo assim  
 torna-se necessário uma  
 pergunta: O Brasil descobriu o  
 teatro piauense ou o  
 teatro do Piauí descobriu o  
 Brasil?

Na confusão dessa coisa de ir  
 e vir e tantos Estados  
 participando de tantos  
 Congressos, tantos seminários e  
 tantos festivais de teatro é uma

indústria não nova na classe teatral do Piauí. Recentemente é quase impossível intrometer outros eventos se tem competição, nem é bem verdade que agora viagem não se trate apenas do Piauí: está presente em dezenas quartos folios ou reencontrar a forma em algum lugar de Brasil, pois, insta certo olhar. Agora, seleciona-se, prepara-se, encarte-se os convites e vai-se. Também, não, se trata mais de mostrar e vencer com o risco entre os perigos, agora é mostrar, questionar, inquire, se possível, ensinar. Faz assim que está acontecendo, por que também cumpre todo esse tempo de recolhimento, de suposta humildade para aqueles, de um silêncio respeitoso para outros, de total apresentação, constante, numa revolução, estar - alto grande, corpo cheio com os pares tentando e orgulhosos, disciplinados e a confiança, e tudo num autodafé latente de roer entrenhas. Nada coube de novo, o mérito é de cada artista, cada grupo, que consegue bincar-se de peito enrijido em busca de seu objetivo.

Não sabemos o quanto se pode ou limitar um tempo para a arrancada. O certo é que foi a partir da Mostra de Teatro 85 que visões começaram a tirar e passos largos. A Mostra 86, apesar de tudo, foi um referencial de espetáculos e de público, só que com o bom nível dos espetáculos apresentados o público compareceu em grande

número ao teatro, chegando a lotar várias vezes suas dependências. Na premiação da Mostra a descoberta de novos valores, diretores, autores, atores, atrizes, coreógrafos, etc. Logo em seguida veio a Semana "Chico Pereta", identificada por Luciano Prado, revelando a obra do grande dramaturgo paulista em seu então desconhecida no próprio Estado. Foram duas peças montadas: "Raimundo Juvita Na Roleta da Vida" e "Os Dois Amores de Lautaro Nunca Antes". Revelados exemplos da mais pura dramaturgia do mundo. Com os espetáculos recebidos na Mostra e na Semana Chico Pereta os Grupos se encantaram com mais confiança rumo aos festivais nacionais.

O primeiro do novo tempo foi o Festival Nacional de Teatro, da cidade de São Mateus, no Espírito Santo, onde o Grupo de Teatro Pesquisa — GRUTPE, com a peça "Terceira. A República dos Descalabros", de Afonso Lima, arrebatou três prêmios: Melhor ator — Eleonora Peixoto; Melhor Diretor — José da Província e Melhor Música — Raimundo Autônomo. Em seguida, o Grupo Reves, Cooperativa Artística, apresentou-se no Festival Brasileiro de Teatro, realizado na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, com o espetáculo "Auto do Corisco" de Antônio Campelo, levantando várias opiniões dos críticos, autores e diretores.

presente, só que o Festival não tinha caráter competitivo. Na "exata época", isto é, julho próximo passado, a Companhia de Dramas e Comédias do Piauí levantou o plantea presente ao Festival Nacional de Teatro Amador de Lempínia Grande, Pará, com "Raimundo Juvita Na Roleta da Vida" e "Os Dois Amores", agora não só espetáculo festivo, mas ótimo cachorro prêmio que é horário.

E assim rapidamente as conquistas se sucedem e assim foi que se abriu espaço para a primavera — impulsionada pelo grupo de teatro do Estado do Piauí, em parceria do Rio de Janeiro, cabendo ao Grupo de Teatro Pesquisa — GRUTPE fazer uma temporada no teatro Gláucio Rocha, do Instituto Nacional de Artes Cênicas, com a peça "Barata. A República dos Descalabros", de Afonso Lima. É apenas o começo, mas de uma imprensa fundamental, para que outros Grupos também partam em "esta fechado mercado do risco". Mas, pelo mesmo motivo, o Instituto Nacional de Artes Cênicas convide a Companhia de Dramas e Comédias do Piauí, com a peça "Raimundo Juvita" e "Dois Amores", ambas de Chico Pereta da Silva, para a temporada verão do Rio de Janeiro, juntamente com o marco da obra que vem. Um atestado, sem dúvida alguma, da maturidade de nosso teatro que na borda da grande cena está preparado a alcançar qualquer sonho.

#### PARA SEU CONTROLE

Setor de Assinatura e Publicidade

cheque nº:  
Banco \_\_\_\_\_  
data \_\_\_\_\_

**RESENCA**

FUNDACAO CULTURAL DO PIAUI  
Floriano Peixoto, 800  
Fone 223-4601  
CEP 64.000 - Teresina - PI

## PEDIDO DE ASSINATURA

**RESENCA**

SIM. Desejo fazer uma assinatura da revista **RESENCA** pelo período DE 1 ano no valor de Cr\$ 80,00

Anexo cheque nº:  
do Banco \_\_\_\_\_  
a favor da FUNDACAO CULTURAL DO PIAUI  
Prado Morechal, Deodoro 816-10  
Fone 223-4656 - 427 CEP 64.000

Nome _____	CPF _____

## SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO PIAUÍ



**ANA CLÉLIA CORREIA**

O Estado do Piauí ilustra-se como um dos estados brasileiros pelo riqueza e extensão dos seus sítios Arqueológicos. Frequentemente são divulgadas notícias sobre descobertas e de testemunhos de culturas pré-históricas em locais que são desde o extremo

sul do Estado até o litoral. Essas evidências arqueológicas que normalmente estão escondidas em locais com formações geológicas de rara beleza, são em forma de escultura rupestre, peças líticas e cerâmicas, sepultamento em urnas funerárias ou em fossas sepulturais e pedras em peixes fossilizados, que geralmente são ob-

jetos de uma comercialização indiscriminada.

Esse imenso patrimônio tem sido alvo de estudos sistemáticos somente na região de São Raimundo Nonato e São Julião no município de Picos. Esses dois sítios foram transformados em Parques Nacionais, que embora cativos de maiores recursos já apresentam uma certa problemática.

As pesquisas desenvolvidas em São Raimundo Nonato estão a cargo da missão franco-brasileira desde 1973. Como resultados destes estudos já foram descobertos mais de 200 sítios arqueológicos, em um dos quais foi obtida a datação de 32.500 anos. Esse fato coloca o Piauí em evidência por ser o maior e mais imponente conjunto de arte pré-histórica das Américas.

No entanto, encontrando os dois casos citados, nem um dos demais sítios arqueológicos foi estudado científicamente, existindo sobre eles apenas teorias semiacidentalistas, levadas, seja a ciência fundamental ou científica.

Esses fatos atestam a necessidade de criar uma consciência da importância cultural e artística desse acervo, adotando medidas para a preservação e controle das sítios, uma vez que se encontram em total estado de abandono e degradação, e que o patrimônio arqueológico se constitui de maior riqueza.

O primeiro passo para a preservação desses sítios é conhecer sua extensão. Brevemente será executado um projeto visando a complementação do cadastramento e do mapeamento arqueológico. Para isso, uma equipe de arqueólogos visitará todos os municípios do Estado, conforme com o apoio do Patrimônio Histórico Estadual, SPHAN e FUPE. O resultado desse trabalho se constituirá em ponto de partida para ações específicas de proteção, divulgação e novas pesquisas científicas.

## Gerais

Um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras. Nasceu em Barreiros (PI), a 24 de novembro de 1887. Funcionário da Chácara da Policia do Piauí. Faleceu em Teresina (29-06-1950). Poeta, jornalista, conferencista e cronista.

**Obras:** "Almeys irmao"; "Drama, de colaboração com Antônio Chaves e Zélio Baptista (1907); "Lar"; "Trilogia"; versos (1912); "Poemas" edição da Academia Piauiense de Letras (1939). **Facetas:** "editos"; "Gardênia"; prosa fantástica; e "Tropos de jornal"; "inserções"; conferências e artigos literários.

### Critica

O soneto é o poema de predileção. Fá-lo diariamente duas ou três por dia, durante quarenta anos, que começo a escrever ainda criança, conta-me aos milhares, publicações nacionais e internacionais; é por isso o maior sonetista piauiense milenar no verso (Edição Centenária).

**Na Celso Pinheiro:** cada inquietação cheira a espontaneidade das quecas d'água, espalha dos subterrâneos amigdalas da alma, pelo velho e novo palavros, suas edifícias que a crítica ilusoríando o vira num gozante de biologia, fachou-as de «sociólogo».

quando material era apenas o sentido filosófico de sua poética. (J. M. Miguel de Mateus).

Sensibilidade requintada, fina jornalista, magnífico na crônica leve e na conferência rica de imagens. Mas no subtítulo poeta, poeta dos sonetos abundantes e tristejantes, em simbolos, as riquezas da imaginação. Filhou-sua movimento da libertação espiritual, quando ante à ilusão desfaria de os homens puderem aqui, por suas deficiências, realizar com as aspirações de humildade. (Monsenhor Antônio Sampaio).

... versos doces e mérito.

# CELSO PINHEIRO

depois de muito vagar pelo simbolismo, pelo spleen (título que deu a uma de suas copiosas colecções de sonetos, em que só se faz a um dia, todos, tormento, miséria, sofrimento, desespero e morte); ... idealizada.

rico de imaginação, viveria vímos com afetuosa e grande facilidade. Era um encontro de homem e de poeta. De homem, péz nobreza moral, pela independência de caráter. De poeta, pela sensibilidade. (Cristino Castelo Branco)

E talvez mais característica na musa do poeta não era a do

lirismo amoral, mas a do deserto, a do deserto, a do pessimismo. (Mário Leão).

O rítmico mestre que quando uma intromissão integral à sua obra, como em "Augusto dos Anjos, Dom e Bandeirante", levou-o a produzir uma poesia ditada, se encontrou nesse campo aquela vocação. Não é patmosiano, nem chão mesano a ser simbolista. É um poeta que exprime a própria personalidade e do interior de sua angústia extata e somática de seu caro. (Henriquino Moraes).

Gerdit



Fachada principal da casa do Dep. Milton Brandão

## MEMORIAL TERTULIANO BRANDÃO FILHO

SARAH MOURAO BENICIO

Qualquer visitante que chegue a Pedro II, ao entrar no coração da cidade, tem a sua visão primeiramente voltada para o majestoso solar do Deputado Milton Brandão, que se eleva num enlevo estético de rara beleza como um bastião de glória sobre as efemeridades do tempo.

O belo palacete sinuoso conta a epopeia de um tempo histórico e de um tempo mítico, das memoráveis lutas divididas em ciclos que vão das décadas de 20 a 30 e de 40 a 60, quando sól os seus umbrais, grandes decisões sociais e políticas foram tomadas e fizeram a saga da sua família, seus pôrticos.

Engalanados celebram a heráldica, o estilo e o esplendor de uma época, a época dos Coronéis, suas portas parimados, quartelam segredos e suas salas enormes dimensionadas em estuque, guardam nas fisionomias hieráticas e ancestrais, o mistério do passado, presente fixado nas "daguerreias" amolduradas em ouro velho, traços que se repetem nas gerações presentes da linhagem dos Brandão-Muniz. Certos são registros corregidos da representatividade estética, social, histórica e afetiva, são fragmentos de vida reais e guardados para a posteridade, na incessante busca de

determinada do homem, daí porque, as velhas "daguerreias" nos lembram tanto os versos de Tennyson: "Oh death in life, th days that are no more".

A nascida Marphisa de cabeios cacheados que morreu aos cinco anos, o bisavô, Papai Tertio, com a sua barba apontada angulosa, o primeiro intendente de Pedro II, minha bisavô, Mae Mariquinha no seu ar solene, decidido e determinado, meu tio Hamilton, posando de magistrado e, por fim, meu tio Tertuliano, o dono da casa. Era vidente nos seus retratos e em todos eles, a mesma postura, fronte nobre, traços aristocráticos, o vestuário requintado, colarinho alto

impermeavelmente engomado, liso — que por artes da minha avô, sua irmã. Todos eles singularmente eram um mistério na minha mente de criança, talvez porque não chegava a conhecê-los, senão através de aqueles retratos e das conversas casuais.

Observando-as de cima, eu podia reconstituir suas vidas.

A "Casa Grande" era festiva e pelo seu estilo amplo, limpo e

esperto ao resumo da casa, fora construído com requintes de privacidade, projetado na medida exata daqueles que se davam ao gosto da meditação e do silêncio. Suas janelas internas eram como olhos mirantes que descontinuavam as serras azuis azuis do Sítio Bonaneira, naquele deslumbrante de paisagem verde, florida e atraída.

«O tempo passou, passaram

muitos anos que a vida continua. Só eles resistiram hereticamente ao Templo o Vento de Pedro II.

— Quis o Deputado Milton que estivesse para sempre guardasse a memória da sua família e fosse preservado como um bem público destinado a contar as narrativas novas novas, parte da história de Pedro II.

Iniciei por me ater ao Patrimônio Cultural do Piauí.

Foi certo a destinação. Ele é um depósito de lembranças, um relatório, algo que enriqueceu com a dimensão estética e histórica das coisas feitas para ficar, intocada, na sua silhueta fidalga e espinha; ela registra nos seus

parcos solícitos, no seu plácido gesto as marcas da tempestade, e todo

e arte num estilo sinônomo.

Koala num belo painel contemplando uma

Uma Grécia na sua forma Ática no desenho perfeito, celebrou o

reino das coisas eternas porque

selas, que o tempo

os homens não sujam tocar ou

destruir. Só a Arte tem a

perenidade das coisas.

verdadeira, «cantou nos sons

mais belos versos. Belas, la

crúidas, ricas boas. That's all

we know on Earth, and all we

need to know.

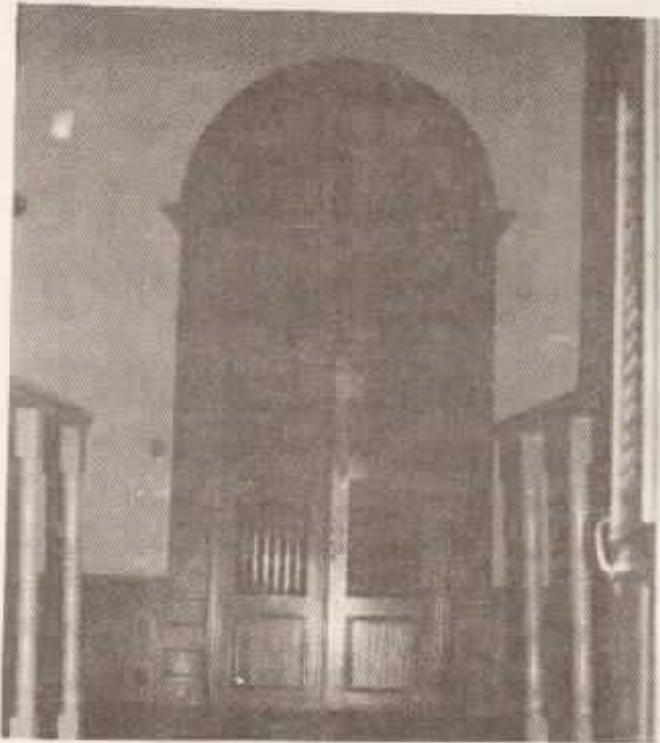
## HISTÓRICO

No ano de 1922, o então Deputado Tertuliano Bezerra Filho deu início em frente à Praça da Independência, um Pedro II, à construção de uma casa em lamas

neoclássicas para sua residência. Conhecida de medidas e proporções, horário estudo, exigente, dotado de senso estético e de boa fortuna, trouxe para Ipu mestres de obra e artesões cariocas de Sotmal e Ipu, grandes centros de comércio no Ceará durante a época.

Mandou-se entre outros, artífices Lázaro Nunes e José Umbelino, nomes respeitados e já considerados na arte da construção das casas do Cel.

Alexandre Soares em Ipu, e do Cel. Antônio Monteiro em Sotmal, aos quais o Cel. Tertuliano pagava por laços de fraterna amizade — e foi em nome desse amizade que sua primeira filha chamar-se Marphise — esse nome estava gravado até bem pouco tempo no portão de entrada lateral de sua casa.



Porta do Interior da casa

resolvendo, se prestava a todo tipo de contemplação. As palmeiras imperiais, as tamareiras brasileiras do Paraíba, as pitombeiras, os sapotáceos, o jasmim Caiana, compunham um cenário interno bem escultado e harmonioso, num misto de jardim-quintal tão característico das antigas moradas. Observava-se que o quarto-escritório que pertencia ao Cel. Tertuliano, ao final dos outros apartamentos é imponente.

As pessoas, três gerações de Tertulianos, famílias, criados, amigos, mas a velha casa dos Tertulianos permaneceu, contendo estórias e favendas históricas. Nas de todo aquela esplendor de verdes, só o certo supozendo o jardim de batatas e a velha tamareira perdida no quintal imenso continuam de pé Distante, é de vez em quando carregada de vermelhas tamareiras refazendo ciclos, como se

A porta central interna, que se abre acima da escadaria, é uma obra de arte de uma riqueza singular e encantadora, recordada em motivos Luso e pôsteros acausalados. Também nela o nome do Senhor da Casa pode ser lido. As paredes internas, como as externas são todas, revestidas em estuque desenhado. — Aquela época, à falta de noviços portugueses, é difícil de importar, usava-se o estuque, massa obtida da mistura de gesso, argila e coia. Por sua resistência e impermeabilidade, o estuque era muito usado em revestimento de paredes externas, subtraindo com vantagem e efeito estético o mármore e o azulejo. Por outro lado, as construções "Art-Nouveau", floraram dispensando assim o uso do estuque nas salas e dependências internas, para aderir ao uso do papel, parede como revestimento. Mas duplamente o estuque continuava a ser a preferência prática, durável, imitava bem o papel importado, e conforme fossem os desenhos, geométricos, florais ou mermaiores era também uma variação da "Tranca-L' Oeil", tipo de perfuração muito usado em paredes imitando a realidade dentro dos padrões do "francésimo elegante".

A construção ficou terminada em começos de 1925 e o registro disso se fez no frontão da casa, onde juntamente com os iniciais T.B.I. pode ser lida na placa comemorativa remanescente: inscrição CMXXV, em harmonia com o rendilhado mourisco que muda a compor a cimbra.

No Piauí, as influências e os estilos eram sempre variados e mesclados, marcadas sempre por uma predominância de fracos. E isso deve ter ocorrido no Brasil inteiro, nas épocas que antecederam os modernos meios de transporte e comunicação. Patti Maria Bardi melhor explica: "No século XIX a construção civil guio-se pelo diretriz do neoclassicismo, permanecendo no entretanto, de hibridismos e instruções de outros estilos, não sendo raras porém as aplicações locais".

Observe-se que a arquitetura Vitoriana só apareceu em Teresina por volta dos anos 40.

Pedro II, 1925. Luxuosa prédia e ambientada com todo requinte de jardins, mobiliário de



Fernanda Filho

época, peça de arte, a casa do Cel. Terto. Lampões Belgas iluminavam as salas com predominância de mobiliário francês em estilo.

"Art-Nouveau", consoles, marquises, cadeiras austriacas "Thonet" se distribuíram em grupos harmônicos. Nos dormitórios, as camas de cassel, as cômodas de tampos de mármore, serviços de jadô em porcelana, "psychés" e sua escrivaninha que curiosamente tinha sons musicais quando se abria e fechava as quenavetas. Belas peças de arte em motivos florais, muito ao gosto da época, "cachepôs", estanques em formas decorativas em estilo "Liberty", vasos de opala assinados, loto-móveis (tipos de cadeira virada em paralelo francês), montavam-se aos belos serviços de mesa em cristal "Baccarat", porcelana de Limoges e faiança inglesa em conjuntos vários.

— Pedro II vivia os seus anos de glória que foram inaguravelmente dos anos 20 aos anos 50. Era considerado a "Sultã do Piauí", escutada para as temporadas de veraneio das autoridades e das pessoas de bom gosto, pelo seu clima ameno de setembro, pelo seu arrescalado de bellissimas redes que então se iniciava e se afirmava, também, pela variedade de frutas lá existentes. Como esquecer as laranjinhas e tangerinas docinhas, mangas selecionadas e abacaxis do Sítio Brancaneir? — A visão panorâmica de Pedro II era a de um imenso pororá.

Data terminal da, uma grande mudança na paisagem arquitetônica da cidade. A faziam temporadas de veraneio o jovem e mais tarde Senador José Cândido Terra, o

interventor Leônidas da Costa Mello, o Dr. Sigefredo Pacheco, o Dr. Molinás Olímpio, o Cel. Costa Araújo, o Cel. Francisco Alves de Camon Major, o Des. Hamilton Mourão de Mattos e o Dr. Francisco Cordeiro, da Bahia. Família Anna Leão Filho, dentre outras, com as suas respectivas famílias. O Padre Lindolpho Uchoa reunia em saraus literários e temporadas artísticas animadas, intelectuais como Estêvão Farias e o Major Coronel de Castro Lima, com a sua Escola. A casa de Domingos Mourão também se afirmava na arte de receber. Em sistema de temporadas o Governador Joca Pires permanecia em Pedro II, em casa pertencente ao Cel. Terto. Clemente Pires, igualmente aposta à casa do Cel. Terto, com opiniões eram os seus donos. A

elas se jgava o grupo político de Lauro Correia. Naquele casa está hoje sediada o Clube 11 de Agosto.

Em 10 de setembro de 1932 desapareceu o Cel. Terto, Deputado estadual em várias legislaturas e assim, a casa que lhe serviu de morada com a família, passou a pertencer ao seu filho mais velho, Teotônio Milton Brando, que logo em seguida atingiu a maioridade e seria nomeado, bem jovem, Prefeito Municipal de Pedro II, por decreto do Interventor Leônidas Mello.

Lá viveu e exerceu política juntamente com o seu primo Domingos Mourão Filho, tornando-se mais tarde Deputado Estadual, Vice-Governador e Deputado Federal. Foi parlamentar por quase 50 anos até desaparecer em 1º de junho de 1985, aos primeiros acordeis

do Nova República. A construção de Bona Esperança foi o seu sonho concretizado.

— Poco antes da sua morte em Brasília, manifestou-se egualmente através de instrumento particular de testamento e por expresso desejo, que a casa para que fosse destinada a um Memorial com o nome do seu pai para abrigar a memória da família. E de conformidade com o que lhe propôs, Pedro II terá na "Casa Grande" do Deputado Milton Brandão o seu primeiro Centro de Cultura — O "Memorial Tertuliano Brandão Filho".

#### FONTES DE PESQUISAS:

— Este trabalho contou com dados fornecidos por Raimundo Nônato Brandão, irmão de Milton Brandão; D. Maria da Conceição Mourão Brandão (Viúva do Ex-Deputado Tertuliano Soárez Brandão); Procuradores da Justiça do D.F. José Lourenço Mourão e Raimundo Palmeiro Galvão.

#### MATERIAL BIBLIOGRÁFICO

Jornais, cartas (Arquivo da Família de Tertuliano Soárez Brandão), Arquivo da Família de Domingos Meira Filho, Arquivo Páblia, Prefeitura Municipal de Pedro II.

- 1) Tennyson — Alfred Lord Tennyson — *Verses, Little Tennyson* (Poems)
- 2) Keats — John — *Ode on a Grecian Urn* (Adventures in English Literature)
- 3) Bard — F — *Brasil Marca — História da Arte Brasileira* — Melhoramentos
- 4) Arte do Brasil — Abril Cultural Volumes 1 e 2

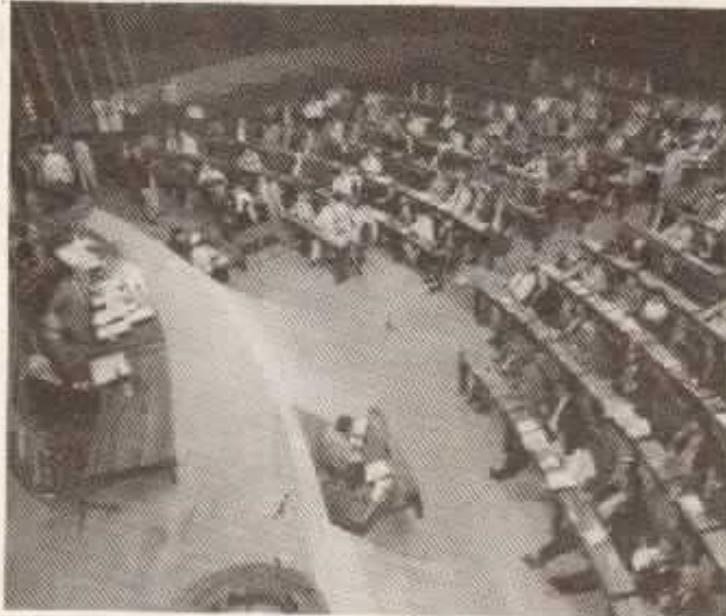
SARAH MARIA MOURÃO  
BENÍCIO é Professora Adjunta de Língua e Literatura Inglesa e Americana da UFPI.

— TENNYSON Poeta Inglês do período Vitoriano.  
— "O' morte amiga, os dias que já não mais são!"

— KEATS John Poeta Inglês do período Romântico.  
"Belze é Verdade, Verdade é Beleza. É de tudo que se sabe na terra e que é necessário saber."

Colaboração  
Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo  
Fundação Cultural do Piauí

# CONSTITUIÇÃO E CONSTITUINTE



## ANTONIO M. BORGES

A medida em que se aproxima o dia de eleição dos constituintes, que terão como tarefa redigir uma nova Constituição para o Brasil, aumenta a curiosidade do povo brasileiro acerca desse acontecimento. Percebe-se, para grande número de pessoas, a ainda inédita e inédita e Informe o conhecimento de Constituição e de Poder Constituinte.

O vocabulário constituição empregado no sentido amplo do verbo constituir, derivado daí para o cumprimento de um estatuto, não é idêntico de composição ou organização. Nesse sentido, tudo tem a sua constituição. Evidente que, também neste sentido, é inconcebível a existência de um Estado que não tenha a sua constituição. Do ponto de vista técnico-jurídico, todavia, no sentido de leis fundamentais de um povo, é dependente e processual de racionalização e planificação de vida estatal. Constituição é criação relativamente recente. Surgiu apenas no século dezeno-

Logicamente, é neste sentido técnico-jurídico que a palavra constituição será aqui empregada.

A Constituição é essencialmente um instrumento de controle do poder. Com efeito, não se pode esperar que o detentor ou detentores do poder, de forma voluntária, se eximam de trágico abuso do poder. Com o tempo, o novo - ditadurário e ditatorial - suplemento do poder - aprendeu que uma sociedade justa, que lhe autoriza e garante os seus direitos individuais, de jure da existência de normas éticas, objetivando limitar o exercício do poder político.

No correr da história, contudo, ao crescerem as atribuições do Estado, foi se ampliando o conteúdo das Constituições, que é variável no tempo e no espaço. A diversidade da diversidade do território quanto ao número e caracterização dos elementos fundamentais de uma autêntica Constituição consideram-se como indispensáveis as que regulam a estrutura do Estado e

do poder; b) definem as diversas tarefas estatais e especificam as organizações encarregadas de executá-las, a fim de evitar a concentração do poder nas mãos de um único e autocônscito detentor do poder;

c) reconhecem os direitos e liberdades individuais e estatuem as suas respectivas garantias; e d) estabelecem método racional da reforma constitucional, ensejando adaptação pacífica da ordem.

E mister lembrar que, não devendo, embora, a Constituição atribuir demasiada força ao poder público — posto que o autoritarismo é fonte de corrupção e injustiças — deve, no entanto, conceder-lhe meios de deter a dominação econômica. Dado, pois, a Constituição impor limites jurídicos ao poder econômico — entendido este no seu sentido lato, abrangendo grupos econômicos privados, nacionais, estrangeiros ou multinacionais — disciplinando a obtenção, a acumulação e o uso da riqueza, em função dos interesses maiores dos indivíduos e da sociedade.

A Constituição, como lei suprema do Estado, é a base de toda a ordem jurídica e a fonte de sua validade. Qualquer ato jurídico que com ela colidir não é válido. Essa supremacia da Constituição decorre exatamente de sua origem, dado provisão de um poder que constitui todos os demais e que por isso mesmo é denominado de Poder Constituinte. Geralmente aceita a distinção muito difundida que se faz entre Poder Constituinte originário e Poder Constituinte derivado. Trata-se de classificação inútil e imperfeita, pois o poder de revisão ou de emenda, definitivamente não é constitutivo. As reformas constitucionais, visando a estender a novas necessidades ou a novos impulsos, são feitas de acordo com o que estatua a própria Constituição.

O titular do Poder Constituinte é o povo, não se confundindo com o seu agente, que é o homem ou o grupo de homens que, em nome do povo, estabelece a Constituição. É patente, pois, que a obra elaborada pelo agente do Poder Constituinte somente



vale como Constituição se for aceita pelo titular. Esta aceitação não é só de seu autorizado. Destacam-se, como manejos menos imperfeitos da sua constituição, o que é feito expresso e diretamente a posteriori pelo titular (referendum), e o presumido, quando o agente é designado pelo titular, o que ocorre quando uma Assembleia Constituinte é eleita pelo povo.

O referendum, ainda que exigível do ponto de vista teórico na prática quase de especial prelúdio nas ditaduras, considerando que o seu resultado pode ser dirigido — ou mesmo falsificado — com maior facilidade que as decisões de uma Assembleia Constituinte na qual não pode ser excluída por completo uma certa honestidade pública, com a finalidade pelo menos de manter as apariências.

Relativamente ao Poder Constituinte, deve e é um legítimo, para que a Constituição também o seja, vale dizer, para que guarda correspondência entre o que nela for consubstancial e o que for

admitido e consentido pelo povo. Aí se cogita dessa sua legitimidade, deve distinguir-se a legitimidade do título do poder de legitimidade do exercício do poder. A primária diz respeito fundamentalmente ao processo de escolha das constituintes, a última, à Iuris com que exercem o seu trabalho. Claro está, investidos desse função, devem praticar virtudes de pouca experiência no Brasil, que é a de auscultar os anseios do povo e tomar deliberações de acordo com eles.

Do quanto foi dito acerca de Constituição e de Poder Constituinte, pode tirar-se algumas conclusões concernentes ao momento político atual brasileiro.

A atual Constituição brasileira, promulgada em 1967, para institucionalizar definitivamente o regime implantado no país em 1964, é legítima por origem, espírito e conteúdo, não passando, assim, de um mito. Pela Emenda nº 1, de 1969, ela recebeu nova redação em quase todo o seu texto, o que justifica o fato de muitos se referirem a dila Emenda como a Constituição de 1969. Essa Emenda apresentou mais ainda a tendência autoritária que já se encontrava presente no texto primitivo.

Por diversas vezes, o novo Brasil tem tido a oportunidade de manifestar o seu repúdio ao regime autoritário instaurado em 1964, e de reclamar a formulação de uma nova filosofia de governo, de organização social e política. Assim é que, com a eleição de um Presidente civil, representante de um partido de oposição, foi aprovada Emenda à Constituição convocando uma Assembleia Nacional Constituinte, a ser eleita em 15 de novembro próximo e instalada no início de 1987. Essa Assembleia se caracterizaria por não ter sido deflagrada por uma Revolução, estabelecendo-se do modo latino da Constituição revolucionária. Em mensagem dirigida ao Congresso Nacional, o Presidente da República lembrou a singularidade dessa iniciativa: pelo fato de estar em plena vigência uma ordem jurídica e suas instituições políticas e civis, cujo império se estenderá até o momento em que for promulgada.

a nova Constituição." Faz que pese a natural ansiedade do povo brasileiro por uma nova Constituição. A Emenda nº 26/86, que convoca a Assembleia Nacional Constituinte, configura caso Epíncio de inconstitucionalidade. Dispõe o seu art. 1º que "Os membros da Câmara dos Deputados e do Senado Federal reunir-se-ão... ricamente abastecida em Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana, no dia 1º de fevereiro de 1987, na sede do Congresso Nacional. Tal Emenda, a realidade, não faz tanta convocação, mas apenas prescreve a conversão do Congresso Nacional em Assembleia Constituinte, viabilizando a razão jurídica e firmando a consciência nacional. É injustificável o funcionamento conjunto desses dois órgãos, um só corpo com funções distintas.

Quando o povo elege seus representantes para a Assembleia Constituinte, designa legisladores incumbentes de elaborar tão sumaria a Constituição, fundo o que dita. Assim, ela será extinta. Quando porém os eleitos para o Congresso Nacional, designa deputados e senadores para as atividades próprias do Poder Legislativo, entre as quais sobressai a de elaborar as leis ordinárias. A competência que se exige de uns e de outros representantes do povo é bem diversa. Ademais, os senadores não são representantes do povo mas dos Estados-membros. Se a Assembleia Constituinte é soberana, podendo extinguir a própria Federação, é inconcebível que dela possam participar representantes não do povo, mas dos Estados-membros.

Suspeita-se que a futura Constituição do Brasil não será a Constituição que se quer, pois, dos motivos arrolados, outros ainda existem, como, principalmente, o fato de os constituintes serem eleitos dentre candidatos inscritos por partidos políticos — expressão do constituído, ou seja, do que já está — aos quais devem fielidade. Apesar de tudo isso, espera-se que ela permita que se construam instituições estáveis, a serviço do desenvolvimento do país e do bem-estar do povo.



## PROJETO PETRÔNIO PORTELLA

Agora você pode tirar da gaveta aquele livro que escreveu e não tinha como publicar. O Governo Hugo Napoleão, ao sentido de estimular a produção literária, criou o Projeto Petrônio Portella para editar livros que refletem o Piauí, seu povo, sua cultura.



FUNDACAO CULTURAL DO PIAUÍ / ASSEMBLEIA LEGISLATIVA  
MINISTÉRIO DE ESPORTES / MUSEU / AGÊNCIA  
CONSELHO POPULAR / COAF / CONAR  
CORPO / CEAP / PRESTUB / CRONICA / ELETRIC  
CIFRA / ZAP / INSTITUTO AMBIENTAL / LOTES  
PROCEC / RADAR / MUNICÍPIOS / DETRAN / UNIPI / SPASE

## "QUINTETO EM MI(M)" OU A LÍRICA DO REAL ANTOLOGIA (1975-1985)

Francisco Miguel de Moura

### QUINTETO EM MI(M)



É preciso que se leia com cuidado para compreender-se o valor da poesia deste poeta pequeno no corpo e forte no espírito. Francisco Miguel de Moura, *Quinteto em mi(m)* é a sua quinta sinfonia. E com ela comemora seus vinte anos de escritor. Pois foi em 1966 que numa edição particular arranjada de 500 exemplares, saiu da tipografia do Pe. Delfino, em Timor, o livro de versos denominado simplesmente "Areias". Com prefácio de Fontes Ibiapina, num tempo em que as musas andavam em silêncio no Piauí, o livro de Chico Miguel de Moura fez o sucesso limitado a que lhe publicação provinciana está fadada, por melhor e mais bem impressa que seja.

"Areias" influenciou e estimulou, não obstante a crônica maliciosa e pedante do jornalista Pompílio Santos, ao tempo atuando no jornal "O Dia". No Piauí, em Teresina, onde sofremos do mal do analfabetismo dos que sabem ler, além de outras misérias.

Ainda assim a poesia tem vingado. Medra. Floresce às vezes, numa pequena elite cultural acadêmica, às vezes entre funcionários públicos que sonham com um emprego maior

nas Secretarias do Governo ou com a sorte grande em loteria que se preze.

Mas há exceções. É o caso de Francisco Miguel de Moura, sonhando com um olho e olhando a realidade em sua cruz com o outro. Filho de pais pobres, vindo da interior mais pobre do Piauí — Francisco Santos — chega à cidade maior, à Capital, na sua madureza de vida e de poesia. Faz-se cidadão, porque o poeta já conduzia consigo desde os mais esperados caminhos, nos gestos e nas entranhas. Vai publicando. Desenvolve uma intensa atividade, quase febril, em muitas áreas, desde a carreira de funcionário do Banco do Brasil ao Conselho de Cultura e à União Brasileira de Escritores (do Piauí).

Na festa dos seus vinte anos de poesia, que coisa melhor havia de oferecer senão este *Quinteto em mi(m)*? Uma bela coleção de poemas penitenciados no espaço de dez anos, incluídos em cinco antologias que circularam por ai, afora de São Paulo ao Piauí. Cerca de trinta por cento deles são inéditos em livro, quase todos já passados, entretanto, pelo crivo da imprensa (jornais e revistas), exceto algumas surpresas que o poeta guardou no baú do seu culto para nós.

"A Casa", poema que abre o livro, é uma delas. Eis alguns versos:

"A casa era por dentro de mim quando o projeto se fez homem e a luz se aproximou.

Os ventos da noite vieram vindos... E as pessoas bem vestidas da cidade levaram as velhas de cor, o vidro de espelho, as portas partida... — Janeiras do mundo em minha busca.

Meu tempo de voar se foi: caminho para dentro até o fundo como quem caminha

ao sul-posto"

No prefácio, que é um circunstanciado e valorativo estudo, Benedito Luz e Silva afirma:

"Ao longo de sua obra, Francisco Miguel de Moura nos habilitou a vê-lo como um poeta do nosso tempo. Espero-nos formar contundente na expressão. Em síntese, um lírico realista, porque voltado para a vida em cujo concreto o homem se pende. Neste *Quinteto em mi(m)* a mesma coerência de seu poético humor vai se desenvolver."

Mas não é só. Talvez porque a música seja estranha a quem não se afina com ela, ou porque haja um refinado pessimismo em sua mensagem, Chico Miguel não facilita nada. Quem quiser conhecê-lo que o procure como ele se procurou e ainda está em busca. Sintencioso às vezes, iluz.

"O poeta precisa é de não encontrar ninguém, ser só ele mesmo. Depois de *Universo das Águas* (1979), posso dizer que Drummond de Andrade já era. Aliás, a crítica disse os leitores ilassaram. Não tenho dado divulgação ao material crítico sobre minha poesia. Desculpe a crítica ou de mim próprio? No dia em que eu fundar um estúdio, uma poética, me malarei. E acho que o poeta Chico Miguel não deve morrer tão cedo..."

No soneto que fica na contracapa, comemorativo dos cinquentanos, há premonição e há fidelidade às suas raízes de menino sofrido. De fraternidade com o sofredor/humano universaliza-se:

"Aos cinquenta bebedos; me apeliquem porque a vida floresce mi de espinhos.

Flor poucas, encantos mitigados Em em todo passo a busca de sentidos Feliz por ser fidel no que me arrimo. São secretas conquistas muito humanas.

Sorriu ao que me pegue e vai no vento. — Eu sou vagar, seu tempo e não meu canto.

Meu corpo alcança o corpo mais cansado.

## Livros

minha alma inflama  
a irmão insubmissa.  
sem berulhar a paz  
que me guerra.

*Semelhante amor*. Na dúvida cimpeio  
o que me armo de força e decisão.  
E vou seguirido  
E sei que vou ficando"

Observaríamos mais. Em todo o  
trabalho há uma simbologia do  
número 5 e seus múltiplos.  
*Cabalístico?* Não sahemos.  
Deverá ser descoberto o que  
tanto importa por catadores de  
imagens, metáforas e miudezas  
desse tipo, que não sabem  
nesta apresentação. A crítica  
tem em mãos uma obra rica,  
trabalhada com esmero,  
temperada com amor e suor.  
Obra quase toda já vista,  
e assim mesmo nova. A música  
é boa, o ritmo pessoal precisa  
de certa iniciação para produzir  
efeito duradouro. O poeta não  
se imita, não se repete.  
Se entrepõe. Desligou-se dos  
mestres com respeito, mas sem  
prejudicar, para trabalhar os seus  
próprios achados e perdidos,  
garimpando uma linguagem não  
usada ainda. Mesmo quando  
tem alguma experiência  
meio praxista ou meio-concreta.

Sim, o poeta ficará e sua  
poesia, como disse no soneto dos  
cinqüentanos — peça  
circunstancial que ultrapassa  
as barreiras da circunstância  
e inscreve-se entre os melhores  
poemas do nosso tempo.  
Como, aliás, acontece à maioria  
dos poemas de *Quinteto em mil(m)*.

François Miguel de Moura

### QUINTETO EM MIL(M)



Outros Contos Piauienses.  
Projeto Petrônio Portella/  
Secretaria de Cultura, Desportos  
e Turismo, apoio MINC. Capa de  
Paulo Moura; 1ª edição, 144  
páginas. Impressão, Gráfica  
Júnior - Teresina - Piauí - 86.

O livro reúne os contistas  
classificados no IV e V Concurso  
de Contos "João Pinheiro",  
além de outros, por sugestão dos  
escritores Magalhães da Costa e  
Francisco Miguel de Moura.  
Os autores classificados  
representam a nova safra  
de escritores piauienses.



"Fenícios no Brasil" (Antiga  
História do Brasil, de 1100 a.C a  
1500 d.C.), do alemão Ludwig  
Schwennhagen, em sua 4ª edição  
pela Editora Cátedra, com 149  
páginas. Notas e apresentação  
de Moacyr C. Lopes, Projeto  
Petrônio Portella / Secretaria  
de Cultura, Desportos e Turismo.  
A primeira edição foi composta  
e impressa pela Imprensa Oficial  
de Teresina, em 1928, com o  
título de "Antiga História do  
Brasil". Ludwig Schwennhagen,  
por muitos anos viveu no Brasil,  
inclusive no Piauí, pesquisando e  
estudando nossos antepassados,  
para resfirmar em sua obra  
citada serem os "pré-egípcios  
originários da América do Sul,  
como também que aqui se  
iniciou a civilização europeia".  
Nesta obra o autor ainda afirma  
que os fenícios foram os  
primeiros habitantes do Piauí.  
Obra de grande importância  
para pesquisadores,  
historiadores e professores.  
A leitura prende o leitor do  
começo ao fim.  
E ler para conferir!"



Fatos da História do Piauí, de  
Hugo Napoleão do Rego Neto;  
Projeto Petrônio Portella /  
Secretaria de Cultura, Desportos  
e Turismo. 2ª edição, prefácio de  
Deolindo Couto, com 129  
páginas, impresso na Gráfica  
Júnior, Teresina-Piauí.

A obra relata, como afirma  
o autor, o ponto de partida das  
atividades empreendidas desde  
o primeiro doméstico das terras  
que correspondem ao atual  
Estado da Federação, passando  
pela fase das capitâncias  
hereditárias, governos gerais, do  
Vice-Reino de Portugal,  
do Império e República.

A tese desenvolvida em  
"Fatos da História do Piauí" tem  
por objetivo a síntese, e, tanto  
possível, dar informação.

Assim sendo, o autor afirma  
ser Domingos Jorge Velho o  
pioneiro a conquistar terras  
piauienses. Mas foi de fato  
Mafrense a quem coube o  
papel de conquistador, fixador  
do território do Piauí.

Também afirma Hugo  
Napoleão ser a Batalha do  
Jenipapo o inicio do fim da  
carreira do bravo militar  
português Fidél, em terras piauienses.

### III CONGRESSO DE ESPORTES PARA TODOS

O III Congresso Brasileiro de Esportes Para Todos, realizado no período de 16 a 20 de julho, teve como sede a cidade da Campo Grande (MS). Conforme o Prof. Valter Soares, participante do Congresso, o evento foi muito bem sucedido — pois conseguiu reunir mais de 10.000 pessoas que discutiram nos seguintes temas: LPT FA, SAÚDE, LPT PARA DEFICIENTES, TECNOLOGIA POPULAR NO EPT, EPT NAS ESCOLAS DE 1°, 2° e 3° GRAUS, COMUNICAÇÃO E MARKETING NO EPT, CRÍTICA, REVISÃO CONTEXTUAL DA EDUCACAO FÍSICA, EPT-RURAL, INTERIORIZAÇÃO DO EPT, EPT PARA A 3ª IDADE, LPT INSTITUICIONAL, ATIVIDADES EPT, DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO, EPT E A EDUCACAO PERNAMENTE, EPT E AS MUNICIPALIDADES. O representante da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, no Congresso, Prof. Valter Soares que defendeu dentro destes temas as seguintes linhas: Ideias novas, filosófica e metodologia do Ept respeitando e pela área esportiva, que dêem uma maior atenção ao esporte amador de uma forma geral; para atualmente só o futebol vem merecendo destaque.

#### CINEMA DE ARTE

Possuindo apenas dois cinemas comerciais, o Teresina terá mais uma opção — irá-se do Projeto Cinema de Arte. O cineasta Valderi Duarte, um dos coordenadores do Grupo Mel de Abelha, é o responsável direto pela implantação do Projeto que deverá funcionar no Auditório Herbert Parentes Fortes. O local, conforme Valderi, é ideal para ter uma capacidade para 150 pessoas, dotado de sistema de ar condicionado central e piso em madeira.

### TOMA POSSE A NOVA DIRETORIA DA UBF

A Assembleia realizada na Livraria do Escritor, no dia 19 de junho, foi acolhida como Presidente da União Brasileira de Escritores Seccao do Piauí, o Poeta Francisco Miguel de Moura. Para Chico Miguel a entidade tem que assumir o papel dela pertinente à sociedade piauiense, incentivando, promovendo e divulgando a cultura do nosso Estado, através de palestras, seminários, cursos e publicação de livros.

### SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS

Com toda a pompa de um grande evento, será realizado no mês de dezembro o Salão de Artes Plásticas do Piauí, interrompido há dois anos. Este ano o Salão completará seu décimo aniversário.

O diretor da Assessoria Cultural da Fundação Cultural do Piauí, Nonato Oliveira, abriu um concurso para a escolha das cartas do Salão. Fazendo treze um evento que terá participação do público e composição final da feira-mista. O diretor da Assessoria Cultural pretende editar um catálogo com os melhores trabalhos, através do Projeto Pernônia Puriella da SECTUR.

Se você estiver interessado em participar do concurso que escolherá as cartas do Salão de Artes Plásticas, procure maiores informações na DAC (Divisão de Assuntos Culturais), Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Pça. Marechal Deodoro, 816 — Centro — Teresina, até o dia 31 de agosto.

### MOSTRA DE ARQUITETURA PORTUGUESA

Numa promoção da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Fundação Cultural do Piauí e FUJFPI, realizada no Museu do Piauí, a exposição fotográfica sobre monumentos históricos de Portugal, com fotos cedidas pela Embaixada Portuguesa.

### USINA MARIA BONITA SERÁ CENTRO CULTURAL

A Usina Maria Bonita, em Floriano, será transformada no Centro Cultural da cidade. O Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Pe. Silvano Araújo, acompanhado do Presidente da Fundação Cultural do Piauí, José Elias Arêa Leão e do Diretor Administrativo da SECTUR, Leônio da Araújo Albuquerque, estiveram em visita às obras de restauração da Usina, por ocasião das festividades comemorativas do 89º aniversário de Floriano.

### CORISCO FIRMA CONVENIO COM FUNDAÇÃO CULTURAL

Com o finalidade de abrir o Projeto Editorial da Literatura e Editora Corisco, a Fundação Cultural do Piauí firmou convênio para edição da maior quantidade de livros de autores piauienses. Até o momento, a Corisco editou livros de poetas com a Coleção Fulbatim, que já conta 14 poemas.

### ACADEMIA PIAUENSE DE LÉTRAS GANHA SEDE PRÓPRIA

A Academia Piauense de Letras que tem como Presidente o escritor A. Tito Filho, inaugura no dia 29 de abril último, a sua sede própria, na Av. Miguel Rosa n° 300 - Sul, que recebeu por indicação do Governo do Estado como de mostração de apreço que nutre pelos intelectuais piauienses e o reconhecimento de seus trabalhos em benefício da cultura do nosso Estado.

### XII FESTIVAL DE VOLEIROS

No aniversário de 134º de Teresina, em agosto, será realizado o XII Festival de Voleiros do Norte Nordeste que terá a participação de mais de cem representantes, entre os quais: Moacyr Laurindo, Sebastião da Silva, Pedro Bandeira, Severino Ferreira, Luiz Branco, João Dutra.



# Fatos & Notícias

Sebastião Dias, Jôso Parabiano e Ivanildo Vilanova. O Festival de Vinheteiros do Norte Nordeste já é uma tradição em Teresina, conforme afirma o poeta e presidente da Associação dos Vinheteiros e Poetas Populares do Piauí, Peçôr Mendes Ribeiro.

## SECRETARIO DE CULTURA BUSCA LIBERAÇÃO DE RECURSOS

O Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Pe. Solon Atagão e o Presidente da Fundação Cultural do Piauí, José Elias Arêa Luan, conseguiram junto aos órgãos ligados ao Ministério da Cultura, em Brasília, a liberação de recursos para a agilização de Prêmios Culturais no Piauí.

## CONCURSO DE CONTOS "JOÃO PINHEIRO"

Sucesso absoluto nos anos anteriores, o Concurso de Contos "JOÃO PINHEIRO" instituído pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo / Fundação Cultural do Piauí está com as inscrições abertas até o dia 30 de novembro / 86. Cada autor concorrerá com apenas um trabalho, inédito. Os trabalhos deverão ser apresentados em laudas datografadas, somente no verso, papel ofício espaço duas.

Serão conferidos os prêmios de 3, 2 e 1 mil cruzados, respectivamente, aos três primeiros classificados. Os contos vencedores e outros dez indicados pela comissão julgadora serão publicados pelo Projeto Petrólio Portella.

## PRÊMIO "FONTESS IBIAPINA"

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo criou o prêmio "Fontess Ibiapina" (R\$ 10 mil cruzados) a ser atribuído ao romancista que, pela abordagem de assuntos plausíveis, for julgado o melhor do ano. As inscrições são até o dia 29 de agosto. Os trabalhos devem ser inéditos, datilografados, em espaço duas, em quatro vias. Deverão ser

acompanhados de envelope lacrado, contendo o título da obra, pseudônimo e nome completo do autor, endereço e número da cédula de identidade.

O julgamento ficará a cargo de comissão de três membros, designada pelo presidente da Fundação Cultural do Piauí. O Projeto Petrólio Portella editarão o trabalho premiado.

## III CONCURSO DE TEATRO "JONATAS BATISTA"

No Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e Fundação Cultural do Piauí, estão abertas as inscrições do III Concurso de Teatro "Jonatas Batista", até o dia 30 de novembro / 86. O concurso tem por objetivo principal descobrir novos talentos e divulgar as melhores produções dos autores do Estado. Para se inscrever o candidato tem que ser piauiense ou radicado aqui há três anos.

O autor poderá concorrer com texto médio, que permita um espetáculo com duração mínima de 30 minutos. Maiores informações na SECTUR / Fundação Cultural do Piauí — Praça Marechal Deodoro, 816 — Centro.

## I EXPOSIÇÃO DE ARTE

Será realizado no período de 07 a 29 de agosto, a I Exposição de Arte do Projeto

Petralha de Prado Valladares na Biblioteca Estadual — Cromwell da Carvalho. O Projeto doou à Biblioteca mais de 200 obras, entre livros, revistas e jornais que estarão à disposição do público. O evento tem a promoção da FUNARTE / SECTUR (Fundação Cultural / Biblioteca Estadual).

## INAUGURADO CENTRO CULTURAL DE CORRENTE

No dia 18 de julho, em Corrente, foi inaugurado o Centro Cultural da cidade, que abrigará museu, biblioteca e dispõe de auditório. Presentes ao ato inaugural o Governador José Raimundo Bona Meurer, o Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Pe. Solon Correia de Araújo, e o Presidente da Fundação Cultural do Piauí, Dr. José Elias Martins Arêa Luan.

## MANUEL TUBINO

O Presidente do Conselho Nacional de Desportos, Prof. Manuel Tubino, em conferência no Palácio da Cultura, falou sobre a reforma do desporto no País. Para o Coordenador de Esportes da SECTUR, Valter Soares, a vinda de Manoel Tubino ao nesse Estado foi muito importante, visto que trouxe a todos as mudanças que serão introduzidas no desporto nacional.



Fachada do Centro Cultural de Corrente

# Fatos & Notícias

## III TORNEIO DE FUTEBOL DE CAMPO

A Coordenação de Esportes da SECTUR realizou no dia 13 de julho último, sob a coordenação do Agente EPT em Bom Jesus, o III. TORNEIO DO INTERIOR DE FUTEBOL DE CAMPO. Equipes participantes: Projeto Brascarne, Piripiri, Nova Horizonte, Curral, Benfica, Presídio, Piaçua, Alto da Cruz, Cerâmica Burity, Creoli, Sepé e Palestina.



As Pastorinhas

## X ENCONTRO DE FOLGUEIROS DO PIAUÍ

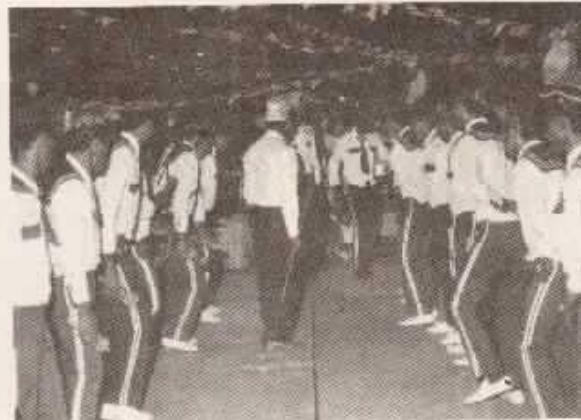
Com um público estimado em 150 mil pessoas, foi realizado na Prairinha, nos dias 26, 27 e 28 de julho, o X Encontro de Folgueiros do Piauí, repetindo o êxito dos anos anteriores. Foi, sem dúvida, a mais importante festa popular do Estado. O evento teve a participação de grupos folclóricos da capital e do interior, com a apresentação de Caxixá, Piancó, Pajeú do Mimbó, Dança Portuguesa (Amarante), Marujada (Campos), Major, Bumba-meu-boi (varios grupos), Tambor de Crioula, Reisado do Piauí, Voleiros, Festival de Quadrilhas, Brincadeiras como: Pô de Seta, Vole, Adumbrado, Forró Maria Isabé, Barracas de Artesanato, Comidas e Bebidas Típicas, Balões, Parques de Diversões, jogos infantis. O X Encontro de Folgueiros do Piauí é uma promoção da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo Fundação Cultural do Piauí.



Reisado do Piauí.



Tambor de Crioula



Marujada de Campo Maior

# VISITE O MUSEU DO PIAUÍ Praça Marechal Deodoro

*Fatos &  
Notícias*

## PROGRAMA ALBERGUES DA JUVENTUDE

A PIEMTUR e FAGEP celebraram convênio para apoiar no Piauí o Programa de Albergues da Juventude lançado em Anitão nacional pela EMBRATUR. Com essa iniciativa, a Associação de Albergues da Juventude, a ser criada em nosso Estado, poderá oferecer acolhida a membros das demais congrégures do País, em espaços que serão cedidos no Estádio Vilaça, pertencente à Fundação Geral de Assistência aos Desportos no Piauí — FAGEP. Esse programa integra o esforço governamental para dinamização do turismo social.

## CLUBE DA TERCEIRA IDADE

Dentro da programação da EMBRATUR para desenvolver o turismo social, serão criados Clubes da Terceira Idade em todos os Estados da Federação. No Piauí, a PIEMTUR deu inicio a articulação para constituir o Clube da Terceira Idade em Teresina, que estimulará programas e roteiros especiais de férias e excursões a preços especiais para os associados de entidade que em breve funcionará.

## CONGRESSO DA COTAL

O Piauí esteve presente no

Congresso da Confederação de Órgãos de Turismo da América Latina — COTAL, ocorrido em Recife, no período de 11 a 17 de maio/86, onde compareceram, além dos executivos da PIEMTUR, diversos empresários piauienses do setor de turismo. O evento alcançou pleno êxito, oferecendo uma visão do produto turístico nacional aos profissionais estrangeiros, particularmente da região Nordeste, ainda pouco conhecida desses empresários.

## OUTROS EVENTOS

A PIEMTUR se faz presente, também, por intermédio de seus executivos no terceiro — abril, maio e junho, nos eventos especializados: Salão de Turismo em São Paulo, promovido pela ABAV - Nacional; Congresso das Empresas Organizadoras de Congressos, em Fortaleza e Seminário de Jornalistas de Esportes e Turismo da América Latina, em São Paulo, promovido pela Associação de Jornalistas de Turismo de São Paulo - JOTESP.

## I ENCONTRO NORTE NORDESTE DE SKAL CLUBES - ENESC

Teresina foi sede do I ENCONTRO NORTE NORDESTE DE SKAL CLUBES, realizado no período de 27 a 29 de junho, com o objetivo de dinamizar as ações desse Clube Internacional, nas regiões Norte-Nordeste.

O evento, promovido pelo SKAL CLUBE DE TERESINA, contou com o apoio do Governo do Estado do Piauí, da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo da Empresa de Turismo do Piauí — PIEMTUR, além de entidades do setor privado. A Associação Brasileira da Indústria Hoteliera do Piauí — ABIH teve intervenção significativa no acontecimento ao conceder tarifas especiais para os participantes e, também, a Cia. de Belas Artes do Piauí que brindou os encontristas, com um almoço na sua fábrica, em Teresina.

O IENESC alcançou grande repercussão nos meios profissionais do turismo, pois conseguiu atrair a presença de membros dos Clubes de Manaus, São Luís, Fortaleza, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro.

O Presidente da Associação Nacional de SKAL Clubes do Brasil, Ricardo Roman e o Conselheiro International, Paulo Polimeno, também, compareceram. Ao Clube do Rio cabe o destaque da presença de Júlio Chinell, um dos palestrantes, que discorreu sobre o tema: O MOVIMENTO SKAL NA ATUALIDADE.

Diversas propostas e projetos analisados no Encontro de Teresina serão encaminhados ao Congresso Nacional, que ocorrerá em Vitória-FS, no próximo mês de setembro.

No encerramento do ENESC, foi aprovada a realização do próximo Encontro, para Manaus no mês de maio de 1987.

## PASSAPORTE BRASIL

A EMBRATUR apresentou aos Órgãos Oficiais de Turismo, em reunião no Rio de Janeiro dia 24/05, o Projeto Passaporte Brasil. Trata-se de iniciativa promocional de grande alcance destinada a estimular o turismo interno nos períodos de baixa estação. A PIEMTUR enviou representante ao encontro e ofereceu total apoio ao Projeto, comprometendo-se a apoiar a sua execução no Piauí.

ASSINE

**PRESENÇA**

\* \* \* \* \*

Conto

# DEVIA SER TUDO NOITE



FRANCISCO MIGUEL DE MOURA

Escritor, Poeta, Crítico  
Literário, Presidente da U.B.E  
(Secção do Piauí)

**F**oi a forma em que me perdi depois do caso dos santinhos que a gente roubava da igreja e ia vendendo aos cristãos que passavam, e ali a gente saiu uma vez de casa em casa, na horas que as pessoas iam chegando do trabalho, na praça era melhor de noite, na frente do cinema e quando as pessoas iam pegar os jornais, ou tomar sorvete, mas a praça não é mais e nunca foi do povo, veja o tanto de outras gentes que ficam por lá ou passam nos espiando, cada qual mais bem vestido, não sera só deles, nem sua nem minha exclusiva: de nós nem quadrada, nem redonda, nem comprida: é uma praça quente com rumor de passos vivos, a gente estava como todo mundo: passando, não bem assim, que as vezes a gente sentava, as pernas dobradas e a calça rodava, pra melhorar um pouco, eles passavam mais do que ficavam: cheirando a perfume, fodiendo a suor ou desodorante, ficava um montão de gente vendo tudo no meio da praça, e mais adiante uma roda disjunto futebol, beijeiros! aqueles mais calados falando de amor que eu sei desvergonhadas, eu sei, todo mundo falando, falando... este menino pesava no braço, e chorando uns gritinhos finos de assustar, era até bom porque chamava a atenção, tem horas que eu tenho racha das que passam, mas eu quero chamar mesmo muito a atenção, levar meu filho, tinha tomado uma rachadinha no batecão com você, e o menino podia se perder de nós se deixasse sólo: ele já dê uns passos, não pense que ele não é seu, é e não é, depois que nós passarmos aí, tem mais é que eu pensou que eu sou só, nasci só, e fui criado só, mas aparece a moça nova, e a gente dançando, não sabe como você é importante nessas horas, e mesmo estrelada, já dei um nome pra ele: prepório, o menino esquecia, não é meu nem é seu, tudo queles, mas não conta nada pra eles não, cara, se vai nos arrapalhar mais ainda, não viu nenhô dia (sempre passada?) que a dona nos

entrou a pau da casa dela? não era da casa nem nada, era dum alpendre velho que tinha lá pra trás, nem os porcos estavam querendo de tão sujo, nem as galinhas, também rinharam cagado tudo, a gente se encostou por causa da chuva e fumas tirando... "vão embora, vagabundos, não quero vocês nem mais um instante aqui", me desapareçam ou mando chamar a polícia" falava fino e redobrava em esforço pra sair grossa e alii, lembrá? depois a gente riu baixinho e mais longe demos gargalhadas: ah, ah, ah!... não foi assim, seu zé? não foi? "foi", foi, "eu nome é tão bonito, ô quenga, que até tenho pena de chamar, alice! porra! isto é a nome de gente da nossa espécie," você dizia com uma convicção que eu até penso que você já morreu, não diz mais nada, homem? não calou mesmo? mas isto de nome é nada pra mim, passa como o vento e é como se não tivesse lembrado mesmo é da praça, só fumar da tua bagana podia me dar tanta coragem, eu estava doidinha da cabeça não sei por que, não corrí, não corri mesmo, quisto de fazer raiva, eu, alice, ia correr? nunca, "você não pode ficar ai, desse jeito, leve a criança pra casa, essa exibição não é permitida, o povo fica

falando, toda hora um vai e me chama: absurdo" e lhe aponta, "vai pra porrada, eu lhe dizia, ninguém me tira daqui, "pôs, me dá a criança" "não dom, eu gritava bem alto, depois ficava parada, vendo o soldado afliito, eu sou boba? ora se isto me incomoda, "mas deixe eu te dizer uma coisa que me enganou aqui?" e apontava com o dedo bem no rosto, eu não parava, não deixando ninguém falar, estava com o cão nos couros, puta-merda! sim, na praça, eu e você, perdidos no meio dos índios, como se não achasse onde sentar o pé com medo de cobra, dai veio de novo o soldado, armado de revolver e cassetete, com uma de me tirar da praça, por isto é aquilo, dirig: "você não entende, eu sou mandado," ai eu abri o brezileiro não mexa com meu filho, senão, senão eu passo a mão em você, nojenta! e ele sem jein e se aleitando, é, comigo, tem que ser assim mesmo, que é que você está pensando? não jeito de continuar e ze da silva entrou: "mas eu sou me lembrando é de quando tu trabalhava praquelé besta de teu patrão vendedor de fumo de zulo e cigarro brabo e de que quase te matava quando ti me dava um, unzinho, não era? veve um dia que ele estrope feito uma fera — ah, bom tempo em que tu tinha uns olhos fortes (sem precisar beber, nem... pain!) e pidões, olhando pro frases e eu morrendo de inveja, clube e sei mais o que, também não podia dizer nada, a gente tinha um pacto — é tu mandou calar a boca e me enxotou de dentro pra fora, proibindo, dizendo que eu não pisasse mais os pés outra vez naquela casa senão me mandava capar, será que ele estava pensando que tu não era da maior e que nós dois só estava ali pra se ilhar um pro outro? que cara maluca! mesmo procurando me perder como freqüês, antes de a gente se tornar no tornado e cortar o cabelo e usar essas roupas ruins e não ligar pra comer banho nem pra higiene nem pra ninguém disto que chamam de sociedade, não me perdi comum frango, você



sabe, nem como rolo de fumo, pois minha cor não dava, havia uma quantidade grande de gente me perseguindo, umas vezes eu saí correndo desabalado, você sabe, "por que quis", eu disse, e ele não desmanchava a merenda, que falar também alimenta, a gente foi acostumado assim desde cedo, mas como aconteceram tantas coisas, muitos dias dã de a gente ficar mudo, mudo e surdo, escutem o zé: "uma oval eu não quis nada daquilo, eu queria era o bem-bom, um bichão daqueles em cima de ti, hem? não quero pensar nada, que eu ficava mais doido do que sou, ficava, ele, seu patrião, não sabia que eu não era nem nunca fui motorista — coisa nenhuma, ele é que era um trouxa me ouvindo de olhos arregalados daquele jeito e me suportando há quanto tempo, nunca lhe dei meu nome nem vou dar nome nenhum a ninguém... você fez mal em chamar o menino de gregório: vão pensar que eu sou também gregório, pim é agora, você saiu levando aquele dinheirinho, que pensasse que eu era desempregado, quando meu emprego era exatamente tu, começou como um pretexto e depois foi se formando entre nós aquela amizade sem fim, grude danado de bom que me dava vontade de te convidar pra morar comigo, morar comigo? como? eu tinha sido expulso de casa e ficava zanzando o dia inteiro pela rua, sem saber o que fazer, de noite, era melhor a gente se juntava e no escuro ninguém nos via, a velha me almaldiçoou, minha irmã, também, sabia? então não te contei? que pena, eu não sabia levar nada a sério, como ainda hoje, como se pode levar a vida a sério? hem? todo dia gente se matando para outros desfrutarem, e ainda tem quem se meta com rico ou com quem leva tudo no sério mesmo estando do lado de cõ, sem saber, pensa besteiras depois, pum! pum! pum! na calça dos miolos... e os que meteram merda na cabeça dele ficam gorando do coitado que se foi, mas tem horas que a gente se bagunça mesmo e dá

vontade, dá vontade..." mas, ô meu deus, eu ia lhe dizendo outra coisa e você me interrompe, não é, seu cretino, quando aquele soldado chato voltou, começou a me seguir, me persegundo, até batendo, e ai você falou grosso, de longe um pouco fazendo cena, tinha que falar mesmo pra ele se espantar! desafiou: "você viu?" se vi? nem me fale, nem me fale, outra coisa que eu nunca falei direito fale que nunca mais pissei o pé na loja nem em sonho, nem de brincadeira, que pena ter que não trabalhar duro! nos primeiros dias a gente fica querendo voltar, puis dã uma tristeza de lascar o cano, eu era competente, distribuía sorrisos por toda a loja, os lábios chiando de batom vermelho e os olhos brilhantes que nem sapato de verniz, fazia o meu trabalho, ficava cansada e a renda pouca era distribuída em casa e com você, ai eu sei que amava você e você não saía, que cobrança besta! faz já muito tempo, bicho, a coisa não era comum aquela que a gente tem de trabalhar junto, e eu me amava também, era o que eles diziam, mas a coisa começou a desencantar, o rabelo caindo, e aquela doença desgraçada que você me pegou, fiquei boa.



mas nunca consegui o sorriso, forte, mas era amargo, e isto eles não admitiam, deixá pra lá o que aconteceu, o passado não engorda ninguém... o problema que nós arranjamos foi esta criança, que vai fazer com o gregório? deixar por aí? você me disse: "bem, vamos pensar no caso..." gente como nós não pensa, pensa? ate logo ou não age nunca, me lembro, zé silvinha, que de longe você me acenava o que eu devia ir dizendo: "vai devagar, agora": ou então: "val fundo"; e depois aprovava: "foi uma boa, deu dentro", tudo na nossa linguagem de dedos e de gestos, tinha que decidir logo: se ia com o soldado, para onde ele nos queria levar, aqui: ou se a gente fugia, porque ele talvez estivesse mesmo fazendo média, fugindo, depois ficar "bonançado", ate a noite, e o bebê (dois anos?) era dar para alguma madame condoida, que não era fácil encontrar, isto a gente pensava, até que por mim eu o deixaria por aí, mas você tem bom coração e isto tem nos machucado, silvinha (tenho raiva do seu nome porque não é burguês como o meu, pra ficar igual, por que não mudo o meu pra marco, pedraria ou inácia? por falar em burguês, senti um ódio central daquele... daquele bonzinho que chegava perto de você e diria: "olhe, que ele te leva também," e pra mim: "venha cá, eu te dou um dinheirinho pra evitar escândalo, você está no meio da praça..." estouvou uma noticia: barão, bem que ele podia ter dado cinco ou dez, mas eu faria o escândalo do mesmo jeito, se é disto que têm medo, vão ver, nestes dias tiro a roupa e mostro o xibô pra todo mundo que passa, ao vivo: homens, mulheres, crianças, o meu é do mesmo jeit que o daquelas atrizes de televisão, só me lembro que deixei aquele emprego — ser sonho, sonho mau? — mas não sei por que, uma das coisas que me pergunto, ele não me ofendeu, eu já estava ofendida quando aceitei: pequeno salário muito serviço, só era gostoso por causa que a gente ficava muito olhada, parecia uma



boneca, um brinquedo que todo mundo queria ver e ter, um dia eu pensei até em ser misse, como? você estava do outro lado e a genie tinha que ficar juntas de um lado só, eu pensava muito nisto, depois, fumamos e bebemos, acho que foi por isto, "foi por isto, foi?" bem, bem, eu tinha cara de balconista como você dizia irônico? que grande mocinha eu era! e balconista tem cara diferente para você me ofender, tem? "e motorista tem cara diferente também?" mas você nunca foi motorista nem nadie e ai estava a grande diferença, pois não é que ele caiu na tolice de me perguntar o que você fazia, não foi? e o seu nome, não foi? e o que você fazia aqui, todo dia? ai ele teve o que queria: minha recusa, dai também não me ouviu mais nada: era como se eu tivesse morrido, meus olhos não valiam, meu riso faceiro acabou, eu dava até o rabo pra não sair, se fosse como antes, mas foi tarde, e ainda dizem que não lutei, porrá! "e você não deu?" interessa? vece me defende agora desses caras que são muito mais da pesada e vão me lascar, cumo se arranja pra sair daqui, hem? "pois toma este menino e dá um giro por ai, que os caras manjaram qual é a nossa, entende?" deixa o coitado ai, esconde na cesta, enquanto o tira vai cuidar da puta-quê-o-pariu, faz a coisa direito, ora, ora, não venha me ensinar mais do que já me ensinou, seu tarado logo agora, quando já não há luz nenhuma? você vê alguma coisa? sinto, ainda sinto: é uma merda, não precisa luz, agora tenho dúvidas se o cara que meteu um tiro na cabeça não estava certo, mas cadê o revolver? delta aqui, tá tudo escuro e a manhã vai amanhecer sem soldados e a praça sem donos, e ai nós vamos pra lá você ouviu, porrá! amanhã vamos tomar de conta da praça, botar ordem naquela zorra, não, não, não creio, devia ser tudo noite, noite escura de meter o dedo no olho e não sentir, a noite da noite, deve ser o fim, que escândalo!

# Xoemadz

DA SÉRIE "ORIGEM E POESIA"

I

para Mariano da Silva Neto

Minha terra não é feita de concreto e aço  
mas principalmente de uma essência rara.  
Suas formas onduladas entre rochas areníticas  
é minha cidade o coração de um poeta  
que canta, embala no suave sopro dos ventos  
a harmonia da música de Vô Zabel.

A canção se faz da história e mito  
e é tão fértil o seu aroma que ali  
passaram os revoltosos e não ousaram tocá-la.  
Os portugueses percorreram o leito de seu único rio  
tombaram diante a fúria dos Deuses.

Diante tantos jenipapos sua geografia se fez  
nomenclatura e verbo divino  
onde a cultura de seu solo  
associada à criação de gado  
contemplou riquezas, construiu a face  
urbana e rural de sua arquitetura.

Seus filhos, concretude e obstinação  
percorrem as árduas estradas da vida  
como pássaros em busca de seu vôo.  
A beleza de sua aura reflete o horizonte  
arco-íris dos olhos na retina.  
Quem a visita, não a esquece  
volta sempre nos afagos de seus inesquecíveis abraços.

Wilton Santos



CAMINHANDO NA CAMINHADA

Nesse abraço  
somos suores e desejos  
minha cidade sou eu  
seu abandono  
é o abandono do ser meu  
causa mesma  
Minha cidade é  
do tamanho do meu bem querer  
mesmo que persiga a mim  
vez em quando  
crua má querença  
hate em mim  
avassalo a mim  
sófregas ondas de esperanças,  
de curtida crença

Carlos Alberto Gramoza  
Amarante, 30 de julho de 1986

# Poemas

## O DIA DO OUTRO

Nós outros  
teremos a nossa vez.  
Um segundo qualquer de um mês.

Será a recompensa  
pelo cansaço dos braços  
no balanço dos sprays.  
Pelas pastilhas mordidas  
na vã esperança  
de gritar mais forte

Nós outros  
teremos a nossa vez.  
será, ainda, antes da morte.

Durvalino Leal

## A PONTE NA MEMÓRIA

Elmar Carvalho

O vento passavoante  
pássaro voante  
sob o arco da velha  
sob o arco da ponte.  
Baloça os pés de oitis.  
joga confete com suas folhas  
e empurra o casario antigo  
com suas arcadas dóricas  
volutas jônicas  
ogivas góticas  
sacadas exóticas  
com suas parábolas e abóvedas.  
O vento passalígero passalfisio  
e empurra o casario antigo  
que navega parado  
no tempo que navega  
como um mar que navegassem  
sob um navio ancorado  
que se deixasse navegar.  
Meu sonho de malas prontas  
é passageiro e tripulação  
do casario (navio que navega  
no se deixar navegar)



## DIÁLISE

Necessito urgentemente de uma música suave  
que me fale de coisas bonitas  
como o despertar de manhã  
o toque de encontro com a vida.  
Preciso me fazer pássaro a longa data  
rapidamente trocar a vestimenta do dia  
anterior  
com a inscrição numérica — 86196719  
Rasgar toda e qualquer torta concepção de moral  
existente aqui ou em outra parte  
composta em quadriláteros e medida em KM2  
sem, contudo, ficar aprisionado a um espaço  
de alvenaria, que meça 0.2mm e não me dê espaço  
para movimentar meus braços ou minhas pernas.  
Necessito para logo uma revolução em mim  
que acorde o mais secreto pedaço do eu.  
É importante uma diacromática no  
vice-versa para toda poesia que eu for.  
escrever agora ou no ano que vem  
evitar rimas e regras que possam  
me trazer complicações ortográficas.  
Necessito urgentemente escrever um poema de amor

Francisco Rodrigues

*História* A HISTÓRIA DA  
IMPRENSA PIAUIENSE



CUNHA E SILVA

A História da Imprensa do Piauí não é, de fato, das mais ricas do Brasil, mas também não é das mais pobres. Tem cerca de nove séculos das mais ricas, porque não tem dois séculos de existência. O primeiro jornal que apareceu no P. A. I. foi em 1832, com o nome de "O Piauense", em Oeiras, antiga Capital da Província. A imprensa, em meio à pobreza e atrasado, só pode ser popularizada. É meio rico e adiantado, ela é também sua vulgarizada. A imprensa é produto do meio natural em que opera. No começo do século passado, o centro do Piauí era irrealizável, e a leitura das leituras era diminuta, restringindo-se a um número reduzidíssimo de leitores, de culturas da língua portuguesa do Leste. Nossa primeira jornal era essencialmente político, mas tratava também de assuntos diversos de vida social. Por esse tempo a instrução pública dos primeiros passos cumpria criação da primeira escola pública, em Oeiras, em 1822, e a primeira escola particular foi aberta em 1825, no mesmo ano graças ao desvendamento do crânio do ilustrado Dr. Marcos.

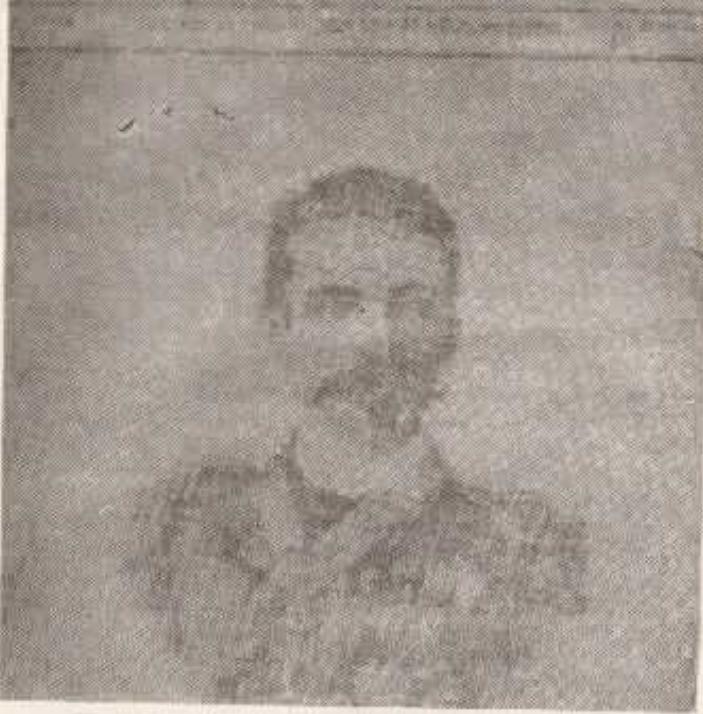
A História da Imprensa Piauiense — descrita com mapas, permanências e ilustrações — foi obra do sr. Celso Pinheiro Lima, publicado em 1913, em Teresina. O autor cometeu erros, mas o seu trabalho foi valioso e bem recebido pela crítica aquela do Piauí. No período da Monarquia, no Piauí, relativamente foram poucos os jornais que circularam quase todos de curta duração e efêmera destaca-se só no final do regime monárquico, o jornal de Dr. José Pimentel Caldas.

O cliente e Nave, no qual o velho e patriota e imigrante profetou a data da implementação da República em nosso País. Com a implementação dos dois partidos políticos — o Liberal e o Conservador — o jornal permaneceu só com o seu desenrolar lentamente, embora lento. As novas culturas, outros jornais surgiram no Piauí, como o

"Telionário", em 1852, existente pelo Visconde da

# O CRI-CRI

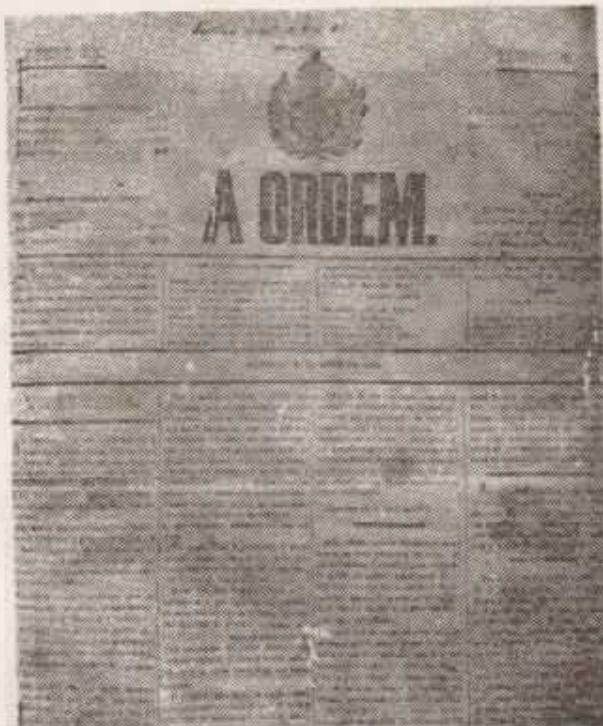
EDIÇÃO MENSAL. ILUSTRADO. CRÍTICO E LITERÁRIO  
SOCIETY ARTE E MUSICA. GALLERIA COELHO



Parnamá em defesa do seu tribulado governo. Nessa época o charonista realjava o sentimento político dele de manter um jornal era tanto difícil e perigoso, a menos que fosse subvençado pelo Governo, como o "O Rio Branco".

De forma que não havia clima para a existência de jornal de opinião no Governo do Visconde da Parnamá, que não admitia críticas a ele, pelo que os seus opositores, que eram muitos, como não podiam ter socorro, uniram-se em bolotas em Caicó do Maranhão, combatendo o Visconde e expondo as suas ideias na imprensa no Piauí, substituindo-se reciprocamente com a Guerra dos Balões, entre assembléas no Maranhão e o Piauí. Depois da queda do Visconde da Parnamá, em 1845, circulou outro jornal,

"O Liberal Piauiense", de feição política, redigido por Lamego Castelo Branco e Silveira, um dos heróis mais autênticos da Guerra dos Balões, participando dela de maneira brilhante, com grandeza e coragem sendo a alma da guerra. Por isso Lamego Castelo Branco foi considerado, com justa razão, o maior jornalista da época, se, mais tarde, Timóteo Costa Burlanque, foi o competidor direto das ideias da imprensa modesta, nas suas tempos distanciados de alegria e de incerteza. Lamego Castelo Branco, após morrer, com a mesma autenticidade e competência, dirigiu o "Açougue", em 1860, e "Anais Piauienses", e o "Clementino Piauiense", em 1867. Lamego Castelo Branco e Silveira, entre outros extraordinários, desejoso e dedicado, era filho do Benedito de N. S. das Dores



Gostei Brinco. Figueira da Cunha, o presidente da província, Lúcio Lopes, César e Branco, foram das glórias da imprensa do Piauí. Tibério César, Barreiros, eram homônimos, alista desvalor; foi diretor e redator do jornal "O Foco Liberal", em 1849. Era líder do Partido Liberal e se empenhou, com luta ferrenha contra o Conselheiro José Antônio Sampaio, Governador do Piauí, porque foi nomeado intendente da Capital da Província, ou seja, Teresina, nesse mês de Outubro de 1849. Com a mudança da Capital, o jornal deixou Teresina, só que os demais jornais da província tiveram mais vida em termos de assunto que empolgava a atenção pública do Piauí. Logo após a transferência da Capital, Deires saiu outro jornal "O Oficial", sediado por Morais Serrado e

Marcos Pereira da Silva. As atividades políticas passaram então para Teresina e, no mesmo tempo, circulou o jornal "A Ordem", em 1853, composto da "Geografia Comitiviana de José da Silva Lobo", cujo impressor foi José da Costa Viana, sócio de Abílio Neves. O redator do jornal era o jornalista José Martins Pereira de Azevedo, inviolável, idem que veio para o Piauí com o Governador José Antônio Sampaio e, em Teresina, publicou livros, entre os quais "A História e Geografia da Província do Piauí". O jornal celeste "A Ordem" apresentou a primeira legião gráfica e era bem redigido, demonstrando tendências liberais. Independente da independência na apreciação dos erros do Poder Público, trazia também sobre temas de interesse público.

Em 1868, mais um jornal saiu: "O Corujado Piauense", de curta duração, mas encantante em suas páginas, cujos redatores foram Décimino Mota e Lúcio Lopes. Esse foi atacado, por algum tempo, pelas setelegas da imprensa. Décimino Mota regressou depois, em outro jornal, "O Jornal Progresso", de sua redação fazia parte o grande David Caldas, em 1864, fechou seu jornal e se criou "O Progresso", como salvo-água, na fundação da primeira Biblioteca Pública do Piauí. Em 1866, concretizou mais "A Imprensa", o jornal de maior duração da época, viveu até o fim da Império Brasileiro. Chegou, a vez de David Caldas, entrar em cena no político nacional e do Piauí, publicando o jornal "O Amigo do Povo", lá entra Moraes, "Revolução Francesa", fundando "Cântico do Povo", "O Amigo do Povo", defendendo o ideal republicano e os principais进展, em 1868, em que não existia república, dito por David Caldas, distribuído a seus concidadãos gratuitamente. O nome do periódico substituiu "Orienta o Noroeste", em 1873, trazendo artigos de todos os autores de diferentes cidades e Proclamação da República em 1889. Entre 1874 e 1882, viveu o "Almanaque Piauense", de Miguel de Sousa Borges e César e Branco. Outra revista literária é "Revista Nacional de Literatura", encantadora leitura, editada por Leônidas Geminiano Marques Neto, neto Filho, tendo como redatores Cláudio França, Flávio Gólio e Luiz Augusto de Freitas, em 1877. Mais um redator surgiu em 1878: "A Epoca", com redatores todos Teresinhenses: Antônio Leão, Simplicio e Chedid, Resende e Eugênio Gólio. Tiveram mais outros jornais: "O Telefone", de 1883 a 1889, de propriedade de Joaquim Dantas, casado com a ex-tesoureira do Partido Liberal e teve a ideia de acolher a colaboração das eleituais da época. Outro jornal, "A Reforma", em 1887, de propriedade de Mariano Gólio, César e Branco, Barão de Castil-

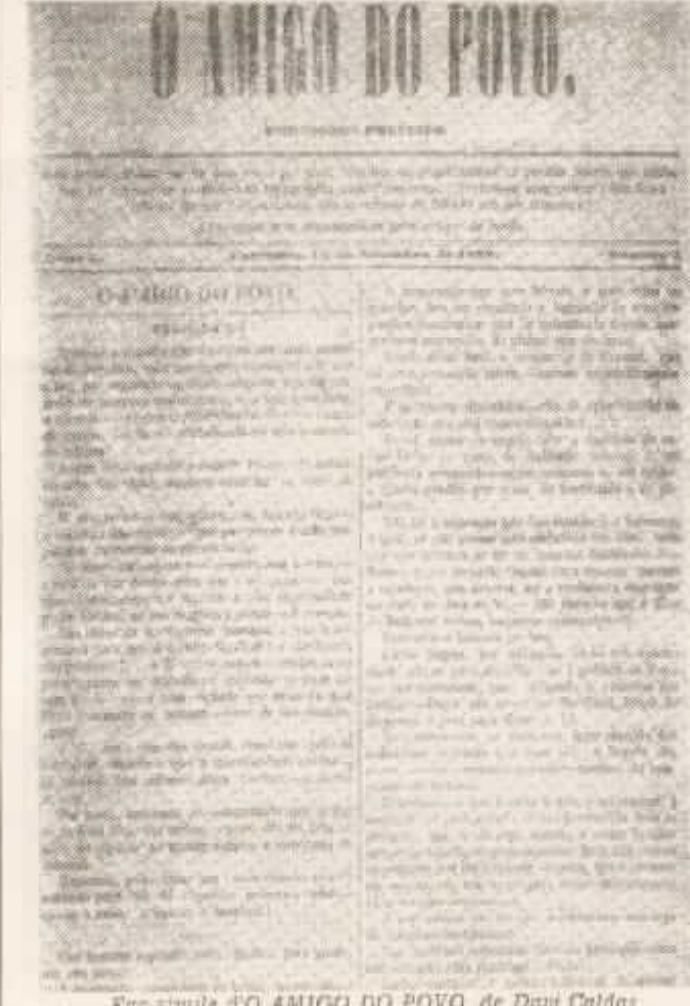
Branco, Júnio, e outros redatores. Chicoaldo Freitas e Antônio Rubin. O jornal defendia os novos abolicionistas, não tendo os republicanos. Stampava breves artigos doutrinários e resumo de principios filosóficos, políticos e sociológicos. Foi essa a fase mais tensa da campanha abolicionista. Os abertos estavam divididos. Uns queriam a libertação dos escravos de maneira gradual, uns poucos já outros queriam de forma integral. **In totum:** Os diários de Monarquia estavam unidos, com surgimento do Partido Republicano, em 1870, com a Questão Militar — o dissídio entre o Governo e o Exército e, por fim, com a abolição do cativeiro. As agitações na Corte expulsaram nas Províncias. Os senhores de escravos, os escravocratas, tremiam de medo com o avanço do abolicionismo. Os monarquistas rubros ficaram ameaçados com o desastre das alianças republicanas, instauradas na Escola Militar e nos quartéis. A animosidade entre o Visconde de Oliva Preto e o Marechal Deodoro da Fonseca provocou os acontecimentos em prol da causa monárquica. O Brasil não escapou de tais agitações, com reflexos na imprensa e nos bastidores dos Partidos Políticos — o Liberal e o Conservador. O nascimento da República não tardava a despontar.

O aparecimento de jornais no País não cessava, quer nos ilustrados setoriais da monarquia, quer nos almanaques da República. Em 1879, foi posto em circulação o "Almanaque Passeiros" de propriedade e redação de Miguel de São Bento, Cecília Branco. O Almanaque anotava dados estatísticos e notícias gerais e circunstâncias de interesse do Brasil de 1882 a 1889. Circulou o "O Telefone" de propriedade de Antônio Díaz. Em 1889 já na República, o jornal foi transformado em "Estado do Piauí", tornando-se órgão republicano. Anteriormente, em 1887, entrou em circulação "A Reforma", semelhante politicamente, militante e literariamente, redigido por Clodoaldo



Freitas e Antônio Rubin. O jornal era abolicionista, tendente para as ideias republicanas, se inspirando por todo o País. Em 1904, divulgou-se o "Passeio" jornal literário, com ataque permanente ao recesso das famílias, era distribuído às tardes e à noite. O Enigma, de 1905, era de autoria de José de Souza da Cunha, Matos Olímpio e Barillac e de Carvalho. Eram redatores céleus ou "cavais

— pensadores, mas foram redituados por jornalistas católicos, como Luiz Martins, e nos seus dotes instruídos, como o Pe. Cícero Pente e Nunes, mais tarde, Cirne e Monachor, fundador e diretor do convidado Colégio "Bento XV" ao qual foi anexo inserido. Em 1906, circulou "O Operário", jornal noticioso e satírico. Em somatório, tanto como redatores, intelectuais de alto nível, como Joaquim Batista, J. S. Ferreira de Lemos, Zé Batista, Celso Pinto e o Da Costa e Silva.

Fac-simile de *O AMIGO DO Povo*, de Damião Caldas

Em 1908, em defesa da religião e dos direitos cívicos, seu amigo fundou "O Apóstolo", de propriedade da Diocese de Teresina. O jornal teve sua campanha política, denominada "União Popular", partido apoiado pelo clero. Os redatores eram Joaquim Elias Martins e Higino C., mas, por esse ter sido um falso desarmamento do anticlericalismo, abandonado por Abdias Neves. Em 1911, foi criado o "Distritão do Povo", sob a direção de Simões Júlio Morelles. Também em 1911, Abdias Neves constituiu sua "Imprensa" —

jornal crítico bimonthário.

Em 1912, fundou outro órgão católico: "A Cidade de Teresina", fundado por Delfim Costa. De 1912 a 1915, dirigiu, em "Circulação Literacatana" — revista literária, cujos redatores foram Abdias Neves, José Pinheiro Chodossi de Freitas. Em 1916, fundou "O Flábeas Corpus" — órgão do operário rural, socialista e espetacular. Mostrava opiniões a Miguel Rosa e defendia a candidatura de Euzebio de Araújo ao Governo do Estado em confronto com a candidatura de

deseembargador Antônio Costa, apoiado pelo governador Miguel Rosa. Com a fundação da Academia Piauiense de Letras, em 1917, foi fundada depois a Revista da Academia Piauiense de Letras, anual que abrangia a cultura piauiense. Em 1923, criou-se a revista "O Distrito", sob a direção de Abdias Neves.

O jornal exerceu grande influência, fazendo crescer o sentimento cívico em meio tão impregnado de individualismo.

Em 1924, fundou o "Sobralense", que é o jornal mais antigo da capital piauiense. Fundado por Delfim Costa, de 1924 a 1930, este jornal defendeu amparadamente os interesses da classe trabalhadora, de que fez parte Abdias Neves, seu fundador e seu diretor. Tendo a imprensa sido fundamental para a fundação da União Democrática Nacional (UDN). No período marcado da sua existência teve como redatores: Martim Vieira, Cláudio e Sílvio e Eunípedes da Ajuda. Em 1945, nascida essa diretoria do "Sobralense", o proprietário e diretor era José Lopes, contando com a colaboração avassaladora de Cláudio Sílvio, Tiago Dutra, coloquialista, como o saudoso Damião Barreto, Fernandes Lopes, Silviano, Benedito Ribeiro, Góspalher, Alvalade, e outros. A primeira fase de "Estado do Piauí", de propriedade de Matias Olímpio, teve muitos bons redatores coloquialistas, como: Abdias Neves de Melo, Veras de Holanda e Alvaro Ferreira. Em 1948 veio "A Revista do Piauí", órgão político de grande conservadorismo, dirigido pelo ex-deputado PSD, composto entre os membros no Piauí e defendendo o voto facultativo de Pedro Freitas ao Governo do estado. Teve diretores coloquialistas, entre os quais: Coelho e Silva, Cláudio Pinheiro, A. Tito Filho, Lino Correia Lima e Luciano Noronha.

Também em 1948, surgiu o jornal crítico e humorístico, muito apreciado pelo público sob a direção do saudoso Antônio Lemos (o Semão), respeitando-se as penas de A. Tito Filho, Curió e Silva, Alzirio Lemos, Valdemar Sardes e outros. Esta foi a primeira fase do famoso nome de "cooperativo humorista". Em 1945, a Diocese de Teresina fundou "O Domínio". Em 196

vem a outra fase de "O Piauí", de propriedade de Alberoni Lemos, de saudosa memória com a colaboração dos mesmos jornalistas da primeira fase, todos de grande talento. Em 1958 havemos o "Jornal do Comércio" de propriedade e direção de Sandino Bento Cláudio Bastos, mas fundado por seu pai, dono Bastos, já falecido, homem público de rara competência e especialidade no trabalho. Nele colaboraram Cunha e Silva e outros jornalistas da nossa terra. Em 1951, outro jornalzinho.

"A Cidade", dirigido por Joaquim Mendes Olímpio de Melo, vive curta vida (1950 em) Teresina. Existe também Floriano, dois jornais: "A Voz", de Gervásio Costa e Silva; "O Povo", de José Pires Ferreira e o "Floriano", com colaboração de Osealdo de Costa e Silva, Cunha e Silva, João Cavalcante. Em 1951, o saudoso Somem público Antônio de Almeida Freitas trouxe o "Jornal do Piauí", órgão do Partido Social Democrático, é o mais antigo jornal do Piauí, com edição ininterrupta atualmente de propriedade e direção de Lameirão, Sr. Dona Maria Francisca Vieira Chaves, sendo como colaboradores Cunha e Silva, A. Tito Filho, Francisco Henrique Leão da Rocha, Zé Valter, Raimundo Ramos, Edmundo Moreira, Wenceslau Cunha, José Patrício Estrela, Sérton Cavalcante, Paulo Coimbra Diniz, Paulo José, F. Manoel Heriberto Moraes.

Em 1953, foi publicado o "O Jornal da Associação Profissional dos Jornalistas do Piauí", sob a direção de A. Tito Filho. Em 1958, foi fundado o "Jornal da Manhã", por Marcos Parente. Grande jornal diário, dos melhores do Piauí, possuindo corpo redacional de primeira ordem.

Em 1959, o precento confrade Raimundo Ranni, fundou e dirigiu "Cidade de Teresina", e, em 1962, o mesmo jornal ressurgiu sob a direção do mesmo jornalista. Em 1968, Mariano Melo Filho, já falecido, fundou e dirigiu "Imprensa do Piauí", jornal de boa acitação popular. Em 1962, apareceu o

diário "Folha do Nordeste", da propriedade de João Cláudio da Almeida, ex-governador do Estado e proscrito homem político. Em 1964, "Voz do Piauí", foi outro jornal surgido e fundado por Raimundo Leão Monteiro, já falecido. Em 1968, o jornalista, Maria Firme de Aranha Cavalcante, teimoso e brilhante, fundou "O Liberal", jornal de muito conceito em nosso meio pela nobreza de suas campanhas em defesa do povo. Tem bons colaboradores. Cunha e Silva é o mais assíduo deles. Em 1969, começou a circular no círculo dos grandes jornais do Piauí "O Estado", fundado por Venceslau Xavier Pereira e, atualmente dirigido por Heitor Felício — jornal só dos mais antipáticos da nossa terra.

"O Estado", norte à imprensa do Nordeste. Os jornalistas que compõem este matutino são: Cícero Viana, Pedro Alcântara, Elvira Raúlio, Clímena Lima, Bal, Iracema Santos Rocha, Jesus Clárceno Carneiro da Silva. Em 1970, houve o "Opinião" — de propriedade e direção de José Camilo Filho e relatado por Evandro Cunha e Silva. Seus colaboradores foram Cunha e Silva, Tiago Neto, Paula José, Cunha e Divalino Coelho. Em 1970, existe "O Jornal do Piauí".

Em 1971, começou a ser editada "A Hora" — jornal diário muito bem feito e já teve como primeiro Diretor Luis Nodini Noquera, como último Diretor, Paulo Henrique de Araújo Lima, como Editor Wilson Fernandes de Róger, como Chefe de Redação, Paulo Augusto de Araújo Lima. Os jornais "O Tempo", dirigido e redigido por Cláudio Pacheco — jornalista, jurista e escritor de projeção nacional, e a "Gazeta" de propriedade e direção de imovilável B. Lemos, homem extraordínário por sua grandeza moral e espiritual. Nos dois jornais colaborou por muito tempo escritor também, por vários anos, no "O Floriano" (o caíde de Floriano) jornal dos melhores que o Piauí já possuiu, por causa da correção de linguagem com que eram redigidos quase todos os seus artigos de fundo de autoria do mestre Ivo José Messias Loureiro — jornalista

mogestado e jurista dos maiores do Piauí. A esse trio de mestres de jornalismo — José Messias Cavalcante, B. Lemos e Cláudio Pacheco — devo os meus e o devotamento que tenho ao jornal durante cinquenta e seis anos de atividade.

Em Parnaíba os jornais de maior penetração são: "A FOLHA DO LITORAL" e a "LIBERTAÇÃO".

Em 1949, Raimundo Leão Monteiro, já falecido, ressurgiu "O DIA", de Abílio Neves, contando a liberação dos jornalistas. A. Tito Filho, Cunha e Silva, César de Aguiar, Comil Cury, Ovíncio Boavida Britto, os jornais "O DIA" e "O PIAUÍ".

"JORNAL DO PIAUÍ" — o mais antigo da cidade em circulação.

Atualmente, o seu diretor-presidente, é o Cel. Octávio Miranda. O Corpo redacional é composto dos jornalistas, Luci, Mário Soares, José Lacerda Santos e Elvira Raulino e Thais Bezerra.

O jornal "TRIBUNA DO PVO": foi fundado em outubro de 1950, pela Editora Tribuna do Povo Ltda, redator — o selecionado jornalista Rodo que desfazendo um tempão desativado, ressurgiu com o jornalista e atual dep. estadual, Tomaz Teixeira, que fundado conjuntamente com o jornal "FOLHA DO PIAUÍ", fundado no final do ano de 1953 por Paulino Santos Rocha, combativo jornalista e dep. estadual, são os únicos jornais que fazem oposição. Circulam umas 10 mil unidade. Entre os colaboradores: Paulino Santos Rocha, Cunha e Silva, Evandro Soubra e Magno Pires.

No ano de 1979, por iniciativa do prestigiado empresário, dono Elias Taft, que é também, o seu diretor-presidente, foi fundado o "JORNAL DA MANHÃ", órgão político, noticioso e cultural. O "JORNAL DA MANHÃ", é o único jornal diário de Teresina, que mantém uma página cultural, editada pelo jornalista Renard Krue. O editor é o jornalista político, Pires de Sábia; seu repórter é o jornalista José Luiz de Oliveira Filho. Co-abecedores, Cirilo Castro, Carlos São, Didiano de Castro, Mauro Júnior, Cláudio Braga, Heitor Leão da Rocha.

— artigos  
— Projeto "Museus de Múltiplos  
ORNAMENTAL DA BVRGAE  
L., fundado em 1984. Seminário de  
Projeto de Arte Sacra / Artes Visuais  
e Artes Digitais. — CORREIO DO PIAUÍ  
projeto sobre o Biematerial  
Arte e Rio Leão em 1985

Colaboradores: Leda Ribeiro  
G. — — Alves de Souza  
Nelma Thais Boaventura, Paule Jose  
e Pedro Salles

— A revista Presença, projeto do  
Secretaria de Cultura, Desporto  
e Turismo, circulação trimestral,  
com comissão: Pedro Ferreira  
e Cecília Sá. — Corrêa e Silva

Cunha e Oliveira —  
divulgadora cultural para os  
Fóruns Consultivos: Arquitetos  
Públicos, a História da Imagem  
Universidade César Pelli e  
Arquivo particular divulgador da  
matéria.

— Cunha e Silva, jornalista político,  
escritor e membro da Academia  
Piauiense de Letras.



**Visite em Oeiras, o Museu  
de Arte Sacra e o Centro Cultural  
Sobrado Major Selemérico**



# TODO RUMO TEM RIMO

O PIAUÍ, CONFIANTE NO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO INTERNO, IMPLANTOU UMA REDE DE HÓTEIS PARA VOCÊ DESFRUTAR DE CONFORTO E DE COMODIDADE, EM ROTEIROS QUE VOCÊ MESMO DESCOBRIRÁ.

**TERESINA (ESCRITÓRIO CENTRAL)**

praga marechal deodoro, 790 — FONES: (086) 223-3100 e 223-5038

LUIS CORREIA — HOTEL RIMO ATALAIA

AVENIDA TERESINA (PRAIA DO ATALAIA) — FONE: 367-1124

ESPERANTINA — EM IMPLANTAÇÃO.

PEDRO II — HOTEL RIMO PEDRO II

AVENIDA ITAMARATY (VILA SÃO JOSE) — FONE: (2711) 543

AMARANTE — POUSADA "VELHO MONGE"

RUA ABDOM MOURA, S/N, DE FREnte PARA O RIO PARNAIBA

OEIRAS — POUSADA "CASA DO CONEGO"

PRAÇA DAS VITÓRIAS, 28 — FONE: 462-1219

CANTO DO BURITI — HOTEL RIMO CANTO DO BURITI

RUA PADRE MARCOS, 364 — FONE: 531-1197

SÃO RAIMUNDO NONATO — EM IMPLANTAÇÃO.

CORRENTE — HOTEL RIMO DE CORRENTE

RODOVIA BR-135, KM 01 — FONE: 573-1499



**REDE INTEGRADA DE HÓTEIS  
E POUSADAS DO PIAUÍ S.A. — RIMO**



Vinculada à  
**SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO**